EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

A UNIÃO 132 Anos

Ano CXXXII Número 193 | R$ 4,00

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 14 de setembro de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106
Dados: 2025.09.12 22:59:27 -03'00'

ESTELIONATO MODERNO

Em um ano, número de fraudes digitais cresce 50% na Paraíba

Criminosos exploram falta de atenção e usam até selfies *das vítimas para roubar dinheiro.* *Página 7*

Foto: João Pedrosa

Projeto alfabetiza jovens e adultos e incentiva o pensamento crítico

Jornada de Alfabetização do Coletivo Mãos Solidárias utiliza método cubano para ensinar 1.200 pessoas não apenas a ler e escrever, mas a se reconhecer como sujeitos da própria comunidade, discutindo políticas públicas e direitos sociais. Turmas do projeto estão instaladas em espaços como a ocupação Terra Livre, na capital (foto).

Página 6

Paraibano foi personagem-chave na instalação da televisão no Brasil

No aniversário de 75 anos da primeira transmissão no país, Assis Chateaubriand será lembrado em seminário da UEPB.

Página 9

Contêineres ganham popularidade entre empreendedores pessoenses

Comerciantes apontam relação custo-benefício como fator importante na opção do equipamento para abrigar o negócio.

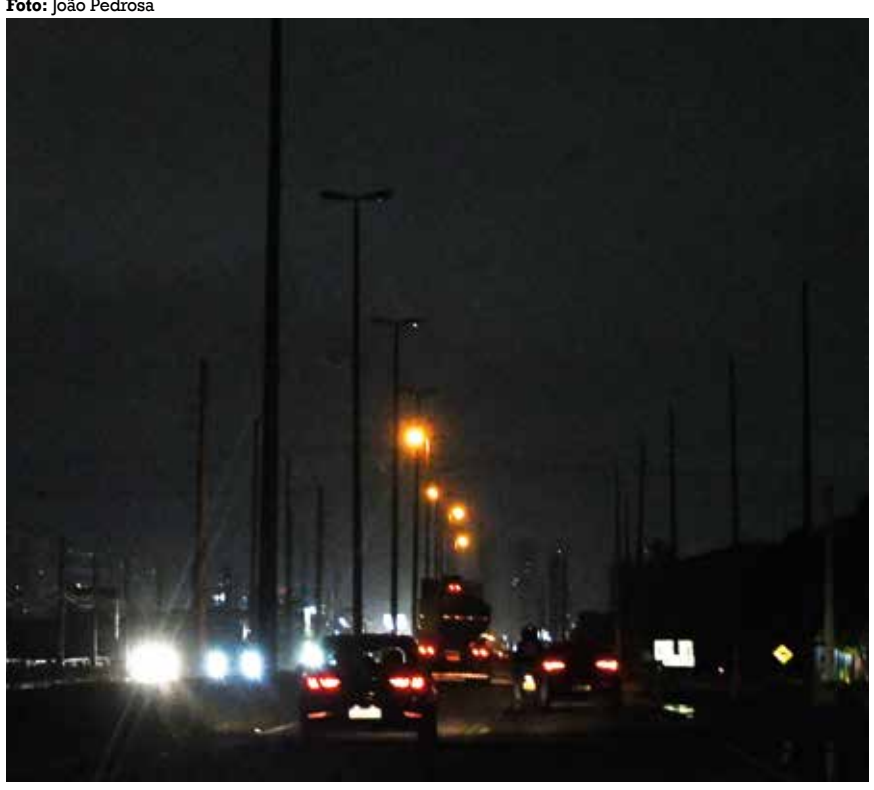
Página 17

Falta de iluminação preocupa moradores da Grande João Pessoa

Escuridão toma conta de locais como a BR-230 (foto) e o Centro da capital, aumentando a sensação de insegurança e risco de acidentes.

Página 5

Foto: João Pedrosa



■ "Muitas pessoas perguntam se EUA e China estão vivendo uma guerra fria. Não titubearia em responder que sim. A disputa atual tem um elemento-chave: ambos os países operam dentro do sistema capitalista".

Estevam Dedalus

Página 10

Ruínas da Igreja do Almagre ajudam a compreender o passado colonial

Construção tem mais de três séculos de história e encontra-se em uma posição geográfica estratégica para observação militar.

Página 25

Foto: Roberto Guedes

■ "D. Nininha o admirava, impressionava-se com o professor e estranhava que 'uma competência daquelas não morasse nas Trincheiras, num palacete de Tambiá, como veio morar depois um irmão encostado a ele'".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6500 circulacao@epc.pb.gov.br

Editorial

Um cenário possível

Ataques da Rússia à Ucrânia e à Polônia. Ataque do Hamas a Israel e contraofensivas das Forças de Segurança israelenses, assaltando a Faixa de Gaza, Irã, Síria, Líbano, Iêmen e Catar. Guerras civis na África. Ameaça dos Estados Unidos da América de invadir o Brasil e qualquer outro país do planeta, desde que "atentem contra os interesses políticos, econômicos e militares estadunidenses e a liberdade de expressão".

As tensões geopolíticas registradas em várias regiões do globo já seriam suficientes para mostrar que as análises do contexto internacional, que indicam a possibilidade de uma terceira guerra mundial, não são meras especulações. O recente encontro entre os líderes da China, da Rússia, da Índia e da Coreia do Norte, para assistir ao desfile militar chinês, em Pequim, é outra prova cabal de que é grande o risco de uma conflagração universal.

Impossível prever as consequências sociais, materiais e ambientais de um conflito generalizado, levando-se em conta o número de exércitos bem armados e, principalmente, das nações que têm arsenais nucleares. Imaginam-se colossais o cômputo de mortos e o colapso econômico, do mesmo modo que a destruição do patrimônio físico e do meio ambiente alcançaria patamares negativos jamais vistos no decorrer da história.

A memória de Hiroshima e Nagasaki, destruídas por apenas duas bombas atômicas, é suficiente para delinear o pesadelo sem precedentes originado por eventuais explosões de dezenas de artefatos nucleares. Cidades inteiras sumiriam do mapa, levando com elas prédios e moradores, além de crestar tudo que remete ao reino vegetal. Um cenário que, por enquanto e felizmente, só a arte é capaz de descrever em detalhes.

Teses como o "inverno nuclear" e o "fim da história" — esta última, do filósofo Francis Fukuyama —, e conceitos como"dissuasão nuclear", irmanado com a "destruição mútua assegurada", não inibem ou assustam mais os líderes das superpotências globais. "Vamos ver até onde vai dar" parece ser a aposta geral e o restante da população que se contente em ser mero espectador desse jogo perigoso para a vida, de modo geral.

O que fazer? A resposta não é fácil. Diante da iminência de um cataclismo global, importa, para a humanidade, primeiramente, adotar uma conduta contrária à beligerância contra a vida, no sentido mais amplo da palavra, e à sociedade civil organizada, manifestar-se, de maneira mais contundente, contra as materializações de pensamentos contrários a uma existência pacífica, seja entre os indivíduos, seja entre as nações.

Foto Legenda

João Pedrosa

Cenário de mudança

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O dia em que a lei se impôs ao arbítrio

A data de 11 de setembro ficou marcada por acontecimentos históricos no mundo inteiro, de terremotos a golpes de Estado e ataques terroristas — quase sempre eventos de caráter trágico. Em 1541, a cidade da Guatemala foi completamente destruída por um terremoto, que provocou uma grave inundação. Em 1973, com o apoio do serviço secreto dos Estados Unidos, o presidente Salvador Allende, do Chile, foi deposto e acabou cometendo suicídio no Palácio La Moneda, quando este foi atacado por canhões e aviões do Exército comandado pelo general Augusto Pinochet. Já no primeiro ano do atual milênio, em 2001, ocorreu o atentado terrorista contra as Torres Gêmeas, em Nova York, e contra o Pentágono, em Washington, executado por militantes da Al-Qaeda por meio de aviões sequestrados.

Diferentemente desses episódios marcados pela tragédia, o Brasil conseguiu transformar essa data em um momento de forte significado político. No dia 11 de setembro de 2025, a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal encerrou o julgamento dos acusados pela trama golpista que ameaçou promover uma ruptura institucional em nosso país. No futuro, será lembrado que nesse dia foi escrita uma das mais importantes páginas da nossa história republicana, quando a Justiça venceu o arbítrio e a democracia demonstrou ser mais forte que o golpismo. Pela primeira vez, um ex-presidente da República e quatro oficiais-generais foram condenados à prisão por tentativa de golpe de Estado.

Ao final dessa sessão histórica, o presidente da mais alta Corte da Justiça brasileira, ministro Luís Roberto Barroso, classificou o julgamento como um "divisor de águas" para a história do país. Trata-se, realmente, de uma decisão sem precedentes, que se revela um marco para a Justiça brasileira. A lei foi aplicada acima de interesses subalternos de qualquer natureza, com o STF exercendo, com firmeza, sua missão institucional, mostrando-se capaz de enfrentar pressões políticas internas e externas.

Ao proferir o voto que formou maioria pela condenação dos acusados, a ministra Cármen Lúcia declarou: "O que há de inédito, talvez, nessa ação penal é que nela pulsa o Brasil que me dói. A presente ação penal é quase o encontro do Brasil com seu passado, com seu presente e com seu futuro." E é verdade: nesse julgamento foi vencida a tradição histórica de golpes de Estado que nos acompanha desde a proclamação da República, em 1889. O Estado Democrático de Direito, a Constituição e o Código Penal foram preservados, superando as ameaças autoritárias postas em prática por esse grupo de intenções golpistas.

As forças democráticas do Brasil precisam compreender que esse julgamento inaugura uma nova fase da luta política, fortalecendo a unidade e a mobilização nacional para impedir que movimentos com tendências ditatoriais voltem a se repetir. A resistência pela consolidação da democracia deverá afirmar-se, capacitando-nos a enfrentar também as pressões e ameaças externas, em especial o permanente propósito do imperialismo estadunidense de exercer domínio político e econômico sobre a América Latina.

Para nós, brasileiros, o 11 de setembro não será mais o mesmo daqui por diante. Entrará para o calendário cívico de nossa Pátria como o dia em que a nossa jovem democracia impôs uma derrota histórica aos que insistem em golpeá-la.

> **A lei foi aplicada acima de interesses subalternos de qualquer natureza, com o STF exercendo, com firmeza, sua missão institucional**

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A dívida com Augusto

Sem sair daqui volto, novamente, à casa de D. Nininha, em minha Alagoa Nova. Há mais de 70 anos ela me viu passar, adolescente, com o "Eu", de Augusto, debaixo do braço, ela receosa a fazer-me seu reparo do alto de sua janela: "Você é muito novo ainda para ler essa poesia".

— Por ser difícil e triste?

E ela: "Não é por ser difícil nem triste. É na sua idade entrar num mundo sombrio, impressionante para um moço ainda sem experiência de vida".

D. Nininha foi sua aluna numa fase em que o poeta andou ensinando na Escola Normal. Formara-se em Direito, mas sem sofrer a tentação, como era da época, de ser o brilhante advogado. Sem militar numa carreira que era a porta central para o sucesso na política, na administração, no êxito social. Em vez de fazer carreira como os Rodrigues de Carvalho e seus próprios irmãos Odilon, Artur, afundou-se noutras especulações bem mais essenciais à sua poesia do que ao êxito social.

D. Nininha o admirava, impressionava-se com o professor e estranhava que "uma competência daquelas não morasse nas Trincheiras, num palacete de Tambiá, como veio morar depois um irmão encostado a ele".

— Ele já era famoso, nesse tempo da Escola Normal?

Falou que não era pela fama, mas pela emoção de suas aulas, mesmo as de Álgebra. A sala paralisava pela entonação de sua voz e de suas palavras. "Parecia não ser deste mundo".

— E ele também ensinava Álgebra?

— Ensinava, envolvendo os alunos na empolgação.

E lembrei-me da conferência de José Américo ("O pássaro molhado"), onde o conferencista se descreve andando ao lado do poeta, na Praça Comendador Felizardo (atual João Pessoa) repassando essa mesma impressão de transcendência da sua fala ou da sua récita, também curtida por uma das criaturas mais doces de minhas lembranças, d. Nininha.

Em 1982, revendo-a aos 90 anos, tive a felicidade de reencontrá-la em outro instante de emoção, ao deixarmos o Espaço Cultural inaugurado sob a batuta de Karavichevski, contratado para reger a sinfônica local numa sinfonia de Beethoven.

> **D. Nininha foi sua aluna numa fase em que o poeta andou ensinando na Escola Normal**

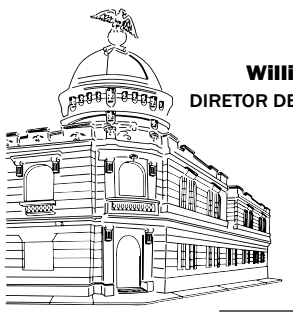
Com a diferença de que esse novo momento de elevação não atingia apenas d. Nininha e o menino que lia Augusto, mas gente de altos ou de poucos estudos, grandes e pequenos, viessem da beira-mar elitizada ou do Varjão ou Mandacaru.

Naquela noite já distante, apoiada no braço do sobrinho, o xale protegendo-lhe a garganta da forte brisa da noite, deu-me a felicidade desse novo e último encontro, justamente num momento em que todos subíamos às nuvens.

Voltei a me lembrar de tudo isto há mais de 10 anos, ali sozinho num banco de praça de minha Alagoa Nova, quer dizer, sem vivalma que me conhecesse, sem ser alvo de um cumprimento.

É o que me acode agora ao saber que na noite da nossa Academia comparece o Governador do Estado, professor João Azevêdo, de outra geração, de formação e visão essencialmente técnicas, mas de sensibilidade não alheia a essa dívida da Paraíba em face do culto do Brasil inteiro ao nosso maior poeta.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$385,00 / Semestral ..... R$192,50 / Número Atrasado ..... R$3,30
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

SAÚDE BUCAL

PB ganha 12 Unidades Odontológicas Móveis

Para aquisição das UOMs, o investimento do Governo Federal foi de R$ 4,55 mi

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Foto: Divulgação/SES/PB

Quanto ao acesso à Saúde Bucal, o estado tem a segunda maior cobertura populacional do país

Fortalecer a saúde bucal em regiões mais afastadas e com menos recursos pode ser um desafio. Pensando nisso, o Governo Federal, por meio do programa Brasil Sorridente e do Novo PAC Saúde, entregou, em agosto de 2025, 400 novas Unidades Odontológicas Móveis (UOMs), sendo 207 no Nordeste e 12 delas na Paraíba. Cada unidade tem o potencial de atender cerca de 3,5 mil pessoas e o estado já contava com duas UOMs em Cajazeiras e João Pessoa.

O investimento, nessa ampliação no estado, foi de R$ 4,55 milhões, ajudando a melhorar o atendimento odontológico para populações rurais, quilombolas, indígenas, assentadas e outras comunidades vulneráveis. A segunda fase do programa, prevista para conclusão em dezembro de 2025, entregará outras 400 unidades e mais 18 municípios paraibanos devem ser contemplados. Quanto ao acesso à Saúde Bucal, o estado tem a segunda maior cobertura populacional do país (91,53%).

Em todo o país, o investimento foi de R$ 152 milhões, beneficiando 1,4 milhão de pessoas. O Ministério da Saúde (MS) estima que a entrega das 800 unidades alcance 2,8 milhões de brasileiros. No estado, a expectativa é de que a ação das UOMs beneficie mais de 42 mil pessoas — cerca de 3.500 por unidade — nesta primeira fase. Com as entregas da segunda fase, esse número deve chegar a cerca de 105 mil pessoas. Os 12 municípios paraibanos recentemente contemplados foram Aroeiras, Capim, Cubati, Damião, Fagundes, Marcação, Mogeiro, Natuba, Pombal, Salgadinho, São Miguel de Taipu e Sumé. Segundo nota enviada pela assessoria do MS, a seleção dessas localidades contempla critérios como vulnerabilidade socioeconômica, baixa densidade demográfica, grandes distâncias territoriais e dificuldade de acesso aos serviços. "É exigido ainda que o município tenha Equipe de Saúde Bucal (eSB) cofinanciadas — que recebem recursos federais — e apresente demanda reprimida em saúde bucal. As UOMs não substituem os consultórios fixos, mas funcionam como extensão das Unidades Básicas de Saúde (UBSs), integrando as diretrizes da Estratégia Saúde da Família e fortalecendo a equidade no cuidado. As unidades estão disponíveis e a retirada é de competência dos municípios", esclarece a nota.

Um dos municípios paraibanos, contemplados nessa primeira fase, foi Aroeiras, que destaca, por meio de nota enviada pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS), que a UOM somará no trabalho já realizado junto às UBSs locais, potencializando o acesso à saúde bucal por parte da população. "Hoje, o município conta com 10 unidades de saúde e 10 equipes de saúde bucal, o que já é um grande privilégio para nossa cidade. Mesmo assim, sabemos que Aroeiras tem um território grande e que, em algumas comunidades, o deslocamento até a unidade de saúde pode ser difícil. Pensando nisso, a UOM vem para aproximar o atendimento odontológico da população, levando cuidado e prevenção para ainda mais perto de quem precisa", destaca o texto da nota.

■ A segunda fase do programa entregará outras 400 unidades e mais 18 municípios paraibanos devem ser contemplados

Brasil Sorridente fortalece a rede de serviços

O MS destaca que o programa Brasil Sorridente tem transformado a saúde bucal no país, ao ampliar o acesso e fortalecer a rede de serviços. "Especialmente, com as Unidades Odontológicas Móveis (UOMs), que levam atendimento a comunidades de difícil acesso", ressalta em nota. Na Paraíba, são 1.471 equipes de saúde bucal (eSB), 196 Laboratórios Regionais de Prótese Dentária (LRPD), 113 Centros de Especialidades Odontológicas (CEO) e 17 Serviços de Especialidades em Saúde Bucal (Sesb), alcançando mais de 91% de cobertura populacional — a segunda maior do país. Até julho de 2025, foram realizadas 285.640 primeiras consultas odontológicas e 144.054 tratamentos concluídos.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde Bucal — SB Brasil 2023, 58,4% das crianças paraibanas estão livres de cárie, enquanto a média nacional é de 53,17% e a do Nordeste, 48,73%. Já entre os adolescentes, 23,9% estão livres de cárie na Paraíba, em comparação a 33,80% no Brasil e 31,55% no Nordeste. "Esses números demonstram como os investimentos do Brasil Sorridente têm sido decisivos para melhorar a saúde bucal da população, especialmente em regiões historicamente mais vulneráveis", ressalta a nota do MS.

De acordo com o coordenador Estadual de Saúde Bucal da Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB), Matheus Medeiros Souza, embora a execução da Atenção Básica em Saúde seja responsabilidade dos municípios, o Governo Estadual atua na fiscalização e orientação, para que as políticas nacionais sejam implementadas da maneira correta. "Nesse caso, por exemplo, das UOMs, embora não seja administrado pela SES-PB, nós, em conjunto com a área técnica de saúde bucal e a Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa-PB), construímos uma nota técnica, que foi publicada em Diário Oficial, para orientar os municípios quanto à questão sanitária e, também, a questão funcional dessas unidades, e em relação a incentivos e financiamento", explica ele.

Quanto à cobertura em saúde bucal no estado (91,53%), Matheus destaca que esse dado significa que, nos municípios, a maior parte das equipes de saúde da família também dispõem de uma eSB. "Isso demonstra que, em mais de 90% do território paraibano elas estão presentes. E a gente tem duas modalidades de eSB: a modalidade 1 e a modalidade 2. Na primeira, que é predominante, temos um cirurgião dentista e um técnico em saúde bucal ou auxiliar. Na segunda, temos um cirurgião dentista e dois técnicos de saúde bucal, ou um técnico e um auxiliar. Então, na primeira são dois profissionais e na segunda são três", explica.

Ele diz, ainda, que a definição do número máximo de eSB em cada município é feita de acordo com o quantitativo populacional dessa localidade. "Esse número é igual ao número de equipes da Estratégia Saúde da Família, mas nem sempre o município tem o mesmo quantitativo dela e de eSB, o que seria o ideal. Mas isso fica a critério do planejamento de cada cidade, da gestão local, que tem um teto e pode atuar com esse número máximo ou com menos que isso. Por exemplo, um município me procurou recentemente para credenciar novas equipes, porque eles podiam ter até cinco, mas só tinham três atualmente, e iriam ampliar isso", esclarece.

Ainda em termos de Atenção Básica em Saúde, o coordenador de Saúde Bucal da SES-PB, destaca que o Estado conta com outras ações importantes. Uma delas, é um aplicativo desenvolvido pelo professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paulo Bonan, que ajuda no diagnóstico do câncer de boca. "É o Tele-Estomato. Com ele, o usuário que chega na Atenção Básica com uma lesão suspeita na boca, que pode indicar malignidade, tem o caso cadastrado nesse aplicativo. Com isso, a equipe do professor delibera com o grupo, que ajuda a ver os possíveis diagnósticos, dá um suporte, e dá os encaminhamentos corretos para o paciente. No caso da biópsia apontar, de fato, a malignidade, o paciente é encaminhado para o tratamento oncológico", explica. Matheus diz, inclusive, que pelos resultados positivos que a ferramenta vem alcançando na Paraíba, o MS está buscando replicá-la em todo Brasil.

> **"Uma nota técnica orienta os municípios quanto à questão sanitária e funcional**
>
> Matheus Medeiros Souza

Eduardo Augusto
eduardomelosocial@gmail.com

A Guerra das Canetas Vermelhas

O silêncio da noite, na sala de estudos, era quebrado apenas pelo leve sibilar do ar-condicionado e pelo raspar seco da caneta sobre o papel. O professor Almeida, em sua cadeira de couro envernizado, mergulhava no *front* de batalha que era o monte de provas sobre a mesa. Ele era um estrategista, um general conduzindo uma campanha implacável contra a ignorância, e sua arma era uma caneta vermelha de tinta permanente.

Ele não via rostos, não ouvia vozes. Via apenas alvos. Uma vírgula fora do lugar? *Zum*! Um traço vermelho preciso e cirúrgico. Um teorema aplicado com hesitação? *Zum*! *Zum*! Uma sucessão de marcas laterais, como metralhadora explodindo a lógica do texto. Um argumento frágil, uma conclusão apressada? *Zum*! Um "X" decisivo, um golpe fatal. Ele operava com a frieza de um piloto de *drone*, sentado, confortavelmente, em sua base, longe do calor e da poeira do campo de batalha real.

Sua tela era o papel pautado, seu *joystick*, a caneta. Por meio dela, ele enxergava o mundo plano e bidimensional das respostas, destituído de contexto, de suor, de ansiedade. Ele não via a mão do menino que tremia de nervosismo ao escrever aquela equação, nem os olhos sonolentos da garota que estudara até as três da manhã, depois de trabalhar o dia todo. Não sentia o desespero mudo de quem leu a pergunta e teve um branco, o pânico súbito que paralisa a mente e embaralha a memória.

Para o piloto de *drone*, o inimigo é um ponto quente na tela, uma *target* a ser neutralizado. Não há choro, não há suplica, não há o olhar de um homem já ferido e desarmado, cujo único desejo é ver sua família. Da mesma forma, para o professor Almeida, o erro era uma *target* a ser eliminado. Aquele "5,0" escrito com frieza no topo da página não carregava o peso da noite mal dormida, da expectativa dos pais, da autoestima fraturada. Era apenas uma pontuação, um resultado algorítmico de sua missão de correção.

Certa vez, uma aluna, Lara, o abordou após a aula. Seus olhos estavam vermelhos. "Professor", disse ela, a voz um fio, "eu estudei tanto para essa prova. Eu sei que errei aquele cálculo, mas eu queria entender... eu quase consegui." Ela estendeu a prova, a folha marcada pela guerra da caneta vermelha. Ele olhou para o papel, para a série de "X"s que pontuavam sua tentativa, e depois para o rosto da garota – um rosto real, úmido, cheio de uma necessidade humana que a tela do *drone* jamais mostraria.

Naquele instante, o General Almeida baixou os olhos da tela e viu, pela primeira vez, o campo de batalha. A guerra não era contra pontos abstratos chamados "erros", mas contra a dúvida, o cansaço, a fragilidade daqueles seres de carne e osso que se sentavam diante dele todos os dias. A caneta vermelha, tão precisa, era cega. Ela não media o esforço, a coragem de tentar, o medo de falhar.

O piloto de drone, se descesse do seu contêiner climatizado e visse o sangue e o luto que seu botão causou, talvez nunca mais conseguisse apertá-lo com a mesma frieza. O professor, ao olhar nos olhos de Lara e ver a história por trás de cada erro, percebeu que sua missão não era aniquilar, mas diagnosticar; não era julgar de longe, mas estender a mão de perto.

Ele devolveu a prova com um suspiro que veio de algum lugar mais profundo que o pulmão. "Senta aqui, Lara. Vamos ver onde você *quase* acertou". A batalha continuava, mas o general havia desertado. No seu lugar, agora, estava um professor. Porque a empatia, como o combate, só existe quando se olha no olho. Um dia, mesmo que leve gerações, essa terra há de florescer com a justiça que hoje lhe é negada. A questão que fica, ecoando no vácuo da nossa inação, é: quantas páginas ainda precisarão ser escritas em vermelho antes que as teclas da nossa indiferença finalmente emperrem?

Colunista colaborador

EDIÇÃO: Marcos Pereira
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

Foto: Roberto Guedes

Rudrigo Araújo

Superintendente estadual do Banco do Nordeste

"Nossa expectativa é aplicar R$ 1 bilhão em turismo só neste ano"

Em entrevista, dirigente da instituição fala sobre os resultados já alcançados, desafios que ainda existem e as metas para 2025

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Mais crédito na praça, mais oportunidades para os paraibanos. Assim pode ser resumida a atuação do Banco do Nordeste na Paraíba, que vem injetando recursos em diferentes setores da economia — do pequeno agricultor familiar no Sertão ao comerciante que busca ampliar seu negócio nas cidades do Litoral. Os investimentos não só movimentam a economia, mas também ajudam a gerar empregos e renda, transformando a vida de milhares de famílias em todo o estado.

À frente da Superintendência estadual do BNB, Rudrigo Araújo tem trabalhado para aproximar ainda mais os serviços da população, facilitando o acesso ao crédito, incentivando a inovação e apoiando projetos sustentáveis. Nesta entrevista, o superintendente fala sobre os resultados já alcançados, os desafios que ainda existem e as metas para os próximos meses. Confira:

A entrevista

■ *O Banco do Nordeste completou mais de sete décadas de atuação. Qual é o diferencial que faz a instituição apresentar resultados tão expressivos ao longo desse tempo?*

O grande diferencial do Banco do Nordeste é o propósito. Desde a sua fundação, há 73 anos, nascemos com a missão de transformar vidas, e isso nos distingue de qualquer outro banco. Não somos apenas uma instituição financeira que concede crédito; somos um banco de desenvolvimento que caminha ao lado do cliente, oferecendo apoio, orientação e acompanhamento. Esse compromisso se reflete em histórias de mobilidade social, como a de clientes que iniciaram no microcrédito, por meio do Crediamigo ou do Agroamigo, e conseguiram evoluir para se tornarem produtores consolidados ou pequenos empresários. Isso mostra que o BNB não é apenas financiador, mas parceiro da jornada de quem sonha em crescer. Essa essência transformadora explica por que continuamos alcançando números tão relevantes e consistentes, mesmo em cenários adversos.

■ *No primeiro semestre deste ano, o banco já superou expectativas em relação às aplicações do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE). Como avalia esses números?*

De fato, os resultados têm superado as metas iniciais. Havíamos planejado aplicar R$ 47 bilhões do FNE ao longo de 2025, mas, já no primeiro semestre, desembolsamos R$ 25,5 bilhões. Isso demonstra o dinamismo da nossa atuação e a alta demanda por crédito na região. Vale lembrar que o orçamento do FNE depende da arrecadação do Imposto de Renda, que tem registrado recordes, o que amplia os recursos disponíveis. Além disso, historicamente, o segundo semestre apresenta maior procura por financiamentos, especialmente em setores estratégicos. Por isso, estamos confiantes de que ultrapassaremos com folga a meta estabelecida. Essa *performance* revela não apenas a força da economia nordestina, mas também a capacidade do banco de chegar a todos os municípios da área de atuação, garantindo que os recursos sejam democratizados.

■ *Diante de uma taxa Selic de 15% ao ano, como o BNB consegue manter competitividade no crédito?*

Esse é um ponto essencial. O Banco do Nordeste possui condições únicas porque trabalha com recursos do FNE, que têm características diferenciadas. Primeiro, são isentos de IOF [Imposto sobre Operações Financeiras], o que já nos torna mais competitivos. Segundo, nossas taxas são sempre inferiores à Selic. E aqui há um aspecto singular: no mercado financeiro tradicional, os grandes empreendimentos costumam ter melhores condições. No BNB, a lógica é inversa. Quanto menor o cliente, melhores são as taxas e os prazos. Isso significa que agricultores familiares ou microempreendedores urbanos têm acesso a juros mais baixos, alguns começando em 5% ao ano, muito abaixo da Selic. Essa estrutura favorece os pequenos e garante inclusão produtiva, ao mesmo tempo que explica o motivo de mantermos indicadores sólidos mesmo em cenários econômicos complexos.

■ *O banco tem registrado inadimplência bastante reduzida, mesmo atuando fortemente com microcrédito. Como explica esse desempenho?*

Esse é um dos pontos que mais nos orgulha. Hoje, nossa taxa de inadimplência acima de 90 dias é de apenas 3,6% em uma carteira de crédito que gira em torno de R$ 166 bilhões. Parece paradoxal, já que trabalhamos intensamente com pequenos empreendedores, mas há uma explicação clara: o crédito do Banco do Nordeste nunca chega sozinho, vem acompanhado de orientação, capacitação e acompanhamento próximo. Nossos agentes de crédito visitam clientes, prestam consultoria e ajudam a estruturar o negócio. Essa presença faz toda a diferença. O cliente não se sente abandonado e, ao mesmo tempo, compreende que o crédito deve ser usado de forma responsável. Esse modelo humanizado de concessão é um dos fatores que garante o sucesso do microcrédito no Nordeste e nos permite manter índices muito abaixo da média do mercado.

■ *Há quem questione a relevância do banco em termos de resultados financeiros. O BNB precisa, de fato, dar lucro?*

É uma boa provocação. Como banco de desenvolvimento, nosso foco principal é gerar impacto social e econômico, mas a sustentabilidade financeira também é indispensável. Em 2025, no primeiro semestre, alcançamos resultado operacional de R$ 2,2 bilhões e lucro líquido de R$ 1,4 bilhão, 35% superior ao mesmo período do ano passado. Isso garante que o BNB não dependa constantemente de aportes do Governo Federal, mantendo sua autonomia e evitando ameaças de incorporação ou extinção, que já ocorreram em outras épocas. Gerar resultado financeiro significa, na prática, retroalimentar nossa capacidade de crédito, ampliar nossa carteira e atender mais pessoas. Em resumo: sem perder de vista a missão social, precisamos também mostrar consistência no mercado, o que fortalece a instituição e assegura sua longevidade.

■ *A Paraíba tem recebido destaque nos investimentos do banco. Quais áreas o senhor considera prioritárias no Estado?*

A Paraíba tem mostrado um dinamismo muito expressivo, e o BNB acompanha esse movimento. Só no primeiro semestre, aplicamos R$ 1,73 bilhão, atendendo os 223 municípios. O destaque vai para o apoio às micro e pequenas empresas, com crescimento de 16,4% em relação ao ano passado, e também para a indústria, setor que consideramos essencial para garantir sustentabilidade ao crescimento do Estado. Trabalhamos em parceria com a Federação das Indústrias para ampliar investimentos e já conseguimos triplicar o volume aplicado no setor. O turismo é outro segmento estratégico, sobretudo com o Polo Turístico do Cabo Branco, onde apoiamos todos os empreendimentos instalados. Nossa expectativa é aplicar R$ 1 bilhão em turismo só neste ano, interiorizando o desenvolvimento e impactando diretamente 52 cadeias produtivas. Esses setores são a base de uma Paraíba mais forte e equilibrada.

■ *E, em relação ao microcrédito, como estão os programas Crediamigo e Agroamigo na Paraíba?*

Esses programas são a essência da missão do Banco do Nordeste. No âmbito nacional, o Agroamigo tem 1,7 milhão de clientes ativos e carteira de R$ 15,5 bilhões, enquanto o Crediamigo atende 2,1 milhões de clientes com carteira de R$ 5,9 bilhões. Na Paraíba, temos participação expressiva, respondendo por mais de 10% dos resultados do banco. Só em 2025 já desembolsamos R$ 355 milhões pelo Agroamigo e R$ 422 milhões pelo Crediamigo. Nossa expectativa é ultrapassar R$ 1 bilhão em cada programa no estado até o fim do ano. Vale destacar que a maioria dos clientes são mulheres: 52% no Agroamigo e 68% no Crediamigo. Isso mostra como o microcrédito tem contribuído para a inclusão produtiva feminina e para a transformação imediata da vida de milhares de famílias paraibanas.

■ *O senhor citou investimentos em inovação. Qual o papel desse setor na estratégia do BNB?*

Inovação é pauta prioritária. O Nordeste tem polos consolidados, e a Paraíba é referência desde a década de 1970, sobretudo em Campina Grande. Por isso, estruturamos aqui projetos de desenvolvimento territorial, como o Programa de Desenvolvimento Territorial [Prodeter], que articula instituições e organiza cadeias produtivas. Hoje temos 36 projetos no estado, sendo um deles dedicado à inovação. Os resultados já aparecem, com empreendimentos fortalecidos e novos negócios surgindo. No primeiro semestre, aplicamos R$ 1,7 bilhão em inovação na região, o que reforça nosso compromisso com o futuro. Um marco importante é a instalação do quarto Hub de Inovação do BNB na Paraíba — os outros estão em Fortaleza, Recife e Salvador. Esse reconhecimento nacional ao perfil inovador paraibano será um divisor de águas para *startups*, universidades e empreendedores que buscam transformar ideias em oportunidades concretas.

■ *Outra área mencionada foi a sustentabilidade. Como o banco atua nesse campo?*

Sustentabilidade é transversal a todas as nossas ações. Todos os projetos financiados passam por análise socioambiental rigorosa. Além disso, temos linhas estratégicas específicas para a transição energética. Desde 2017, construímos uma carteira ativa de R$ 42 bilhões em energias renováveis. Isso significa que todas as usinas solares e eólicas instaladas no Sertão paraibano, por exemplo, contam com participação do BNB. Também financiamos obras de saneamento, gestão hídrica e melhorias sanitárias em propriedades rurais, como construção de poços e banheiros. Essa abordagem não apenas garante a viabilidade dos negócios, mas melhora a qualidade de vida das comunidades atendidas. Mais do que um selo verde, buscamos evidenciar em nossos resultados o compromisso com uma economia limpa, inclusiva e sustentável, que aproveita o enorme potencial do Nordeste em energia e recursos naturais.

■ *O setor cultural também tem sido mencionado como estratégico. Como o banco apoia a cultura na Paraíba?*

A cultura é vista por nós como vetor de desenvolvimento. Embora o volume de aplicações seja menor quando comparado à indústria ou ao turismo, temos políticas específicas para o setor. Periodicamente lançamos editais de fomento cultural com recursos não reembolsáveis, que já chegaram a R$ 15 milhões em um único ano. Também atuamos com patrocínios, como o apoio histórico ao Fest Aruanda, que completa 20 anos e que, em 2025, terá novamente o Prêmio BNB de Curta-Metragem. Além disso, contamos com centros culturais, como o de Sousa, que promove atividades em todo o estado. Em João Pessoa, desenvolvemos iniciativas voltadas à economia criativa. A cultura gera identidade, autoestima e oportunidades, por isso que continuaremos valorizando-a como parte essencial da nossa missão de transformação.

■ *O senhor mencionou a importância de interiorizar o turismo. Como isso tem sido colocado em prática na Paraíba?*

A interiorização do turismo é um desafio estratégico, já que o desenvolvimento ainda está muito concentrado em João Pessoa e Campina Grande. Atuamos em três frentes principais. A primeira é a estruturação de projetos do Programa Prodeter voltados ao turismo no Brejo e no Sertão, que organizam cadeias produtivas locais. A segunda é o patrocínio de eventos e rotas culturais, como o Caminhos do Frio e o Festival de Inverno das Serras, que só existem graças ao apoio institucional de parceiros como o BNB. A terceira frente é o crédito direto a empreendedores do setor, com prioridade para aqueles inseridos em projetos territoriais. Essa combinação garante a criação e manutenção de produtos turísticos, gera atratividade regional e fortalece cadeias produtivas diversas. Nossa meta é que a Paraíba ultrapasse R$ 1 bilhão em aplicações no turismo ainda neste ano.

■ *Para encerrar, qual o impacto social do BNB na Paraíba, em 2025?*

Nosso compromisso vai além dos números financeiros: olhamos para o balanço social. No primeiro semestre, só na Paraíba, nossas operações permitiram a geração ou manutenção de mais de 22 mil empregos, injetaram R$ 306 milhões em massa salarial e contribuíram com R$ 67 milhões em arrecadação tributária. Em termos de Produto Interno Bruto, estimamos incremento de R$ 1,4 bilhão no Estado. Esses indicadores mostram o alcance real do nosso trabalho: desenvolvimento que se traduz em renda, emprego e melhoria da qualidade de vida. O Banco do Nordeste não atua sozinho — caminhamos com parceiros institucionais, com governos e, principalmente, com os próprios empreendedores. É essa união de esforços que garante a efetividade da nossa missão de transformar vidas e promover inclusão produtiva em todos os cantos da Paraíba.

INFRAESTRUTURA

Escuridão toma conta da capital

Iluminação ineficiente atinge áreas centrais e rodovia em obras; população reclama de riscos de acidentes e assaltos

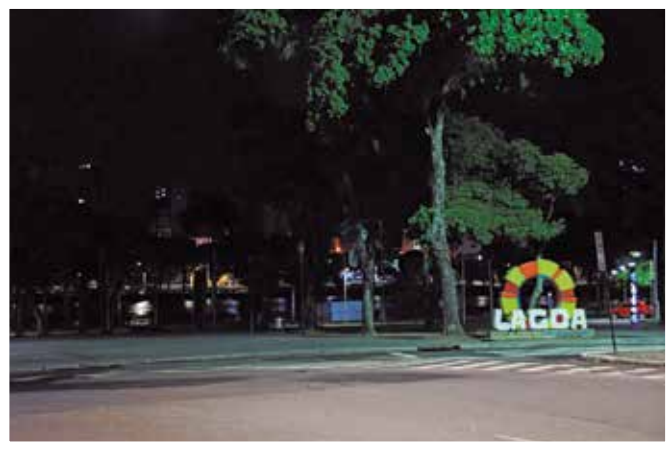
Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Segurança

Um comerciante narrou que, há poucos dias, havia sido roubado. Contou também que pessoas a espera do ônibus foram ameaçadas por um homem armado com uma faca

Fotos: João Pedrosa

Além da pouca iluminação, há relatos de falhas em algumas lâmpadas que clareiam o terminal de ônibus localizado próximo ao Parque Sólon de Lucena



"Eu nunca vi uma cidade tão escura como João Pessoa". É o que diz o aposentado Manoel Orlando, que se queixa da iluminação precária, principalmente no Centro da cidade.

Ele não é o único a reclamar. Quem precisa usar o Terminal de Integração do Varadouro, após o entardecer, tem enfrentado à escuridão que deixa o local, pouco movimentado durante a noite, ainda mais perigoso. Furtos e assaltos são constantes, e a falta de iluminação aumenta a sensação de insegurança. É o que relatam comerciantes e usuários de transporte público que frequentam o local.

O comerciante Luciano Cardoso relatou que não mantém seu estabelecimento aberto à noite, mas, quando fecha, por volta das 18h, o local está escuro. Ele contou que já aconteceram algumas situações de falha na iluminação do terminal. Em um dos eventos, no qual a iluminação do terminal falhou, as luzes de uma das vias que ilumina o ambiente não acenderam, deixando o local na penumbra. Segundo ele, mesmo quando não há falhas, a iluminação da área é insuficiente, causando uma sensação de insegurança nas pessoas que precisam esperar o transporte público. "Ali em cima fica bastante esquisito", informou, referindo-se à via mais alta do terminal.

Outro comerciante, que preferiu não se identificar, contou que costuma fechar cedo justamente porque o local torna-se perigoso à noite. Ele narrou que, há poucos dias, foi assaltado enquanto encerrava o expediente: o criminoso aproveitou-se de um momento de distração, quando guardava a mercadoria, e levou uma caixa de refrigerantes.

O vendedor também informou que, recentemente, um homem armado com uma faca tentou assaltar pessoas que aguardavam o ônibus, mas acabou sendo contido pela Guarda Civil.

Para ele, a falta de iluminação só piora a situação. "Acho que faz um mês que está assim e eu não sei por que não consertam. Muita gente já pediu, ouvi dizer que precisa de um projeto, mas não sei", comentou.

Manoel Orlando lembrou que o problema atinge vários locais da cidade. "Faz bem um ano que eu noto isso. A escuridão está horrível, no Pavilhão do Chá, no Centro da cidade, Praça da Independência, é tudo escuro. Eu já falei até com o prefeito, pessoalmente, para ele iluminar o Pavilhão do Chá, que ali é um lugar onde ninguém pode passar, à noite é esquisito, dá muito marginal naquela localidade. A Lagoa [do Parque Sólon de Lucena] antigamente era uma beleza, a gente corria, fazendo exercício físico, durante a noite. Hoje em dia é uma escuridão. Quando coloca a lâmpada são aquelas de luz amarela, aquilo não serve de nada", opinou.

Em visita noturna, a reportagem de **A União** também constatou iluminação insuficiente na Praça Antenor Navarro e seus arredores, no Centro Histórico.

Trecho de 13 km na BR-230 é o mais criticado

O problema da luz insuficiente não se restringe apenas ao Centro de João Pessoa. Na BR-230, a iluminação também é precária, principalmente no trecho que vai do km 0 ao km 13, em Cabedelo, que, atualmente, passa por obras de triplicação. Grande parte dos postes da área não acende durante a noite.

A psicóloga Helena Jaguaribe, que mora na região, afirmou que a situação vem deixando a população insatisfeita. Ela informa que o trecho transformou-se em uma zona de perigo e insegurança para motoristas, pedestres e ciclistas. A falta de sinalização adequada e, sobretudo, a iluminação precária tornaram-se fatores críticos que têm causado acidentes frequentes e colocam vidas em risco diariamente.

Helena comentou que, além da falta de iluminação, a sinalização precária da obra também representa risco. Segundo ela, os trabalhos, que se arrastam há anos, parecem não seguir um plano de segurança viária. "A sinalização é praticamente inexistente, com poucos cones, placas confusas e ausência de desvios claros, o que confunde motoristas e causa manobras arriscadas. Quando o sol se põe, o problema se agrava. A escuridão total em muitos pontos da rodovia impede que os condutores enxerguem buracos e desníveis, elevando o risco de colisões e atropelamentos", relatou.

A psicóloga destacou, ainda, que a situação é mais crítica para quem vive às margens da rodovia, como os moradores do Condomínio Alamoana, no km 10, que precisam fazer manobras em meio ao caos para acessar suas casas. Para ela, os acidentes poderiam ser evitados com medidas simples, como instalação de iluminação pública nos trechos em obras, uso de placas e sinalizações luminosas, que indiquem os desvios, e aumento da fiscalização para garantir a segurança dos trabalhadores e dos usuários da rodovia. "É inaceitável que a busca por infraestrutura leve ao sacrifício do bem-estar e da segurança de quem vive e utiliza a BR-230", finalizou.

O técnico de Informática Lauro Rodrigues relata vários meses de escuridão na área de Camboinha. "Cada dia piora porque, além da escuridão, ainda tem os buracos da BR, que fazem com que a gente tenha que triplicar a atenção para não acontecer nenhum tipo de acidente. Inclusive, já aconteceu comigo de um pneu do carro estourar por conta de um buraco. Devido à escuridão, não conseguimos enxergar quase nada, realmente é horrível. Após as 18h, o tráfego se torna extremamente complicado, só passamos porque é realmente necessário", concluiu.

Segundo cidadãos que transitam cotidianamente, o percurso tornou-se inseguro para condutores, pedestres e ciclistas

Órgãos são procurados para dar esclarecimentos

A Prefeitura de João Pessoa iniciou, há cerca de um mês, o projeto de modernização da iluminação pública que visa substituir todas as lâmpadas da cidade por *LED*. O projeto teve início no bairro dos Expedicionários e a previsão, na época, era de que toda a iluminação seria substituída em 10 meses.

A reportagem de **A União** procurou a Secretaria de Infraestrutura (Seinfra) de João Pessoa, por telefone e pessoalmente, para saber sobre o andamento do projeto e também questionar a falta de iluminação adequada nos locais da capital que foram citados na matéria.

Durante visita presencial, a reportagem não foi recebida pelo secretário-executivo da pasta. Por meio de sua secretária, ele informou que estava em reunião e que a resposta seria encaminhada, posteriormente, pela assessoria de comunicação. No entanto, quatro dias depois, quando esta edição foi concluída, o posicionamento ainda não havia sido enviado.

No caso da BR-230, o setor de iluminação pública da Seinfra de Cabedelo informou que, desde o início das obras do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), não pode mais intervir na área. Nas imediações da Mata da Amem, os postes centrais foram retirados e ainda não foram instaladas redes de iluminação nas laterais. O setor reconheceu que tem recebido críticas e chamados sobre a situação, mas reforçou que não tem como agir.

O Dnit, por sua vez, informou que os trechos que estão sofrendo intervenção, com alteração da geometria da via, terão seu sistema de iluminação pública adequados a esta melhoria, logo, no trecho em questão, houve a necessidade de remoção da iluminação existente para a execução dos serviços de terraplanagem e pavimentação, para posterior implantação do novo sistema, que é uma das últimas etapas construtivas da obra.

Sobre a segurança, a Polícia Militar informou que mantém uma base fixa no Terminal de Integração do Varadouro, com efetivo presente das 7h às 19h. Durante a noite, o patrulhamento é realizado por meio de rondas de viaturas no local.

Equipe do jornal **A União** procurou duas vezes a Seinfra-JP, por telefone e presencialmente, no entanto, até o fim da reportagem, não obteve resposta

EDIÇÃO: João Pedro Prado
EDITORAÇÃO: Gabriel Bonfim

EDUCAÇÃO E CIDADANIA

Projeto alfabetiza jovens e adultos

Utilizando método cubano, ação visa ensinar 1.200 alunos a ler e escrever até dezembro na Grande João Pessoa

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Não é apenas ensinar a ler e escrever, mas construir, também, uma leitura de mundo com base na realidade de cada educando

Mirna Lomanto

Fotos: João Pedrosa

Multiplicidade do público que frequenta as aulas é utilizada como mais um instrumento didático-pedagógico de ensino

"Como falar com meus patrão. Ele digita pra mim e eu não sei digitar. Só sei mandar áudio. Também não sei fazer Pix. Eu não tenho muito estudo, não consegui aprender". Aos 46 anos, Alexandre Bernardo nunca teve a chance de ser alfabetizado. Pedreiro e pai de seis filhos, ele é um dos 1.200 estudantes que decidiram enfrentar o tempo e as marcas de uma história coletiva de negação de direitos, entrando para uma das 76 turmas da Jornada de Alfabetização.

A Paraíba ainda registra 13,2% de analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e o projeto desenvolvido pelo Coletivo Mãos Solidárias tenta justamente diminuir esse índice, considerado alto.

As aulas, ministradas para jovens, adultos e idosos, começaram em 18 de agosto e acontecem quatro vezes por semana. Com duas horas diárias de duração, elas vão se estender até dezembro. Espalhados por 33 bairros tanto da capital quanto da Região Metropolitana, os educadores estão nas principais comunidades das periferias urbanas de João Pessoa, Santa Rita, Bayeux e Cabedelo.

O projeto ganha capilaridade e atinge o público-alvo por uma rede preexistente de organizações sociais e políticas já estabelecidas nessas localidades. As aulas acontecem em ocupações, paróquias, terreiros, associações de moradores, garagens de casas e em escolas que se abriram para receber as turmas.

A iniciativa procura se diferenciar de outras com o mesmo objetivo. A diferença fundamental está também no método utilizado com os alunos, como explica Mirna Lomanto, coordenadora estadual da Jornada de Alfabetização. "Não é apenas ensinar a ler e escrever, mas construir, também, uma leitura de mundo com base na realidade de cada educando, incentivando criticidade, motivação e trocas de saberes entre alfabetizadores e alunos. Da mesma forma como eles vão para a sala para aprender um pouco sobre esse sistema gráfico de leitura e números, eles vão para contribuir no processo educativo uns dos outros e para contribuir na construção pedagógica com o alfabetizador".

Essa leitura de mundo, à qual Mirna se refere, é crucial para alunos como Alexandre Bernardo, cuja realidade é difícil. O aluno vai direto do trabalho, nos canteiros de obra, para as aulas de alfabetização. "Eu saio [para o ofício] de sete, sete e meia, né? Aí chego mais ou menos às cinco e meia da tarde. Quando dá umas seis e vinte, já me preparo para ir para a aula, estudar, entendeu? E fico na aula até as nove da noite". Essa é a rotina de Alexandre para conseguir se alfabetizar.

Os encontros acontecem na ocupação Terra Livre, instalada no antigo prédio da TV O Norte, no Centro de João Pessoa.

Evasão é combatida desde a preparação daqueles que lecionam

Com tantos desafios a enfrentar, um dos obstáculos para garantir a permanência dos alunos no projeto é o abandono das aulas, o que pode significar a última chance perdida de alfabetização dessa pessoa.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), por exemplo, enfrenta hoje um cenário de forte evasão escolar. Dados do Censo Escolar 2022 apontam que o número de matrículas nessa modalidade caiu de 3,5 milhões em 2018 para 2,7 milhões em 2022, o que representa uma redução de mais de 21%. Essa queda revela o desafio de garantir o acesso e, principalmente, a permanência de jovens e adultos em sala de aula.

Processo pedagógico associa números, letras e palavras para facilitar a aprendizagem

Mirna Lomanto, no entanto, afirma que a evasão entre os alunos que frequentam as aulas da Jornada de Alfabetização é muito menor, uma vez que não é vista apenas como responsabilidade do educando, mas também do alfabetizador. Segundo ela, é desenvolvido um trabalho de motivação junto aos alfabetizadores e mantida a percepção de sempre buscar os alunos, procurando compreender os motivos que levam à ausência nas aulas.

Método e amplitude

A Jornada de Alfabetização está presente nos nove estados nordestinos, além de Minas Gerais e São Paulo. Financiado pelo Ministério da Educação e operacionalizado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o projeto oferece bolsas-auxílio para coordenadores e alfabetizadores.

O processo pedagógico segue o modelo cubano chamado *Yo, sí puedo* (Sim, eu posso). Criado, em 2001, pela pedagoga cubana Leonela Inés Relys Díaz em parceria com o Instituto Pedagógico Latino-Americano e Caribenho, o método já foi aplicado em mais de 30 países.

Ele funciona utilizando números associados a letras e palavras para facilitar o processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita. O processo combina materiais audiovisuais (como vídeos e cartilhas) com aulas presenciais ministradas por alfabetizadores. Segundo a Unesco e organismos internacionais, o programa ajudou milhões de pessoas a se alfabetizar, sendo reconhecido por sua eficiência em contextos de vulnerabilidade social.

A formação dos educandos para a Jornada de Alfabetização aconteceu em Lagoa Seca, no Centro de Formação Elizabeth e João Pedro Teixeira, com um processo de diálogo no campo da Educação Popular. Os facilitadores, muitas vezes moradores das próprias comunidades, foram capacitados para trabalhar com essa metodologia.

A mobilização para despertar o interesse de tanta gente, por sua vez, foi feita porta a porta. "Os coordenadores de turma articularam alfabetizadores dentro dos territórios, pessoas das próprias regiões", acrescenta a coordenadora.

Jornada prevê formação de cidadãos politizados e críticos

A proposta da Jornada de Alfabetização não envolve política partidária, mas promove debates sobre política social, políticas públicas e direitos sociais, incentivando os educandos a desenvolver consciência crítica e a se reconhecer como sujeitos ativos em sua comunidade.

Segundo a coordenadora do projeto na Paraíba, isso integra a rotina de estudos a um processo de formação política. "Isso vai dando esperança, porque você vai vendo as pessoas se motivando a estudar, a participar de outros coletivos e a se engajar em outros processos de luta. A gente tem discutido muito com os alfabetizadores o projeto do plebiscito popular para a taxação dos super-ricos, a isenção do Imposto de Renda. Então, começamos a articular outras conversas, outras discussões políticas, e isso possibilita uma perspectiva de futuro, de construção conjunta do futuro", defende Mirna Lomanto.

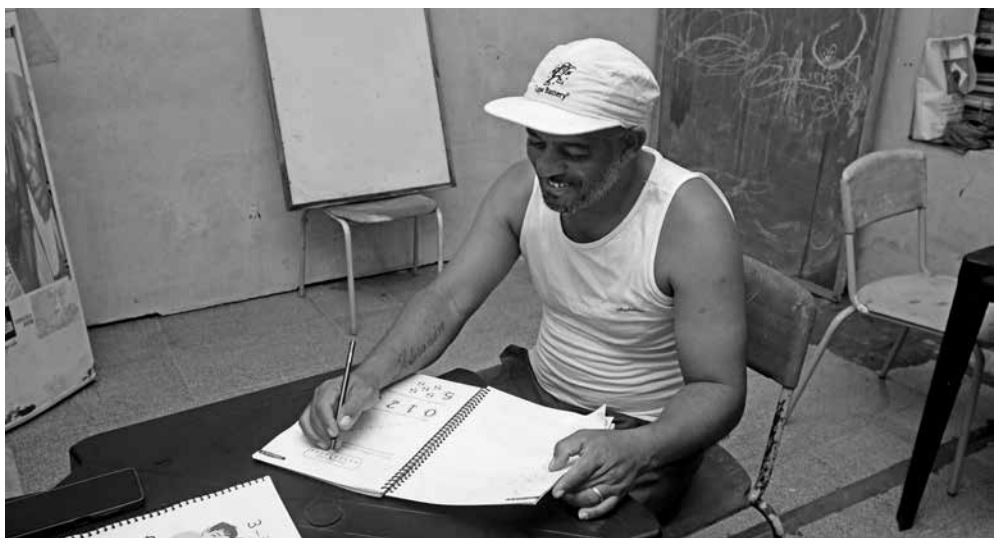
Essa perspectiva de futuro não é apenas teórica. Foi assim também para Alexandre Bernardo. Tendo se mudado para João Pessoa em 2000, ele não conseguiu romper completamente com o analfabetismo em sua família. Dos seis filhos que teve, em dois casamentos, apenas a mais velha conseguiu ser alfabetizada.

"Foi a melhor coisa que aconteceu, depois de 46 anos ter a oportunidade de voltar atrás, né? No tempo que a gente viveu. E eu só agradeço ao Mãos Solidárias. Hoje a tecnologia nas redes sociais se torna fácil, mas pra mim é difícil, tá entendendo? Agora, depois de 46 anos, estou tendo essa chance pra também ajudar minha mãe e meus irmãos".

Vida digital

Se antes o maior constrangimento de um adulto não alfabetizado era não conseguir ler um documento ou uma placa de ônibus, a exclusão contemporânea aprofunda os abismos e acontece na palma da mão. A tela de um *smartphone* torna-se um labirinto indecifrável para realizar um Pix, pagar uma conta ou acessar um simples *wi-fi*. A sociedade acelerou para o digital, mas ainda deixa para trás milhões de brasileiros para quem a tecnologia, em vez de facilitar, escancara uma exclusão profunda.

"Essas pessoas não estão aprendendo para mudar a carreira delas, porque a maioria já tem suas próprias percepções e concepções de vida. Mas a alfabetização pode ser uma abertura de outros caminhos, uma ferramenta para ajudar a entender a realidade. É a concepção de que o educando tem muito a oferecer e muito a ensinar nesse processo", conclui a coordenadora.



Alexandre demonstra felicidade e gratidão ao Coletivo Mãos Solidárias pela oportunidade

FRAUDES DIGITAIS

Casos aumentam 50% no estado

Crimes de estelionato eletrônico, como o "golpe da selfie*", exploram a falta de atenção e o excesso de confiança da vítima*

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Alguém aborda você no meio da rua para oferecer um mimo ou dinheiro e pede-lhe que tire uma *selfie* para "comprovar" ou "liberar" a entrega. Ou ainda: você pega um táxi qualquer na rua e, ao fim da viagem, o motorista diz só aceitar pagamento em cartão. Momentos corriqueiros como esses podem se revelar cenários de fraudes digitais, que têm se utilizado de ferramentas como maquinetas de cartão e sistemas de reconhecimento facial para roubar dinheiro de seus alvos.

No chamado "golpe da *selfie*", o criminoso, já tendo obtido os dados pessoais da vítima, pede para registrar uma fotografia do rosto dela, momento em que explora sua biometria facial para acessar uma plataforma de instituição bancária e fazer empréstimos ou transferências, por exemplo. No "golpe da maquininha", por sua vez, o criminoso utiliza-se de uma maquineta com visor quebrado — que dificulta a visualização do valor cobrado e do *status* da transação — e da troca do cartão da vítima, sem que ela perceba. Em ambos os casos, os alvos costumam perceber o crime apenas depois de sua consumação.

Segundo o Anuário Brasileiro da Segurança Pública de 2025, publicação do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os casos de estelionato na Paraíba aumentaram de 6.443 ocorrências, em 2023, para 9.756, em 2024 — uma alta de mais de 50%, muito maior que a média brasileira, de 7,8%. Quanto ao estelionato por meio eletrônico, categoria em que se encaixam os golpes digitais, os números estaduais passaram de 1.030 para 1.543 casos — crescimento, igualmente, de cerca de 50%, contra 17% no país todo. Ainda assim, consideradas as taxas desses crimes por 100 mil habitantes, a Paraíba tem mantido índices inferiores aos de outros estados: no ano passado, essas marcas foram de 235,4 para as ocorrências de estelionato — a mais baixa do Brasil — e de 37,2 para a modalidade eletrônica — uma das quatro menores no país.

Em termos nacionais, o último anuário relata que os casos de estelionato foram os únicos entre os tipos de crime patrimonial que aumentaram de 2023 a 2024, com um acréscimo de 7,8%. Vale ressaltar que os registros de estelionato eletrônico em todo o Brasil puxaram o índice para cima, com um salto de 17%. No total, foram cerca de 2,2 milhões de casos de estelionato em 2024 — ou seja, aproximadamente quatro golpes por minuto, valor quatro vezes superior ao de 2018. O número é curioso quando comparado, por exemplo, aos crimes de roubo no Brasil, que tiveram queda, de 2018 a 2024, de mais de 50%. Na análise de especialistas, publicada no próprio anuário, a leitura é de que criminosos têm focado, cada vez mais, em táticas eletrônicas e digitais de operar, especializando-se nisso.

Foto: João Pedrosa

Ao pedir para tirar fotos dos seus alvos, falsos prestadores de serviços usam a biometria facial para acessar plataformas bancárias

O que diz a lei

O Código Penal reconhece, no artigo 171, o crime de estelionato, caracterizado como o ato de "obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil ou qualquer outro meio fraudulento". Ou seja, quando uma pessoa engana outra para ter vantagem econômica de forma ilegal. Desde 2021, o mesmo artigo também prevê como crime o estelionato eletrônico, considerando, assim, golpes que utilizam "redes sociais, contatos telefônicos ou envio de correio eletrônico fraudulento", com pena de reclusão de até oito anos e multa. Essa pena ainda pode aumentar em a partir de um terço do valor, se o crime for cometido contra pessoas idosas ou vulneráveis, se for utilizado servidor mantido fora do território nacional; ou se ocorrer contra entidade de direito público ou instituto de economia popular, assistência social ou beneficência.

Bancos já investem bilhões para reforço em segurança

O corregedor-geral da Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB), o defensor público Coriolano de Sá Filho, indica que há uma série de vulnerabilidades levadas em conta pelos golpistas que praticam fraudes digitais. "Falta de atenção (digitar senha sem conferir o valor, por exemplo); excesso de confiança em ligações, mensagens ou contatos falsos; pressa (agir rapidamente sem checar as informações); e situações de fragilidade, incluindo idosos ou pessoas de pouca familiaridade com tecnologia". Coriolano explica, ainda, que as empresas do setor financeiro também podem ser responsabilizadas por esse tipo de ocorrência. "Se a instituição financeira não adotar medidas de segurança adequadas ou deixar de agir diante de movimentações suspeitas, poderá ser obrigada a ressarcir a vítima. Essa responsabilidade já foi reconhecida pela Justiça em casos de idosos enganados por fraudadores", pontua o representante da DPE-PB.

De fato, tendo recebido uma série de denúncias de clientes, a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) passou a tomar medidas para enfrentar os novos tipos de golpes. "Os bancos não têm poupado esforços e, sobretudo, investimentos no combate a crimes contra nossos clientes. Temos investido constantemente, e de maneira massiva, em campanhas de conscientização e esclarecimento com a população, por meio de ações de *marketing* em TVs, rádios e redes sociais. E, no ano passado, foram investidos cerca de R$ 5 bilhões em segurança e prevenção a fraudes e crimes cibernéticos", afirma Walter Faria, diretor-adjunto de Serviços da entidade.

A partir das denúncias registradas, a Febrabran elencou, inclusive, os principais tipos de fraudes digitais no país, que abrangem falsos boletos, vendas, central de atendimento, investimento e motoboy, além de golpes via WhatsApp, troca de cartão e "mão fantasma" (quando o criminoso consegue instalar, no celular da vítima, um aplicativo que lhe permite acessar remotamente o dispositivo).

Foto: Roberto Marcelo/DPE-PB

Se a instituição financeira deixar de agir diante de movimentações suspeitas, poderá ser obrigada a ressarcir a vítima

Coriolano de Sá

Recursos tecnológicos auxiliam na prevenção

Algumas medidas podem ser tomadas para os usuários prevenirem-se contra golpes digitais, conforme aponta a Febraban. No caso do "golpe da maquininha", recomenda-se não aceitar realizar pagamentos se o visor do equipamento estiver danificado; ao digitar a senha, garantir que ela não esteja visível para outras pessoas ao redor; ao fazer pagamento em maquinetas de entregadores ou prestadores, nunca entregar o cartão, mas sempre fazer o processo você mesmo; como medida de segurança, ativar o SMS de mensagens de alerta de transações realizadas em tempo real; não aceitar presentes ou brindes inesperados, sem saber quem realmente enviou. Já para se proteger do golpe do falso taxista, use os serviços de transporte por aplicativo e faça o pagamento antecipado por meio da plataforma, ou prefira solicitar táxis de pontos credenciados. E para evitar cair no "golpe da *selfie*", jamais se deve aceitar tirar fotos de rosto para receber brindes ou para atender qualquer outro pedido feito por desconhecidos.

Para aqueles que tenham sido vítimas de algum desses crimes, o corregedor-geral da DPE-PB orienta quais ações devem ser tomadas. "Deve-se ligar imediatamente para o banco, solicitar o Mecanismo Especial de Devolução (MED) do Pix, registrar um Boletim de Ocorrência junto às autoridades policiais, trocar a senha e ativar a autenticação em dois fatores e dar preferência por aplicativos que usem a dupla verificação", aconselha Coriolano de Sá Filho.

Um dos desafios no combate a esses crimes é que eles são de difícil investigação e culpabilização e, por isso, vêm tornando-se práticas ainda mais usuais. De acordo com o Anuário Brasileiro da Segurança Pública, apenas 2,4% dos casos de estelionato registrados pelas polícias civis chegam até o Poder Judiciário. "Como resultado", informa a publicação, "o risco de ser punido pelo cometimento de um estelionato é muito baixo e, quando o autor é identificado, no máximo, ele irá repor o prejuízo causado e não será sancionado penalmente".

Como alerta o representante da Defensoria Pública, "os golpes digitais usam telefones e WhatsApp com números trocados constantemente, contas bancárias falsas são abertas em bancos e *fintechs*, em alta velocidade, e muitos criminosos atuam em outros estados, o que dificulta o rastreamento".

Reação

Caso tenha sido vítima de um crime do tipo, o consumidor deve acionar a empresa bancária, registrar um Boletim de Ocorrência e trocar suas senhas

Foto: Leonardo Ariel

Usuário deve recusar pagamento se o visor da maquineta estiver danificado e jamais entregar o cartão durante o processo

EXPOFEIRA 2025

Capital tem oito dias de agronegócio

Realizado até o próximo fim de semana, evento promovido pelo Governo Estadual deve reunir cerca de 100 mil pessoas

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Fotos: Leonardo Ariel

Atrações oferecidas no Parque de Exposições Henrique Vieira de Melo incluem exposições de animais, máquinas e outros aparatos da agropecuária

Começa hoje, em João Pessoa, a Expofeira Paraíba Agronegócios 2025. O evento acontece no Parque de Exposições Henrique Vieira de Melo, no bairro Cristo Redentor, e deverá reunir cerca de 100 mil pessoas, entre produtores, artesãos, comerciantes, artistas e visitantes, ao longo de oito dias de programação. A Expofeira vai até o próximo domingo (14), das 10h às 22h, e a entrada é gratuita.

A expectativa do secretário de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca da Paraíba (Sedap-PB), Joaquim Hugo, é que o evento possa acertar negócios que, ao todo, girem em torno de R$ 50 milhões. "Vamos ter leilões de animais, exposição de máquinas, veículos e outros aparatos tecnológicos. É o maior evento do ano da agropecuária, de um circuito que retomou uma quantidade importante de encontros dos produtores", comentou o titular da Sedap-PB.

Serão apresentados, na ocasião, mais de dois mil animais. Nesse total, estarão 770 bovinos, 590 caprinos e ovinos, 430 cavalos mangalarga marchador, 145 minigados e 84 cães de várias raças, exibidos por meio do Kennel Club da Paraíba. Haverá, ainda, a Expo Anglo Nacional 2025, mostra da raça caprina anglo-nubiana.

Além das tradicionais exposições de animais e máquinas, a feira contará com comércio de produtos alimentares — como queijo, mel e cachaça — e feiras de artesanato. Também serão oferecidos cursos e palestras sobre agronegócio.

"Um evento como esse dá uma visibilidade enorme para o setor agropecuário. Todo fim de semana, a gente está em todas as regiões do estado, mostrando a importância do setor. A gente abre espaço para grandes e pequenos produtores e para os seus produtos. É uma potencialização de toda essa cadeia muito importante", explicou Joaquim Hugo, referindo-se a um calendário anual que inclui a Expoprata, na cidade de Prata; a Feira de Negócios do Vale do Paraíba (Fenevale), em Itabaiana; e a Festa do Barra Bode, em Barra de São Miguel, entre outros encontros do segmento.

Agenda conta com encontro de mulheres e lazer para crianças

Em meio aos destaques de sua programação, a Expofeira Paraíba Agronegócios 2025 terá um espaço especializado para o público feminino, o Encontro Mulheres no Agro, no qual haverá painéis e discussões sobre as demandas e problemáticas enfrentadas pelas produtoras do setor no estado.

Como parte da agenda especial de atividades, serão oferecidas palestras de conscientização sobre a violência contra a mulher, realizadas pelo programa Antes que Aconteça — iniciativa de âmbito nacional, idealizada pela senadora paraibana Daniella Ribeiro, para combater as agressões de gênero no país e acolher as vítimas desse tipo de crime.

Uma novidade importante da edição deste ano da Expofeira é o retorno das *performances* culturais entre os atrativos. Marcando essa retomada em grande estilo, a organização preparou uma sequência de shows para animar os participantes do evento. Nos dias de apresentação musical, o horário da feira será ampliado até a 0h30, começando por hoje, quando se apresenta Vinícius Mendes.

Infantil

A Expofeira promoverá, ainda, atividades voltadas para a criançada. Além da montanha-russa, um parque de diversões completo foi instalado para o lazer dos pequenos e também dos adultos. Outro atrativo para entreter os menores é o passeio de pônei, atividade que costuma fazer bastante sucesso nos encontros do setor agropecuário.

"A gente prepara o evento para receber todos, toda a família, para os pais visitarem e trazerem seus filhos. É importante mostrar para a criança a importância do setor, o que é o negócio", observou Joaquim Hugo.

Mais de dois mil animais serão expostos, entre bovinos, caprinos, ovinos, equinos e até cães

Circuito impulsiona salto de 50% em participação no PIB

Com o crescimento dos eventos voltados ao agronegócio na Paraíba, nos últimos anos, o resultado econômico prático também apareceu. Em 2024, por exemplo, o setor da agropecuária apresentou um aumento de 50% em sua participação no PIB (Produto Interno Bruto) do estado, saltando de uma representatividade de 4% para 6% no indicador.

A meta de Joaquim Hugo para os próximos anos é ousada. O secretário do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca almeja que o setor passe a ser responsável por 20% do PIB paraibano. Além disso, um dos focos de atuação da Pasta também é ampliar o número de empresas e de produtores certificados, para contribuir com a arrecadação e dar a chancela regulatória do setor.

Como detalha o titular da Sedap-PB, o Governo da Paraíba quer fomentar a importância das certificações por meio do Sistema Unificado Estadual de Sanidade Agroindustrial Familiar, Artesanal e de Pequeno Porte (Susaf), implementado em vários estados brasileiros para harmonizar e padronizar a inspeção e a fiscalização de mercadorias de origem animal e vegetal, permitindo que agroindústrias registradas em seus municípios comercializem seus itens em todo o território paraibano — e com credibilidade.

"Nosso crescimento no setor tem sido considerável e fruto de muito trabalho. Por isso, essas exposições são fundamentais. Em 2019, havia apenas três eventos do governo na secretaria. Agora, vamos somar 60 em 2025. Aliamos essa vitrine ao trabalho para a certificação dos produtores, que é uma coisa muito importante. Queremos também chegar a 20% do PIB da Paraíba e a mil empresas certificadas, fazendo parte, devidamente, do Susaf", resumiu Joaquim Hugo.

Queremos chegar a 20% do Produto Interno Bruto da Paraíba e a mil empresas certificadas no Susaf

Joaquim Hugo

A expectativa da Sedap-PB é que todo o circuito de feiras e encontros realizados neste ano totalize um público de um milhão de visitantes, o que equivale a um quarto da população paraibana participando ativamente dos eventos da agropecuária no estado. Já quanto ao volume de negociações, a secretaria projeta que o setor finalize 2025 com R$ 250 milhões movimentados.

Saiba Mais

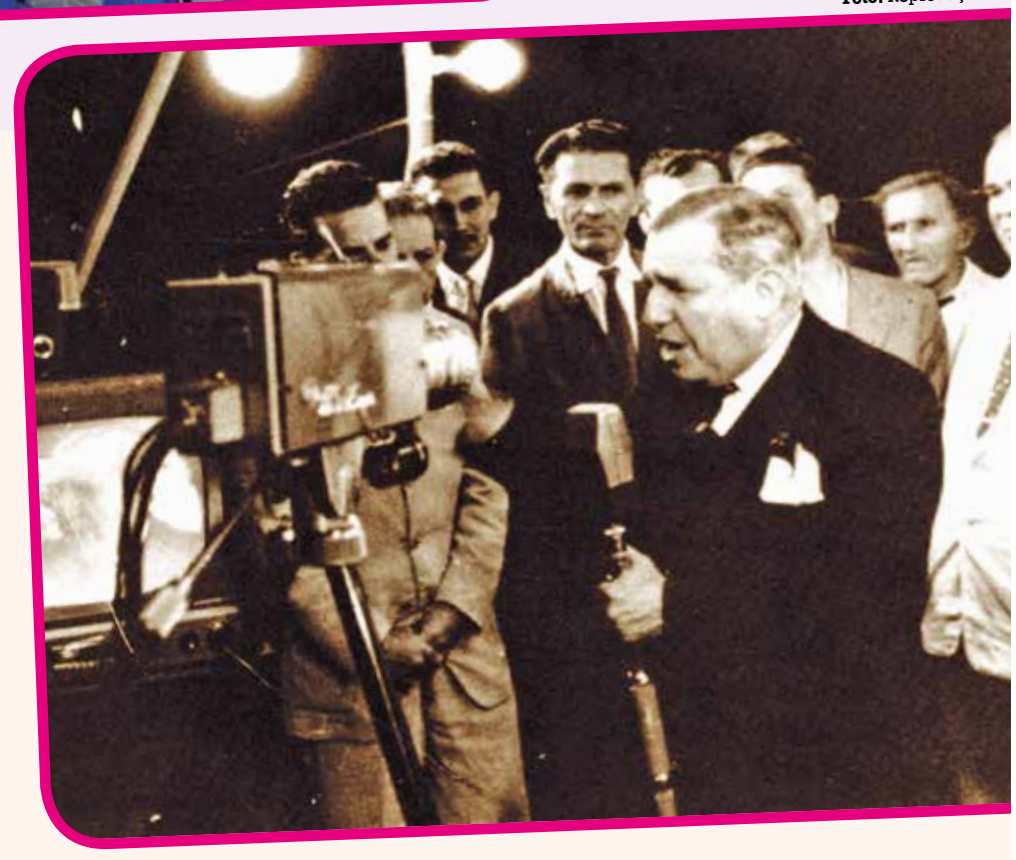
Confira a lista de atrações musicais da Expofeira Paraíba Agronegócios 2025:

- Hoje — Vinícius Mendes
- Quinta-feira (18/9) — Rodolfo Marinho
- Sexta-feira (19/9) — Donas da Farra e Filipe Melo
- Sábado (20/9) — Gabriel Rabelo e Danieze Santiago
- Domingo (21/9) — Mauricinho dos Teclados, Pedrinho do Xote e Daniel Almeida

Fotos: Divulgação/TV Globo

Chico Anysio, Xuxa, Os Trapalhões: ícones da TV que fizeram rir e animaram crianças brasileiras (ao lado); abaixo, Chatô, fundador da TV Tupi, fala diante da câmera

Foto: Reprodução



MEMÓRIA

Espelho mágico

A televisão no Brasil completa 75 anos nesta quinta, fruto do pioneirismo do paraibano Assis Chateaubriand

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A televisão brasileira nasceu na capital paulista, em 18 de setembro de 1950, mas a paternidade daquela então criança era paraibana. O umbuzeirense Assis Chateaubriand, alçado ao *status* de ás da comunicação, consolidou o empreendimento que permaneceria no ar por três décadas e que precipitaria uma revolução no país: a TV Tupi. Chateaubriand e outros pioneiros nascidos na Paraíba serão lembrados, a partir de quarta-feira (17), no "Seminário 75 Anos da Televisão Brasileira", a ser promovido pelo Departamento de Comunicação da Universidade Estadual da Paraíba (Decom-UEPB). O evento gratuito terá como palco o Auditório 3 da Central Acadêmica Paulo Freire, Campus 1, em Campina Grande.

A abertura acontecerá às 9h, com a exibição do documentário *Um Dia no Jornal Nacional*. Em seguida, às 10h, a jornalista gaúcha Jô Mazzarolo compartilhará com os presentes suas experiências como ex-editora do *Jornal Nacional* e como ex-superintendente da Rede Globo Nordeste, em Pernambuco. Por fim, às 11h, haverá o lançamento do livro *Mude o Conceito*, escrito por Mazzarolo. Na quinta-feira (18), as atividades serão retomadas a partir das 9h, com a exibição de outro documentário — *Péricles Leal, um Pioneiro Esquecido*, dirigido por João de Lima Gomes e Manuel Clemente. Às 10h (e novamente às 19h) o professor Rômulo Azevedo (da UEPB) preside o colóquio "TV no Brasil: da TV Tupi à TV 3.0".

Na sexta-feira (19), último dia do seminário, o radialista e empresário Abílio José, tornará pública a sua experiência em "TV Nordestina – Uma TV local de dimensão regional", colóquio sobre a emissora campinense, às 9h. O docente e historiador Gilson Souto Maior encerrará o evento memorialista com "A TV no Nordeste e na Paraíba", debate sobre os caminhos que o segmento tomou na região ao longo dessas sete décadas e meia. Organizador dessa iniciativa, Rômulo Azevedo assevera que os participantes poderão analisar ou conhecer a contribuição de outros conterrâneos, como Chateaubriand (que morreu em 1968), nas primeiras décadas do meio de comunicação no Brasil.

Comentando a atuação visionária do "pai da TV Tupi", Rômulo compartilha com **A União** a informação levantada por Fernando Morais no livro *Chatô, o Rei do Brasil*. As primeiras transmissões televisionadas concentraram-se nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente. Mas as emissões seguintes ocorreram, justamente, na Paraíba.

"A terceira foi em João Pessoa e a quarta em Campina Grande. E por que isso? Em 1954, Chateaubriand foi candidato ao Senado. E como ele entrou atrasado na campanha, fez só três comícios. Aí trouxe do Rio uma câmera, um sistema de iluminação, um monitor e um microfone para transmitir para quem estava ali na Lagoa (no caso da capital) o comício dele. E realmente foi um sucesso", aponta.

Péricles Leal, alagoa-novense, forneceu, segundo Rômulo, seu amplo conhecimento, acumulado como radialista e redator (inclusive em **A União**). Escreveu sua primeira telenovela em 1952, mas conquistou sucesso popular com o Falcão Negro, espécie de "Zorro tupiniquim", que liderava o seriado homônimo.

O personagem também foi visto, nos anos seguintes, em discos e HQs. Um de seus últimos trabalhos na televisão brasileira foi o especial *Os Homens Querem Paz*, veiculado na Globo em 1991, com direção de Luiz Fernando Carvalho, um *remake* de uma atração homônima da Tupi. Sem acesso aos roteiros originais, Leal, que morreu em 1999, reescreveu a história com base na própria memória.

No campo da atuação, o ator Sebastião Vasconcelos, natural de Pocinhos, também participou dos primeiros tempos da TV brasileira. Do teatro, no final dos anos 1940, rumou para o Rio de Janeiro, tornando-se artista da companhia liderada por Tônia Carrero, Adolfo Celi e Paulo Autran.

A estréia na TV Tupi deu-se nos teleteatros apresentados ao vivo, contracenando com outros grandes nomes da dramaturgia brasileira. Transferiu-se, na década de 1960, para a TV Globo, onde imortalizou tipos famosos em novelas, como o Zé Esteves de *Tieta* (1989) e o Tio Abdul de *O Clone* (2001). Faleceu em 2013.

Ainda no quesito pioneirismo, o destaque das emissoras locais fica com a TV Borborema, a primeira do estado, cuja implantação também foi realizada pelos Diários Associados. O canal, ainda no ar, foi tratado como a "menina dos olhos" de Chatô, conforme depoimento de Marconi Góes, ex-superintendente do conglomerado da Paraíba; o relato foi reproduzido por Rômulo Azevedo.

"Ele disse que queria transformar a cidade numa 'Hollywood regional', para produzir programas e novelas a partir de Campina Grande, em distribuição para o Norte e Nordeste do Brasil. A Rádio Borborema tinha uma posição muito boa e ele achava que na televisão eles teriam essa mesma competência", afirma.

Rômulo acredita que a concorrência da internet tende a minar ainda mais a audiência e a repercussão da TV aberta no país, sobretudo nos próximos 10 anos. Mas o docente ressalta que ainda há maneiras de manter o segmento vivo por um bom tempo.

"Muita coisa ainda precisa ser mostrada. Há públicos que não participam da televisão, ou que o fazem apenas como telespectadores, sem aparecer nos programas, 'por dentro'", afirma. "O problema é manter o modelo *standard*, aquilo que a Globo ou que o SBT fazem. É preciso um olhar local. Tem muita coisa que precisa ser descoberta".

Foto: Divulgação

"Jovem Guarda" (1), a revolucionária "TV Pirata" (2) e Sérgio Ricardo quebrando o violão em um festival de MPB (3): personagens e cenas marcantes

Sílvio Santos (4) foi de apresentador a dono de TV; "O Bem-Amado" (5) inaugurou a cor nas novelas brasileiras; o paraibano Sebastião Vasconcelos (6) foi um ator pioneiro da TV

DEZ PROGRAMAS HISTÓRICOS PARA VOCÊ VER AGORA

- ***Programa Silvio Santos*** (Várias emissoras – de 1963 até presente)
  Programa de variedades que sobreviveu até à morte do "patrão". Disponível no +SBT e no YouTube
- ***Xou da Xuxa*** (TV Globo – de 1986 a 1992)
  Ápice da dinastia das louras nos infantis. Episódios selecionados no Globoplay
- ***Os Trapalhões*** (TV Tupi/TV Globo – de 1973 a 1995)
  O quarteto líder no humor popular. Programas selecionados no Globoplay
- ***Roda Viva*** (TV Cultura – de 1986 até o presente)
  Programa com vários entrevistadores e um entrevistado. Disponível no Cultura Play; edições históricas no YouTube
- ***Programa Jovem Guarda*** (TV Record – de 1965 a 1968)
  Roberto Carlos e sua turma. Edição histórica no Playplus e no YouTube
- ***Documento Especial*** (TV Manchete/SBT/Band – de 1989 a 1998)
  Série de reportagens polêmicas que marcaram época. Disponível no Youtube
- ***Programa Livre*** (SBT – de 1991 a 2001)
  Serginho Groisman com música e o seu "fala, garoto!". Disponível no Mais SBT e no Youtube
- ***Globo Repórter*** (TV Globo – de 1973 até o presente)
  Programas de grandes reportagens. Disponível no Globoplay; edições históricas no Youtube
- ***Telecurso*** (Várias emissoras – de 1977 até o presente)
  As mais famosas aulas na TV. Disponível no Youtube
- ***O Bem-Amado*** (TV Globo – 1973)
  Uma das maiores novelas da história e a primeira a cores do Brasil. Disponível no Globoplay

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Heráclito em Pequim

Muitas pessoas perguntam se EUA e China estão vivendo uma guerra fria. Não titubearia em responder que sim.

A disputa atual entre China e EUA tem um elemento-chave: ambos os países operam dentro do sistema capitalista; mesmo que a partir de lógicas, formação econômica e sistemas políticos distintos. A China é a maior credora da dívida pública norte-americana, está inserida nas principais cadeias de produção de valor, lidera o *ranking* mundial de produção industrial e tornou-se o principal parceiro comercial dos EUA. O nível de integração entre as maiores economias do planeta é grande, o que não acontecia entre os EUA e a URSS; o que torna o antagonismo mais complexo, assim como as relações diplomáticas. Há, portanto, muito interesse em jogo. De ambos os lados. O que mais se aproxima da antiga Guerra Fria, nesse cenário, é a disputa pela hegemonia global entre dois modelos civilizatórios e econômicos que não acontece por meio de uma guerra convencional.

Em contrapartida, estamos vivenciando uma guerra semiótica que mobiliza as principais agências de notícias do mundo e suas disputas de narrativas. Há quem dê como certa a queda iminente do império norte-americano. EUA, definitivamente, não está morto; mas sua hegemonia talvez nunca tenha sido tão ameaçada como agora. Pesa a seu favor, porém, o fato de ser a maior economia e força militar do planeta; possuir a moeda de referência mundial e exercer uma influência cultural incomensurável. Além de contar com aliados poderosos como o Reino Unido, o Japão, a Austrália, o Canadá, a Alemanha, a Coreia do Sul...

A China, por outro lado, criou um grande projeto de integração econômica global: a Nova Rota da Seda, que está permitindo a expansão de sua influência ao redor do mundo. Muitos países do Sul Global estão se beneficiando dos investimentos chineses em infraestrutura, entre eles países africanos como a Nigéria e o Egito. A Nova Rota da Seda é um projeto de cooperação econômica internacional; cuja estratégia se baseia em investimentos na construção de obras terrestres e marítimas que visam conectar a Ásia, o Oriente Médio, a Europa e a África. São investimentos em rodovias, ferrovias, portos e aeroportos, o que poderíamos chamar de uma "globalização produtiva".

A Nova Rota da Seda permite que a China possa exportar a sua capacidade de produção e criar mercados, ao mesmo tempo que pode ser um impulso para o desenvolvimento de outros países. A tendência é que a China aumente sua influência no comércio mundial, enfraquecendo o domínio dos EUA.

O filósofo grego Heráclito dizia que "nada é permanente, exceto a mudança." Isso vale para a vida, o universo, as culturas e as sociedades. Não é possível dizer, com certeza, que o império americano esteja perto de experimentar a debacle, mas é fato que a China representa o seu maior desafio desde o fim da URSS. A ascensão chinesa impõe uma inflexão sobre o neoliberalismo e a financeirização. O socialismo de mercado chinês está assentando no princípio de "prosperidade comum", na capacidade superior de planejamento estatal e na criação de novos tipos de propriedade e instituições.

Há quem acredite que uma possível hegemonia chinesa ameaçaria às democracias ocidentais. Os principais problemas das democracias ocidentais são, na verdade, o controle da política pelo poder econômico, as desigualdades sociais, a ascensão da extrema direita e as violações sistemáticas dos direitos humanos.

A democracia ocidental, por mais que se pretenda universal, é uma experiência histórica específica com suas limitações. A China, por outro lado, está desenvolvendo uma institucionalidade nova. Um tipo de democracia não liberal que valoriza a participação popular de base, que não foi capturada pelos interesses econômicos e políticos dos bilionários. Essa experiência histórica merece ser estudada com mais atenção pelos intelectuais e cientistas ocidentais.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Radicalização ideológica

Publicado em 1972, *O Animal Social*, do psicólogo estadunidense Elliot Aronson (1932), é uma obra da psicologia social contemporânea. O livro ensina os leitores a reconhecer e resistir a mecanismos de manipulação, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos, e apresenta uma análise dos fatores que influenciam o comportamento humano em sociedade, aliando pesquisas empíricas a reflexões teóricas acessíveis, tanto ao público acadêmico quanto ao leigo. O autor busca responder sobre a natureza da convivência humana: por que as pessoas seguem regras sociais mesmo sem questioná-las? Como a propaganda e a publicidade exercem influência sobre o comportamento individual? O que leva alguém a se conformar com a maioria, mesmo sabendo que ela está errada? Como uma pessoa comum pode ser levada a cometer atos extremos, como violência ou corrupção? Por que surgem estereótipos e preconceitos, e de que forma eles podem ser combatidos? A obra também realiza uma análise das dinâmicas sociais contemporâneas, propondo uma reflexão sobre os desafios enfrentados em sociedades constituídas por desigualdades, manipulações simbólicas e ódio.

O livro aborda a conformidade — a tendência de seguir normas do grupo — e a persuasão, ou seja, a influência sobre pensamentos e comportamentos. Aronson expõe as estratégias utilizadas por políticos, publicitários e líderes religiosos para convencer o público, muitas vezes recorrendo à exploração de emoções como o medo, o desejo e a culpa. Entre as técnicas de persuasão analisadas, destacam-se a reciprocidade, a tendência a retribuir favores, mesmo quando não solicitados; a escassez, a percepção de que produtos ou ideias têm maior impacto quando parecem limitados; a autoridade, a necessidade de obedecer a pessoas que demonstram poder; e a prova social, a crença de que, se muitas pessoas aceitam ou acreditam em algo, é porque aquilo deve ser verdadeiro. Esses mecanismos, segundo o autor, ajudam a explicar como os cidadãos podem ser

Foto: Reprodução

Elliot Aronson lançou "O Animal Social"

levados a tomar decisões sem consciência de suas motivações internas.

Elliot Aronson defende que grande parte do comportamento humano só pode ser compreendida por meio da realidade social em que ocorre. Em vez de atribuir as ações humanas a traços de personalidade, ele propõe que o ambiente social exerce uma influência decisiva sobre as atitudes, decisões e comportamentos dos indivíduos. Essa perspectiva é cientificada por diversos experimentos. Um deles é o estudo do psicólogo polonês Solomon Asch (1907–1996) sobre conformidade, que demonstra como a pressão de um grupo pode levar indivíduos a adotar comportamentos contrários à sua própria percepção ou julgamento. Aronson também destaca o experimento conduzido por Stanley Milgram (1933–1984), que investigou a obediência à autoridade. Nele, participantes foram levados a realizar atos moralmente questionáveis simplesmente por estarem obedecendo a ordens de um líder autoritário. Esses estudos reforçam a tese de Aronson: o comportamento humano é moldado por pressões sociais, muitas vezes inconscientes. Ao evidenciar essas influências, Aronson convida o leitor a refletir sobre a noção de autonomia individual, revelando a complexa rede de fatores sociais que orientam as próprias escolhas cotidianas.

Em *O Animal Social*, Aronson dá destaque ao conceito de dissonância cognitiva, desenvolvido pelo psicólogo estadunidense Leon Festinger (1919–1989). Segundo essa teoria, os seres humanos buscam coerência entre suas crenças e comportamentos. Quando estas harmonia é rompida, surge um estado de desconforto psicológico — a dissonância —, que os indivíduos tendem a reduzir por meio de mecanismos de racionalização. O autor também analisa o fenômeno da autojustificação, entendido como a tendência de reinterpretar fatos e decisões a fim de preservar uma autoimagem positiva. Esse mecanismo psicológico é evidente em situações de falha moral, nas quais, em vez de reconhecer o engano, o indivíduo reformula suas crenças ou atitudes para manter a ilusão de consistência e integridade. Essa racionalização aparente mantêm narrativas pessoais distorcidas. A partir desse mal-estar, Aronson investiga como tais mecanismos contribuem para a formação e perpetuação de dinâmicas sociais como o preconceito, a polarização política e a radicalização ideológica. Como proposta para a redução dessas hostilidades, o pensador defende o contato intergrupal estruturado. Quando realizado com cooperação entre os grupos e apoio institucional, esse tipo de interação diminui a tensão entre comunidades, promovendo o respeito e o diálogo para a construção de sociedades mais solidárias.

Sinta-se convidado à audição do 535º Domingo Sinfônico, *que ocorrerá neste dia 14, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante a transmissão, comentarei algumas peças que tratam da unidade de uma nação, do compositor tcheco Antonín Leopold Dvořák (1841–1904).*

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Falando nisso

Assim, no momento em que ainda existimos e não ao ponto donde partimos e chegamos a esse lugar, sempre vem a notícia de que alguém já foi — até aonde não se sabe, se consegue erguer o projeto de vida, de transformação: seja o que for, nesse rojão de quem trabalha para sobreviver. Para romper com coisas definidas, *a priori*, não se sabe da missa um terço. Confuso, né?

Falando nisso, estávamos conversando, eu e três mulheres, duas querem ser cremadas e a terceira não deu uma palavra, como se estivesse fora dali, sonhando naquela esperança continuada, de quem sabe que os dias são de sol e escuridão.

Eu era pequeno e via as pessoas sendo enterradas, a terra na cara, outras colocadas em túmulos com cal e vinagre (que fazia a decomposição do corpo e reduzia os odores), destruía rapidamente os tecidos, coisas remotas, que não assombravam. Morrer numa cidade pequena sempre foi rotina.

Vi também cadáveres sendo levados para o cemitério dentro de redes, uma cena de cinema, com poucas pessoas acompanhando o morto, parecia o enterro esquecido do rei de Canudos. Não sei porque estou escrevendo isso.

É muita realidade nessa dinâmica da morte, com gente bem informada, sagaz, atarefada, diante de uma "matilha fantasmática" (interpretado como um grupo de cães que não existe de fato), de querer saber se pessoa gostaria de ser cremada ou enterrada, como se a voz do morto decidisse opções outras.

Falando nisso, fosse a mais prática, como costumam dizer: "vai ser cremado", nessa conversa de proteger o meio ambiente.

O que me assombra não é a coreografia, mas o que se paga para morrer, paga caro para viver, paga se caro com remédios, hospitais, planos de saúde que não valem nada e vamos ficarmos reduzidos à tripulação de um escaler. Uns vão de canoas, outros morrem afogados.

O que fazer com as cinzas? Uma das mulheres, do segundo paragrafo, guarda até hoje a caixinha com o marido dentro e disse que não via necessidade de jogar as cinzas no mar e, quando for cremada, ela e seu amor voltam ao pó. Faz sentido. Nada que eu não possa ler e traduzir.

Tantos telefonemas de bancos, golpistas, imagina se do outro lado da linha, a pessoa, o robô perguntasse: "você quer ser enterrado ou cremado?" e iria oferecendo planos, a prazo, no Pix, no débito ou no crédito para quem não tem onde cair morto.

Quando não formos mais um punhado de interesses, exaustos a tentar viver com latas d'água na cabeça, a água prometida do Rio São Francisco, inundando o Sertão e os donos do poder nos afundando e ainda dançamos sem música, numa festa que nunca termina.

Não, eu não sei se serei cremado ou enterrado, se terei direito a vala de Mozart que me valha pelo que construí nessa resistência alucinada, que nos leva a conhecer o que possa ser essa mistura de exaltação e abandono.

Vida é alegria como está canção de Gilberto Gil, alegria que é necessária para uma aproximação do infinito desse delírio chamado desejo, essa fome, essa sede pela eternidade fora do contexto.

Que lugar é esse tão excitante que a vida ocupa no espaço da morte? Que lugar é esse?

Kapetadas

1 – A comissão da cama aprovou uma moção de repúdio contra a segunda-feira.

2 – Tão misógino que acreditava que Eva tinha inventado a cobra só para ferrar Adão.

Imagem: Reprodução

Gênio, Mozart foi enterrado anonimamente numa vala

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Os caminhos, por mais longos, podem se cruzar...

Foto: Edson Matos/Arquivo A União

Guilherme Cabral: esposa recorda-se do colunista na infância de ambos, em Santa Rita

Seguidor de minha coluna dominical havia tempos, sempre agradecido, também jornalista de **A União** há mais de trinta anos, jamais poderia deixá-lo fora do lançamento do meu recente livro *Menino de Cinema*. Autobiografia minha e de meu pai Severino Alexandre Santos, um dos pioneiros do cinema paraibano, que publiquei no ano passado pela Ideia.

Pois bem, o jornalista Guilherme Cabral me traz a certeza de que, por razões desconhecidas, os caminhos por mais longos que sejam poderão de se cruzar um dia. E isso ficou claro quando o próprio Guilherme afirma, em seu agradecimento no recebimento do meu livro: "Boa tarde, amigo Alex Santos! Recebi hoje seus dois livros. Lerei ambos com carinho e atenção. Mais uma vez, muito obrigado pelo envio".

Agora, o que foi pra mim mais curioso foi sua afirmação: "A propósito, minha esposa, Ângela Elizabete, que é natural de Várzea Nova, em Santa Rita, me disse que conheceu você e sua família, e frequentou o cinema do seu pai. Abraço fraterno". Ao que agradeci: "Que bom, amigo! Acredito que ela vai se identificar com as narrativas sobre Várzea Nova, que estão no livro. Um carinhoso e fraterno abraço a ambos".

Meu pai, "Severino do cinema", como era chamado pelos fãs de nossas salas de cinema, tinha acabado de inaugurar mais uma sala na cidade Santa Rita, o Cine São João, quando resolveu estender o seu negócio ao município de Várzea Nova. Isso, lá pelos idos de 1962, dando à nova sala o pomposo nome de Cinerama. Justamente porque, à época, estava sendo difundido e entrando no mercado exibidor brasileiro a nova e revolucionária proposta audiovisual – o Cinerama. Uma tela de projeção de dimensão colossal, com qualidade de imagem também superior à bitola convencional.

Para a instalação da sala de cinema em Várzea Nova, meu pai alugou um prédio comercial de esquina, que pertencia ao seu Zinho, um senhor que residia na mesma rua. Foi, então, quando passei a frequentar o lugar e manter relações com as pessoas, inclusive com os Galdinos, que tinha uma mercearia de esquina bem próxima ao nosso cinema. Talvez tenha sido nessa época que a esposa do amigo Guilherme tenha conhecido a mim e ao meu pai.

Fato é que, a afirmação de Guilherme de que sua esposa nos conheceu nessa época e que frequentava o nosso cinema em Várzea Nova, nos leva a crer que os caminhos podem se cruzar um dia. – *Para mais "Coisas de Cinema", acesse nosso blog: www.alexsantos.com.br*

APC celebra o dia da televisão no Brasil

Na próxima quinta-feira (18), a televisão brasileira completará 75 anos. A TV Tupi de São Paulo, iniciativa do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, é considerada a primeira do Brasil e da América do Sul. O Decom/Curso de Jornalismo/CCSA estarão promovendo o "Seminário 75 anos da TV Brasileira".

A Academia Paraibana de Cinema, neste dia, participará do evento na parte da manhã, com exibição do vídeo *Péricles Leal, um Criador Esquecido*, do presidente da APC João de Lima Gomes e Manuel Clemente. Em Campina Grande, o professor Rômulo Azevêdo, membro da APC e do Curso de Jornalismo da UEPB, exibirá documentário *TV no Brasil – Da TV Tupi a TV 3.0*.

TELEVISÃO

Paraibano no elenco de *Largados e Pelados*

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A premissa de *Largados e Pelados*, atração do canal Discovery e da plataforma HBO Max, parece simples: recrutar homens e mulheres dispostos a viver aventuras em um lugar inóspito, com poucos suprimentos e sem nenhuma roupa. Mas a missão dos participantes não é nada fácil, na prática. No ar há 12 anos nos Estados Unidos e com versões nacionais sendo produzidas desde 2021, a franquia ganha mais um *spin-off*, reunindo 10 ex-participantes queridos pelo público. Um deles é paraibano Adriano Felipe, natural de Rio Tinto, Zona da Mata do estado. A nova temporada de *Largados e Pelados Brasil – A Tribo*, estreia hoje na TV e no *streaming*, a partir das 22h15, com a exibição, em sequência, dos dois primeiros episódios.

A dinâmica da versão original prega que, a cada episódio, uma dupla deve permanecer 21 dias nas condições apresentadas pelo *reality show*; caso não haja desistência, os participantes são resgatados e avaliados por um júri, que define o vencedor com base nas suas habilidades. Em *A Tribo*, os desafios da convivência com mais pessoas e por um período maior — 30 dias — são adicionados ao "caldeirão" da atração. A temporada que começa hoje foi rodada na África do Sul, nas proximidades do Parque Nacional Kruger.

Adriano Felipe participou da terceira temporada de *Largados e Pelados*, ambientada na região do Gran Chaco, na Argentina. Ainda que não tenha vencido naquela ocasião, ele chega em *A Tribo*, com um alto índice de Avaliação de Sobrevivência Primitiva (ASP), "nota" que os participantes recebem.

"Sempre fui um fã do programa e quando abriu a temporada do Brasil, falei 'Cara, agora é minha chance'. Já tinha uma vivência com a natureza, pegando lenha, pescando e caçando com meu pai. O 'detalhe' é ficar pelado", afirma.

Descendente dos povos potiguaras, Adriano reside na Barra de Mamanguape, estuário quase intocado do Litoral Norte da Paraíba. Ele trabalha como guia turístico local, artesão e coveiro. Por sua participação na temporada anterior do programa, o competidor recebeu voto de aplauso da Câmara Municipal de Rio Tinto (CMRT). "Foram vários meses nesse processo, muitas entrevistas, muito material para enviar. Minha família acompanhou tudo isso, torcendo. Minha mãe teve 20 filhos, mas hoje somos 10", revela.

Para Adriano, que mora em um ambiente com poucas variações de clima e tempo, sua maior peleja nessa temporada da África do Sul foi encarar as oscilações de temperatura na savana — do calor quase insuportável durante o dia ao frio cortante da noite. Luciana Soligo, executiva da Warner Bros. Discovery, assinala, ainda, a presença de animais perigosos como um elemento a mais de "emoção". "Há o crocodilo do Nilo, que é um animal enorme e que come gente, além da mamba negra, uma das cobras mais peçonhentas do mundo", cita.

Para os que, como Adriano Felipe, desejam virar participantes de uma nova temporada do *Largados e Pelados*, o riotintense aconselha ter ciência dos riscos do programa e fazer um "teste": acampar sem roupas e sem suprimentos no quintal de casa.

"Se você fizer isso duas noites seguidas, com a porta aberta, e se no meio da madrugada você não largar isso, talvez você queira ir. O segredo é treine, pratique e analise direitinho a sua cabeça, pode ser que ela esteja lhe enganando — quanto a querer participar de fato —", ele finaliza.

Foto: Divulgação/Warner

Adriano Felipe retorna após ter participado da 3ª edição do reality no Brasil

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

O homem é uma estrela!

Se é verdade que a melhor maneira de enfrentar o nada é tirar fotografias, conforme diz o narrador de "As babas do diabo", conto de Júlio Cortázar, Marcos Estrela, 67 anos, sabe isso como poucos.

Estrelado no nome, estrelado na sorte, estrelado no talento de viver espiando as coisas que o cercam e o atraem como um solitário caçador de imagens e de símbolos, Marcos vive esmerilhando a sagrada beleza de topografias inexploradas.

Marcos é mais um sertanejo exilado nos arenitos do Litoral aonde aportou faz tempo, para tentar a vida como muitos dos seus irmãos de sol e seca. Fez de um tudo para amealhar o pão, ter o de comer, prover família e garantir a sorte da prole. Biscate aqui, biscate ali, sempre com disposição e sem soberba. Até que descobriu o elemento mágico e seminal que lhe definiu a vocação natural e gloriosa: a paixão pela fotografia.

Marcos Estrela tem a estrela de saber olhar o mundo, de escutar a melodia secreta das paisagens, de decifrar o aroma espesso do idioma nos confins do universo. Descobriu as veredas daquilo que é morto e retorna no instantâneo do *clic*, tornando eterno o que passou.

Sinto isto quando observo e contemplo a ruma de fotos que fez e faz dos interiores do Brasil, como se fora um escafandrista de edificações, de atmosferas, de enredos, de poemas arquitetados no corpo agreste de povoados esquecidos.

Alguma coisa, quero crer, mexe por dentro de Marcos. Quem sabe não seja certa componente mística a presidir os sinuosos decretos da criação. Talvez a estranha sabedoria dos ermos distantes, dos silêncios devassados pela ordem cósmica dos crepúsculos, dos sacros espaços das igrejas antigas, divididas entre a piedade e o mistério.

As abóbadas, as torres, os sinos, os adros, as escadarias, os altares, tudo parece mover seu olhar meditativo, seu coração trespassado pelas adagas dos rituais físicos e metafísicas que cristalizam vitrais e oratórios na perspectiva retórica do fenômeno divino. Marcos fotografa tudo isso como se fizesse a sua mais íntima oração. O seu conciliábulo com os deuses.

Microempresário, serigrafista, arte-finalista, gente do visual e da plástica, pai de família, amigo, boêmio, andarilho, Marcos Estrela me cativou desde que o conheci nos idos de 80 da centúria passada, trazido a meu convívio pelo saudoso amigo e poeta Lúcio Lins.

Sei do seu valor como homem e como artista. Sinto nele alguma luz inquietante que me faz pensar, por exemplo, em figuras como Jaime Ovalle e Marcos Veloso (o querido "Paviva"), seres reais e alados que habitam o país do encanto, localizado na geografia cintilante das belas amizades.

Também, pudera! O homem é uma estrela!!

Foto: Reprodução/Facebook

Marcos Estrela: a escuta da melodia secreta das paisagens

Colunista colaborador

LITERATURA

Recontando o lado engraçado da vida

*Luiz Augusto Paiva reúne crônicas publicadas em **A União** em novo livro que será lançado amanhã*

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Apesar das diferenças aparentes do ponto de vista estrutural, o conto e a crônica são gêneros literários que passeiam por características comuns, a exemplo de sua extensão — mais curta — e da possibilidade de explorar uma narrativa e seus personagens — algo intrínseco ao conto e facultativo à crônica. Em sua nova coletânea, o professor Luiz Augusto Paiva trilha o "caminho do meio" entre as duas formas, explorando com humor temas fabulados ou factuais. O livro *A Rabeca de Paganini e Outras Histórias* será lançado amanhã, a partir das 18h30, na sede da editora Ideia, situada no bairro da Torre, em João Pessoa. A entrada é franca.

A obra terá a apresentação do jornalista e dramaturgo Tarcísio Pereira. No papel, o projeto reúne 51 contos-crônicas — todos eles previamente publicados na coluna semanal de Paiva em **A União**. Em razão disso, eles têm um tamanho similar, pautado pelo espaço reservado no jornal. "São 'causos', a maioria, coisas bem-humoradas. Vario nas mais diversas situações, pegando os tipos humanos que existem por aí, transformando isso em histórias leves e, claro, com aquele clima de bom humor", explica.

Entre os contos-crônicas que incluiu em *A Rabeca de Paganini*, além do texto que dá nome ao livro, o autor destaca "A procissão das meninas", relato que alega ter ouvido de amigos durante uma conversa informal na Livraria do Luiz, ponto de encontro de Paiva na capital.

"Quando havia a feira de Itabaiana, cidade do Agreste do estado, parava o trem e, em vez da população esperar o que vinha para a feira, eles iam ver as meninas que vinham para o cabaré de uma senhora chamada dona Nevinha. E a banda vinha atrás, tocando", aponta.

Outro texto mencionado na entrevista é "O bule de chá", que representa essa simbiose entre a captura do cotidiano e a narrativa "capsular", signos próprios da crônica e do conto respectivamente: um certo rapaz tenta driblar o flagra que o sogro lhe deu.

"A menina falou que ia 'fazer um chá' com o rapaz, e o pai os surpreendeu num namoro um pouco mais 'avançado'. Ele obrigou o menino a ficar tomando chá, de raiva. E o menino sai dali quase morto. Na última frase, você fecha o que é engraçado da história", adianta.

A despeito da posição de alguns críticos em torno da crônica — de que esta seria um gênero menor em importância — Paiva assevera tal segmento literário como precioso para aqueles que se dedicam a ler na urgência do dia a dia, afirmando não ser fácil desenvolver algo em poucas linhas.

"Nós tínhamos, aqui na Paraíba, o exemplo do Luiz Augusto Crispim e temos, ainda, o Gonzaga Rodrigues, pessoas que sabem fechar o texto num curto espaço de forma brilhante. Para mim, é um gênero tão difícil quanto os demais", sustenta.

E, para os escritores iniciantes que queiram enveredar pelas trajetórias do conto ou da crônica — ou por uma "encruzilhada", como no caso de Paiva — ele fornece três dicas essenciais. A primeira, a leitura, necessária a esta e a outras ações; a segunda, a observação cotidiana, fonte inesgotável de histórias.

"Se você pegar um ônibus, um Uber ou se andar na rua, verá algo engraçado. Por último, há também a fluência do texto. Às vezes, você pode até usar uma linguagem simples, mas ela tem que ser bem colocada, senão fica vulgar", conclui.

ONDE:

■ IDEIA EDITORA (Av. Juarez Távora, nº 1.369, Torre, João Pessoa).

Imagem: Divulgação/Ideia

Foto: Evandro Pereira

Luiz Augusto Paiva apresenta sua nova coletânea no salão de eventos da editora

Em Cartaz

Cinema

*Programação de **11 a 17 de setembro**, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.*

** Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado suas programações.*

ESTREIAS

DEMON SLAYER – CASTELO INFINITO (*Gekijô-ban Kimetsu no Yaiba – Mugen Jô-hen*). Japão/ EUA, 2025. Dir.: Haruo Sotozaki. Animação/ aventura. Caçadores de demônios enfrentam batalha decisiva em castelo. 2h35. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 20h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h30, 17h50; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 14h, 17h15; dub.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h45, 18h; leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h15; leg.: 17h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h15, 17h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h45, 18h; leg.: 21h15. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 16h35, 19h30. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 14h25, 17h20, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h25, 17h20, 20h15. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h40, 17h35; leg.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 15h, 17h50; leg.: 20h45; seg. a qua.: dub.: 15h, 17h50, 20h45. CINE GUEDES 2: dub.: 19h25. PATOS MULTIPLEX 1: dom.: dub.: 14h30, 20h30; leg.: 17h30; seg. a qua.: dub.: 15h50, 20h. PATOS MULTIPLEX 4: dom.: 17h, 20h; seg. a qua.: dub.: 17h20, 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h15. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dom.: dub.: 14h40, 17h40; leg.: 20h45; seg. a qua: dub.: 14h50, 17h50, 20h45. **Remígio:** CINE RT: dom. e ter.: dub.: 13h45, 18h20; seg. e qua.: dub.: 13h45, 20h30.

DOWNTON ABBEY – O GRANDE FINAL (*Downton Abbey – The Grand Finale*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Simon Curtis. Elenco: Michelle Dockery, Joanne Froggatt, Elizabeth McGovern, Paul Giamatti, Dominic West, Hugh Bonneville, Joely Richardson, Laura Carmichael. Drama. Família aristocrástica inglesa tenta se adaptar às mudanças dos anos 1930. Terceiro filme sequência da série *Downton Abbey* (2010-2015). 2h03. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h, 15h45, 18h30.

A SOGRA PERFEITA 2. Brasil, 2025. Dir.: Cris D'Amato e Bianca Paranhos. Elenco: Cacau Protásio, Evelyn Casatro, Marcelo Laham, Ricardo Pereira, Fafy Siqueira, Maria Bopp, Lúis Miranda. Comédia. Mulher recusa pedido de casamento para não perder a liberdade, mas a chegada da sobra portuguesa complica sua rotina. 1h29. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h, 15h, 17h, 19h15, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 14h30, 21h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: 16h40, 18h30, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 16h40, 18h30, 20h20.

ESPECIAL

DAVID GILMOUR LIVE AT THE CIRCUS MAXIMUS, ROME (*David Gilmour Live at the Circus Maximus, Rome*). Reino Unido, 2025. Dir.: Gavin Elder. Documentário/ show. Registro da apresentação de David Gilmour em Roma, em 2024. 2h30. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qua.: 21h.

DORMIR DE OLHOS ABERTOS. Argentina/ Brasil/ Alemanha/ Taiwan, 2024. Dir.: Nele Wohlatz. Elenco: Liao Kai Ro, Shin-Hong Wang, Nahuel Pérez Biscayart. Comédia/ drama. Três imigrantes chineses vivem encontros e desencontros em Recife. 1h37. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: ter.: 19h.

RELANÇAMENTO

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS. Brasil, 1976. Dir.: Bruno Barreto. Elenco: Sonia Braga, José Wilker, Mauro Mendonça, Nelson Xavier, Betty Lago, Betty Faria. Comédia/ romance. Depois do segundo casamento com um farmacêutico sem graça, mulher é assombrada pelo fantasma do fogoso primeiro marido. 1h50. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h30.

TOY STORY (*Toy Story*). EUA, 1995. Dir.: John Lasseter. Vozes na dublagem brasileira: Alexandre Lippiani, Guilherme Briggs, Antônio Patiño. Animação/ comédia/ aventura. Boneco cowboy sente ciúmes quando um brinquedo astronauta chega ao quarto e tenta sabotá-lo. 1h21. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h, 16h, 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h45, 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 16h45, 18h45. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 14h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h50. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 17h40. CINE GUEDES 3: dub.: 15h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h20; seg. e ter.: 14h40.

CONTINUAÇÃO

OS CARAS MALVADOS 2 (*The Bad Guys 2*). EUA, 2025. Dir.: Pierre Perifel e JP Sans. Animação/ comédia. Ex-bandidos são coagidos a fazer um "último trabalho". Sequência do filme de 2022. 1h44. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: dom.: 14h15, 19h; seg. a qua.: 19h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 14h50; seg. a qua.: 15h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h10.

ENTRE DOIS MUNDOS (*Ouistreham*). França, 2022. Dir.: Emmanuel Carrère. Elenco: Juliette Binoche, Louise Pociecka, Steve Papagiannis. Drama. Escritora se emprega como faxineira de uma balsa para estudar o crescente trabalho precarizado na França. 1h46. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 16/09: 18h30; dom., 21/09: 15h; sáb., 27/09: 19h.

INVOCAÇÃO DO MAL 4 – O ÚLTIMO RITUAL (*The Conjuring – Last Rites*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Michael Chaves. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Elliot Cowan. Terror. Casal de investigadores do sobrenatural reencontra um demônio que enfrentaram no começo de suas carreiras. 2h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h30, 21h15; leg.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dom.: dub.: 15h45, 18h30; leg.: 21h15; seg. a qua.: dub.: 13h, 15h45, 18h30; leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 18h30, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h30, 16h30, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h30, 18h30, 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 14h20, 16h55, 19h30. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 15h20, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h20, 18h, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h20, 16h55, 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 15h15. CINE GUEDES 3: dub.: 16h30, 18h50, 21h15. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 15h20, 18h10, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: sáb. a ter.: 19h10. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h, 18h30, 21h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h15, 21h; seg. e qua.: 16h15, 18h20.

MEU AMIGO LORENZO. Brasil, 2024. Dir.: André Luiz Oliveira. Documentário. A amizade do diretor com um menino autista. 1h36. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 21/09: 17h; sáb., 27/09: 17h.

A PRAIA DO FIM DO MUNDO. Brasil, 2025. Dir.: Petrus Cariry. Elenco: Marcélia Cartaxo, Fátima Macedo, Larissa Góes. Drama. Mãe e filha vivem conflito quando o litoral ameaça derrubar a casa em que vivem. 1h28. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 15/09: 20h30; dom., 21/09: 19h; qui., 25/09: 18h30; sáb., 27/09: 15h; seg., 29/09: 20h30.

A PRISIONEIRA DE BORDEAUX (*La Prisonnière de Bordeaux*). França, 2024. Dir.: Patricia Mazuy. Elenco: Isabelle Huppert, Hafsia Herzi, Noor Elasri. Drama. Duas esposas de presidiários se aproximam. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 16/09: 20h30; seg., 22/09: 20h30; qui. 25/09: 20h30; seg., 29/09: 18h30.

O REI DA FEIRA. Brasil, 2025. Dir.: Felipe Joffily. Elenco: Leandro Hassum, Pedro Wagner, Renata Castro, Everaldo Pontes. Comédia/ policial. Detetive que fala com os mortos tenta resolver o assassinato de um feirante. 1h27. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a seg. e qua.: 13h30, 18h; ter.: 13h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 21h40.

O RETORNO. (*The Return*). Itália/ Grécia/ Reino Unido/ França, 2024. Dir.: Uberto Pasolini. Elenco: Ralph Fiennes, Juliette Binoche, Ángela Molina. Aventura/ drama. Odisseu volta da guerra de Tróia após 20 anos, enquando sua esposa o espera e resiste às investidas de seus pretendentes. 1h56. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qui. a seg.: 20h15.

SUÇUARANA. Brasil, 2024. Dir.: Sérgio Borges e Clarissa Camponila. Elenco: Sinara Teles, Carlos Francisco. Drama. Mulher vaga por anos em busca de uma terra miosteriosa e desconhecida e vai parar numa aldeia de trabalhadores fabris. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 14/09: 19h; sáb., 20/09: 19h; ter., 23/09: 18h30; dom., 28/09: 17h; ter., 30/09: 18h30.

SUPER WINGS EM VELOCIDADE MÁXIMA. (*Geugjangpan Syupeo Wingseu – Maegsimeom Seupideu*). Coreia do Sul/ China, 2023. Dir.: Xiaoqing Cai, Cai Dongqing. Infantil/ animação. Equipe de aviões tenta resolver o sequestro de influenciadores por dono de fábrica de brinquedos falida. 1h29. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: dom.: 14h.

THIAGO E ÍSIS E OS BIOMAS DO BRASIL. Brasil, 2024. Dir.: João G. Amorim. Vozes: Neusa de Souza, Falcon Mantovani, Henrique Paulo. Animação/ comédia/ aventura. Pai e filhos percorrem três biomas brasileiros, aprendendo e ajudando animais em perigo. 1h31. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 14/09; sáb., 20/09; dom., 28/09: 15h.

TIJOLO POR TIJOLO. Brasil, 2025. Dir.: Victória Álvares e Quentin Delaroche. Documentário. Família tenta reconstruir seu lar depois que são obrigados a abandonar o anterior por risco de desabamento. 1h43. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 15/09: 18h30; qui., 18/09: 19h; ter. 23/09: 20h30.

O ÚLTIMO AZUL. Brasil/ México/ Países Baixos/ Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro, Miriam Socarras. Drama/ aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do juri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 14/09: 17h; qua., 17/09: 20h; sáb., 20/09: 17h; seg., 22/09: 18h30; dom., 28/09: 19h; ter., 30/09: 20h30.

A VIDA DE CHUCK. (*The Life of Chuck*). EUA, 2025. Dir.: Mike Flanagan. Elenco: Tom Hiddleston, Jacob Tremblay, Chiwetel Ejiofor, Karen Gillan, Mia Sara, Mark Hamill. Drama. Os episódios que moldaram a vida de um homem, incluindo uma transição de gênero e uma casa possivelmente assombrada. 1h51. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 21h15.

Música

HOJE

GRUPO MUNGANGA. Show de chorinho.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 14/9, 14h. Ingressos: R$ 15 (promocional), antecipados na plataforma Shotgun.

RUANNA E O SAMBA LEVE. Cantora e banda fazem show de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, 153, Bessa). Domingo, 14/9, 19h. Ingressos: R$ 15 (couvert).

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 15/9, 20h. Ingressos: R$ 40 (inteira),m R$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

ARIANO SUASSUNA VISTO POR GUSTAVO MOURA. Seleção de registros do forógrafo sobre o escritor.

João Pessoa: ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS (R. Duque de Caxias, 37, Centro). Visitação até 31 de outubro. Entrada franca.

CAROL MARINI. Artista apresenta fotografias, instalação e projeção em vídeo de pescadores da Penha na exposição *Comn os Pés na Terra e o Coração no Mar*.

João Pessoa: GALERIA ALEXANDRE FILHO (Usina Energisa, R. João Bernardo de Albuquerque, 243, Tambiá). Visitação até 22 de setembro. Entrada franca.

TOMÁS SANTA ROZA. Exposição *Santa Rosa – Da Linha à Cor*.

João Pessoa: SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, 2788, Cabo Branco). Visitação diária das 9h às 17h, até 30 de setembro. Entrada franca.

FORO PRIVILEGIADO

Dispositivo garante estabilidade

Apesar de conceder supostas "vantagens" a políticos, prerrogativa protege exercício democrático da função pública

Da necessidade de proteger as instituições de perseguições ao clamor social contra privilégios, o debate sobre o foro privilegiado revela uma tensão central da democracia brasileira: encontrar a medida exata entre a garantia institucional e o princípio de que todos são iguais perante a lei.

O foro por prerrogativa de função, conhecido como foro privilegiado, é previsto na Constituição Federal de 1988 para proteger cargos e funções contra perseguições de autoridades no exercício de suas funções, como forma de "manter a estabilidade das instituições democráticas". O texto constitucional define em quais instâncias os ocupantes de determinados cargos serão processados e julgados.

Atualmente, o foro privilegiado alcança o presidente da República e seu vice, os membros do Congresso Nacional, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e o procurador-geral da República, que são julgados pelo STF em caso de cometimento de infrações penais comuns; e os ministros de Estado, os comandantes das três Forças Armadas, membros dos Tribunais Superiores e do Tribunal de contas da União (TCU) e embaixadores, que são julgados pelo STF em crimes comuns e de responsabilidade. Já a competência para processar e julgar autoridades como governadores, desembargadores e conselheiros dos Tribunais de Contas dos estados é do Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Em março deste ano, o STF estabeleceu que o foro tem validade quando estão sendo julgados crimes praticados no cargo e em razão de suas funções — e até nas ocasiões em que o inquérito ou a ação penal sejam iniciados após o término de um mandato ou a renúncia do cargo. O julgamento do foro entrou na agenda da Corte por conta de um *habeas corpus* protocolado pela defesa do senador Zequinha Marinho (Podemos-PA), acusado de "rachadinha" em seu gabinete, em 2013, quando exercia o mandato de deputado federal. A prática de "rachadinha" ocorre quando o suspeito exige uma parte do salário dos funcionários de seu gabinete.

O cientista político José Marciano aponta que a principal finalidade do foro é proteger autoridades de perseguições políticas e de julgamentos tendenciosos, reservando o julgamento a tribunais superiores. Segundo ele, "a justificativa era exatamente proteger ocupantes que estão nesses cargos de perseguições políticas ou, conforme as dinâmicas das relações de poder, que esses agentes fossem, em grande medida ou de certa forma, prejudicados em termos de julgamento".

Apesar de ser conhecido como um privilégio, o analista político João Paulo Ocke não reconhece o foro por prerrogativa de função como tal e reforça a sua necessidade para que os contemplados exerçam as suas funções. "É importante que a autoridade tenha algumas garantias nesse sentido. Isso não é o mesmo que privilégio", defende.

Já o advogado Sólon Benevides, especialista em Direito Constitucional, ressalta que o foro não favorece o cidadão, mas, sim, determinados cargos. "Por exemplo, a Constituição Federal estabelece que o prefeito será julgado pelos Tribunais de Justiça. Evidentemente que, sendo um crime supostamente cometido em relação a bens da União, será pelo Tribunal Regional Federal. Então, a prerrogativa de foro não é para o cidadão, é para o cargo exercido", pontua.

O jurista explica ainda que as investigações contra autoridades com foro privilegiado exigem autorização da Corte competente e que a abertura de inquérito, a denúncia e o processo ocorrem na instância definida pela Constituição. "Se é um deputado federal que está sendo investigado e não tem autorização do Supremo Tribunal Federal para ser investigado, essa investigação é nula, porque ofendeu a prerrogativa de foro do cargo", exemplifica.

Foto: Wallace Martins/STF

Foto: Arquivo pessoal

A justificativa [para o foro privilegiado] é proteger ocupantes de cargos públicos de perseguições políticas e de serem prejudicados em julgamentos

José Marciano

Foto: Divulgação/STJ

Enquanto o STF julga autoridades federais, a competência em nível estadual é do STJ

Projeto tenta remeter crimes à Justiça Comum

Atualmente, o Congresso debate o futuro do foro privilegiado com a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 333/2017. A matéria foi aprovada em 2017, no Senado, e depende do parecer favorável de 3/5 dos deputados (308), em dois turnos de votação, para passar a valer. No fim de agosto, a Câmara dos Deputados levou a pauta ao Plenário, mas não chegou a entrar em votação pela falta de consenso entre os líderes.

A PEC, de autoria do então senador Álvaro Dias (PV-PR), foi apresentada pelo Senado em 2013. Em 2018, a comissão especial da Câmara aprovou o texto, apresentando como principal mudança a retirada do foro para crimes comuns e sua restrição apenas para os presidentes da República, da Câmara, do Senado e do Supremo Tribunal Federal (STF), além de seus vices. A relatoria da comissão foi do então deputado Efraim Filho (DEM-PB).

Para José Marciano, a retomada da pauta do foro na Câmara foi impulsionada após a prisão do ajudante de ordens do ex-presidente Jair Bolsonaro, Mauro Cid, e por conta das investigações acerca do uso das emendas impositivas, as chamadas emendas Pix. Isso fez com que "a oposição, setores também do centrão e [inclusive] alguns parlamentares do governo tentassem emplacar esse debate novamente", aponta o cientista político.

Segundo ele, "muitos desses parlamentares também estão sendo investigados no STF", por conta das emendas impositivas, e existe o interesse de transferir tais processos para a primeira instância. "Ou seja, que os processos pudessem ser julgados por juízes que não estão nos holofotes, [escapando de] um processo de transparência maior feito pela própria mídia nacional. Você transferiria, portanto, esse processo para que pudesse ser julgado por juízes mais discretos e tendo prazos mais longos e possibilidades maiores de defesa".

O analista critica, ainda, o atual debate em torno da PEC, entendendo que, caso seja aprovada, o julgamento político no Brasil seria reconfigurado. "Essa outra configuração nos permite, na verdade, fazer uma pergunta, que é: até que ponto acabar com o foro privilegiado trará mais justiça ou esconderá ainda mais crimes? Eu acho que essa é uma questão de fundo que não se discute nesses termos", comenta.

"Acabar com o foro privilegiado e permitir que deputados sejam julgados na primeira instância é levantar outra lógica de privilégios. Um privilégio que vai estar de acordo com a correlação de força desse deputado, a depender da comarca, a depender da Corte que julgará. Sem falar que ele pode recorrer não só na primeira instância, e, consequentemente, esse processo levará muito mais tempo para ser julgado. Eu acredito que é isso que está em jogo", complementa Marciano.

Para João Paulo Ocke, a principal motivação dos parlamentares para apoiar a PEC é a autopreservação, "cuidando da sua sobrevivência, da sua perpetuação no mundo político sem serem incomodados pelo Judiciário, como estão efetivamente sendo". O especialista acrescenta que a aprovação da PEC enfraquece o sistema de controle sobre a atividade parlamentar, favorecendo a impunidade e diminuindo a transparência e a responsabilização desses agentes públicos.

"O que os parlamentares querem é autoproteção, sobrevivência sem transparência, sem controle, sem aquilo que a ciência política chama de *accountability*, os mecanismos de fiscalização, monitoramento e punição, responsabilização da classe política. É isso que eles estão tentando enfraquecer e isso não é bom para a democracia, evidentemente", alerta.

Foto: Arquivo pessoal

O que os parlamentares querem [com a PEC] é autoproteção e sobrevivência sem transparência, controle nem mecanismos de fiscalização

João Paulo Ocke

Entendimentos sobre a lei mudaram com o tempo

A prerrogativa do foro foi tratada em todas as constituições do país. A primeira Constituição brasileira, promulgada em 1824, estabeleceu o foro privilegiado para membros da Família Imperial, ministros de Estado, conselheiros de Estado, senadores, deputados (durante a legislatura), secretários e conselheiros de Estado, considerando ainda o imperador como inviolável e sagrado.

Já a primeira Constituição republicana, promulgada em 1891, estabeleceu que o presidente da República seria julgado pelo STF em crimes comuns e pelo Senado em crimes de responsabilidade.

O histórico desse dispositivo também pode ser traçado a partir das interpretações realizadas pelo STF ao longo do tempo. O primeiro grande marco do foro especial foi a Súmula 394 do STF, de 1964, a qual estabelecia que autoridades fossem julgadas pelo foro especial mesmo após o fim do mandato, desde que o crime tivesse sido cometido durante o período em que ocupavam o cargo.

Em 1999, a lógica da Súmula 394 foi revertida pela Corte, determinando que, ao deixar o cargo, a autoridade perderia automaticamente o foro especial e que se deveria remeter o processo à primeira instância.

Já em 2018, no julgamento da Ação Penal (AP) nº 937, a Corte decidiu que o foro seria aplicado a crimes cometidos durante o exercício do cargo e relacionados às suas funções. Neste ano, enfim, a Corte chegou ao entendimento de que o dispositivo segue valendo mesmo após o fim do mandato.

Foro privilegiado remonta ao Brasil Império; dispositivo atravessou diversas constituições da era republicana

ALTA TRANSMISSIBILIDADE

Sarampo deixa continente em alerta

Dez países das Américas já registram casos da doença, o que reforça a necessidade de ampliar as coberturas vacinais

Agência Gov

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Para se criar uma proteção coletiva na sociedade, é necessário atingir uma cobertura vacinal de, no mínimo, 95%; Brasil confirmou 24 casos da doença até agosto

Em agosto de 2025, a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) emitiu alerta após constatar um aumento de 34 vezes no número de casos de sarampo em relação a 2024. Dez países das Américas registraram ocorrências da doença, somando mais de 10 mil confirmações e 18 mortes. Os óbitos concentram-se no México (14), nos Estados Unidos (3) e no Canadá (1). No Brasil, os registros mais recentes apontam 24 ocorrências até o fim de agosto, 19 delas no Tocantins. Embora o país esteja entre aqueles com menor número de casos na região, permanece em estado de atenção diante da alta transmissibilidade do vírus.

Altamente contagioso, o sarampo espalha-se pelo ar, por meio de secreções de indivíduos infectados e pode infectar pessoas de todas as idades. Os sintomas incluem febre alta, erupção cutânea que se dissemina por todo o corpo, congestão nasal e irritação ocular. A doença pode evoluir para complicações graves, como pneumonia, encefalite, diarreia intensa e até cegueira, sobretudo em crianças desnutridas e pessoas com imunidade comprometida. O Brasil havia recebido o certificado de eliminação do sarampo endêmico em 2016 e, após enfrentar reintroduções, recuperou o *status* em 2024.

Para a chefe do Laboratório de Vírus Respiratórios, Exantemáticos, Enterovírus e Emergências Virais do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), Marilda Siqueira, é urgente elevar as coberturas vacinais. "O sarampo é altamente transmissível. Precisamos atingir, no mínimo, 95% de cobertura vacinal para criarmos uma proteção coletiva na sociedade, reduzindo, assim, a quantidade de pessoas suscetíveis ao vírus", alerta.

Na linguagem epidemiológica, "suscetíveis" são aqueles que não possuem proteção contra determinado microrganismo. No caso do sarampo, seja porque nunca foram vacinadas, porque não completaram o esquema de duas doses ou porque não tiveram contato prévio com o vírus. Quando esse grupo cresce de forma acumulada ao longo dos anos, forma-se um "bolsão de suscetíveis", ou seja, uma concentração de indivíduos desprotegidos que facilita a circulação do vírus e amplia o risco de surtos.

Vacinação foi responsável por conter circulação endêmica

Até o início da década de 1990, o sarampo era uma das principais causas de mortalidade infantil no mundo, provocando cerca de 2,5 milhões de óbitos por ano, em sua maioria entre crianças. A cobertura vacinal mudou esse cenário, permitindo que países reduzissem, progressivamente, os casos e alcançassem a eliminação da circulação endêmica em diversas regiões. Nas Américas, o feito foi reconhecido em 2016, quando o continente recebeu o certificado oficial de eliminação da doença.

No entanto, essa conquista não significa que o vírus tenha desaparecido. O risco de reintrodução é constante, sobretudo em contextos de baixa cobertura vacinal. Segundo a Opas, a maioria dos casos registrados, em 2025, nas Américas ocorreu justamente entre pessoas não vacinadas, enquanto outra parcela significativa envolveu indivíduos com situação vacinal desconhecida.

A proteção contra o sarampo depende da aplicação de duas doses da vacina. No Brasil, a vacinação regular prevê a primeira aos 12 meses e a segunda aos 15 meses de idade, podendo incluir outras faixas etárias em campanhas específicas. "As crianças que não têm as duas doses registradas na caderneta não estão totalmente protegidas", ratifica Marilda Siqueira, destacando que a adesão ao calendário vacinal é essencial para impedir o retorno do sarampo.

Segundo a Opas, a cobertura nas Américas ainda não atingiu os 95% recomendados para bloquear a propagação do vírus. Em 2024, apenas 89% receberam a primeira dose da vacina tríplice viral e somente 79% completaram a segunda.

Número de municípios que atingiram meta mais que dobrou em dois anos

No Brasil, a situação é mais favorável em comparação à média continental. Após anos de queda, a cobertura vacinal voltou a crescer a partir de 2023, com resultados expressivos em 2024. Segundo o Ministério da Saúde, o número de municípios que atingiram a meta de 95% de imunização contra o sarampo, caxumba e rubéola na segunda dose da tríplice viral mais que dobrou em dois anos, passando de 855, em 2022, para 2.408, em 2024.

Em 2025, diante do aumento de casos em países vizinhos, o Brasil vem reforçando suas ações de imunização, tanto em áreas de fronteira quanto em todo o território nacional. No Sul, a reativação da Comissão Binacional de Saúde com o Uruguai resultou em uma grande mobilização conjunta em Sant'Ana do Livramento, no Rio Grande do Sul, e Rivera, no Uruguai, ampliando a proteção de moradores locais e imigrantes.

Além disso, o Ministério da Saúde tem promovido sucessivos Dias D de vacinação contra o sarampo, em diferentes estados. Em julho, a mobilização ocorreu em cidades de fronteira do Acre, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia, com cerca de 3 mil doses aplicadas. Já em agosto, todos os 79 municípios de Mato Grosso do Sul participaram da campanha.

Marilda reforça, no entanto, que nenhuma estratégia terá efeito se a população não fizer a sua parte. "Em conjunto com secretarias estaduais e municipais, o Ministério da Saúde está atuando nos municípios com casos confirmados para evitar a disseminação do vírus. Mas esse trabalho só terá sucesso se contar com a participação da população. Isso significa procurar o serviço de saúde ao apresentar febre com exantema — aquelas manchas vermelhas pelo corpo — e manter a vacinação em dia", completa.

> **"O Ministério da Saúde está atuando nos municípios com casos confirmados para evitar a disseminação**
>
> Marilda Siqueira

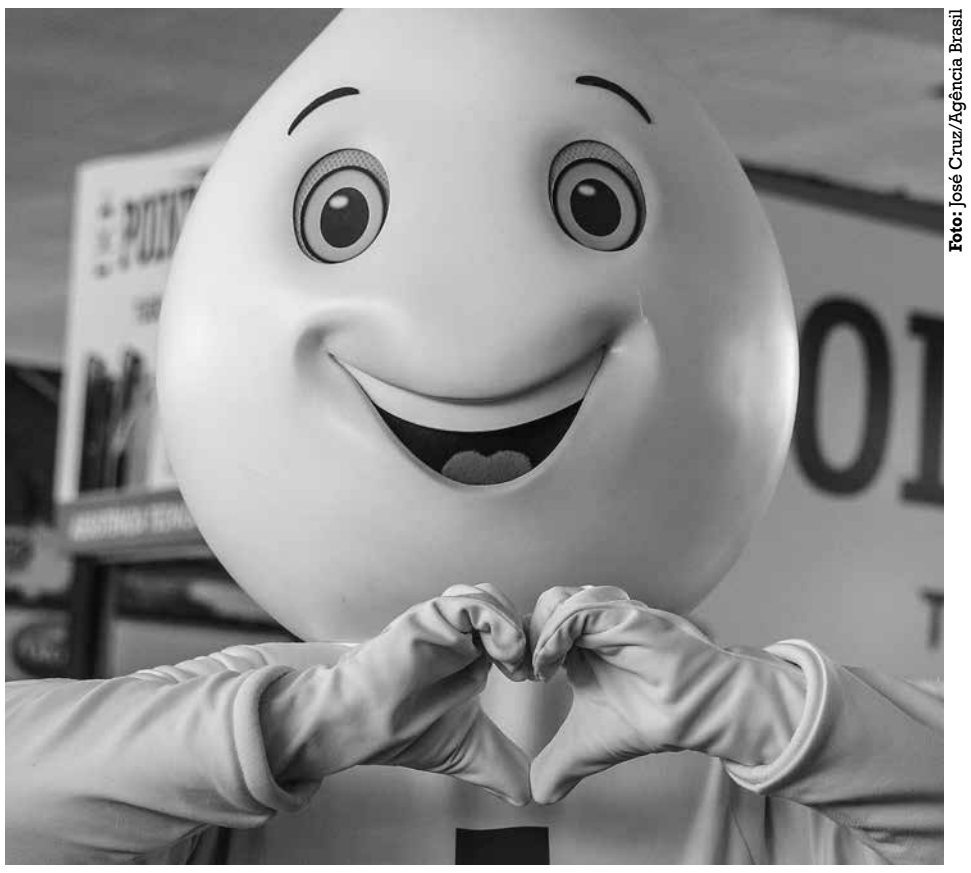


Foto: José Cruz/Agência Brasil

Zé Gotinha personifica o sucesso das campanhas de imunização brasileiras

Doença pode afetar qualquer idade, causar complicações e levar à morte

O sarampo ainda é visto por muitos como uma "doença da infância". Para Marilda Siqueira, essa percepção formou-se antes da vacinação em massa, quando a infecção era mais frequente entre crianças e parecia menos grave em países ricos, onde havia melhor nutrição e acesso à saúde. Essa leitura, no entanto, pode ser perigosa. "A ideia de que é uma doença da infância é equivocada: o sarampo pode afetar qualquer faixa etária e provocar complicações sérias, inclusive mortes", alerta.

Os dados recentes da Opas reforçam essa avaliação. No México, a maioria das mortes registradas em 2025 ocorreu entre pessoas indígenas com idades de 1 a 54 anos, mostrando que a doença não se restringe aos mais novos.

Isso significa que, embora crianças demandem atenção especial por serem mais vulneráveis, nenhuma idade está livre dos riscos. A vacinação em todas as faixas etárias continua sendo a forma mais segura e eficaz de evitar complicações e impedir a volta da doença.

CARIRI PARAIBANO

Editais na PB têm mais de 200 vagas

Conselho Regional de Psicologia e Prefeituras de Boa Vista e Boqueirão oferecem salários de até R$ 4,7 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

De Boa Vista a Boqueirão, passando por cidades como João Pessoa, Campina Grande e Patos, três editais entram no radar dos concurseiros trazendo novas oportunidades na Paraíba. São mais de 200 vagas imediatas abertas, além de cadastro de reserva, com salários que chegam a R$ 4,7 mil. No Cariri paraibano, as prefeituras de Boa Vista e Boqueirão estão com vagas em diferentes setores, com destaque para as áreas de Educação e Saúde. Já o Conselho Regional de Psicologia da 13ª Região (CRP13-PB) está em busca de psicólogos e profissionais da área administrativa, com possibilidade de atuação em diversas cidades do estado.

Oportunidades no Cariri

Em Boa Vista, a prefeitura local abriu 99 vagas para profissionais de todos os níveis de escolaridade, do fundamental ao superior. O edital contempla cargos em setores essenciais como Saúde, Educação, Administração e Infraestrutura. Há oportunidades para médicos, enfermeiros, dentistas, fisioterapeutas, professores de diversas áreas do conhecimento, vigilantes, auxiliares administrativos, engenheiros, motoristas, entre outros destaques. Os salários oferecidos variam de R$ 1,5 mil a R$ 4 mil por jornadas de 30 a 40 horas semanais de trabalho.

Para os interessados, as inscrições seguem abertas até o dia 21 de setembro pelo *site* da Ápice Consultoria, com taxas que vão de R$ 34 a R$ 70. A aplicação da prova objetiva está prevista para 23 de novembro, com questões sobre Língua Portuguesa, Matemática, Raciocínio Lógico, Informática, conhecimentos gerais e específicos, dependendo do nível de escolaridade exigido pelo cargo. Vale lembrar que, para alguns cargos específicos, como motorista e professor, haverá ainda etapas adicionais, incluindo prova prática e análise de títulos. De acordo com o edital, o processo será realizado na cidade de Boa Vista e, caso seja necessário, em municípios próximos. Já em Boqueirão são 103 vagas ligadas à administração municipal, distribuídas entre cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior. O destaque está nas áreas de Saúde e Educação, mas há, também, oportunidades em funções administrativas e de serviços. Entre os cargos ofertados estão os de médico, enfermeiro, psicólogo, nutricionista, cuidador, professor, técnico em enfermagem, agente de saúde, técnico em Radiologia e psicólogo. Quanto à remuneração, o valor varia de R$ 1,5 mil a R$ 3,9 mil mensais, conforme a função e a carga horária — que pode ser de 20 ou 40 horas.

Use o *QR Code* para acessar o edital de Boa vista

As inscrições devem ser realizadas até 30 de setembro, exclusivamente pelo *site* da Ápice Consultoria, que também está à frente desse concurso. A taxa cobrada vai de R$ 45 a R$ 70, conforme o cargo. Sobre o processo de avaliação, será aplicada uma prova objetiva, com questões de conhecimentos gerais e específicos, Língua Portuguesa e Matemática, para todos os candidatos, no dia 23 de novembro. Além disso, haverá prova prática em 14 de dezembro para os cargos de motorista e eletricista, e análise de títulos para as funções de nível superior. Toda a seleção ocorrerá na cidade de Boqueirão.

Use o *QR Code* para acessar o edital de Boqueirão

Conselho Regional

Agora, se você é psicólogo ou profissional administrativo, o CRP13-PB é uma ótima escolha. Com edital recém-aberto, o concurso oferece oportunidades em funções como analista ou auxiliar administrativo, agente de ética profissional e agente de orientação e fiscalização, com possibilidade de atuar nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Patos. Confira o edital para verificar a disponibilidade. A remuneração chega a R$ 4,7 mil, com direito a benefícios, por jornadas de até 35 horas semanais.

Para participar, basta acessar o *site* do Instituto Quadrix até 20 de outubro e garantir sua inscrição. As taxas variam de R$ 59, para cargos de nível médio, a R$ 62, para os de nível superior. Quanto à seleção, as provas objetivas ocorrerão em 30 de novembro, com questões de conhecimentos gerais, específicos e Legislação. Já os cargos de nível superior também passarão por análise de títulos ao fim do processo, que ocorrerá nas três cidades onde os candidatos serão alocados.

Use o *QR Code* para acessar o edital de Conselho

Profissional de Radiologia garante precisão no diagnóstico

Poucas áreas da saúde traduzem tão bem a fusão entre ciência e tecnologia quanto a Radiologia. Antes que qualquer diagnóstico seja dado pelo médico, há sempre uma imagem por trás, revelando o que os olhos não veem — mas o corpo sente. Ao operar equipamentos como tomografia, ultrassonografia e ressonância magnética, que captam o "invisível", o profissional abre caminhos para tratamentos mais assertivos e rápidos. Mas, como ressalta o técnico em Radiologia Elivelton da Costa Alcântara, essa é apenas uma parte da rotina. O trabalho exige precisão, responsabilidade e atenção constante às normas de segurança, além de se expandir por um vasto campo de atuação.

Por mais que a Radiologia tenha uma imagem ligada a hospitais e clínicas de imagem, a área atravessa as paredes de consultórios odontológicos e laboratórios, alcançando a medicina nuclear, a radiologia e além. Também está presente na veterinária, na indústria — aplicada ao controle de qualidade — e até nas perícias forenses, segundo o especialista. "É uma profissão que oferece muitas possibilidades de atuação", confirma. No dia a dia, independentemente de onde ele atue, o objetivo é garantir a qualidade técnica do exame com a devida segurança para que o paciente sinta-se sempre confortável.

Fotos: Elivelton da Costa Alcântara/Arquivo pessoal

O objetivo é garantir a qualidade técnica do exame com segurança e conforto para os pacientes

Formação tecnológica

Elivelton explica que a formação tem dois caminhos possíveis: técnico ou tecnólogo. O primeiro tem duração média de dois anos e prepara o profissional para a operação dos equipamentos. Já o segundo, com três a quatro anos de curso, oferece uma visão mais ampla, envolvendo conhecimentos em gestão, pesquisa e docência, além da prática clínica. Segundo ele, enquanto o técnico tem uma formação mais prática, voltada à execução dos exames, o tecnólogo tem formação superior. "E ambos podem atuar na área assistencial, mas o tecnólogo costuma ter mais espaço em cargos de coordenação e ensino", observa.

Seja qual for a formação escolhida, uma coisa é fato: nenhuma outra área da Saúde foi tão impactada com a evolução tecnológica. E aqui vai o alerta do técnico em Radiologia: atualização constante não é opcional. Da transição dos exames analógicos para os sistemas digitais à chegada da inteligência artificial, tudo contribui para que os diagnósticos sejam cada vez mais precisos. "O digital oferece imagens com maior qualidade, rapidez e menor dose de radiação. Já a IA auxilia na triagem de exames e na detecção de alterações, otimizando o trabalho do profissional", explica Elivelton.

Além disso, ele destaca que a telemedicina e a telerradiologia — que permite a interpretação de exames radiológicos à distância — também representaram avanços importantes ao facilitar o acesso em cidades do interior. Quanto ao futuro, parece ser bem promissor na visão do especialista, que não enxerga uma possível substituição do técnico em Radiologia, mas, sim, a integração dessa tecnologia ao dia a dia.

Desafios e valorização

Mas, ao lado das inovações, os desafios mais mundanos também seguem presentes no cotidiano desse profissional. A rotina, segundo ele, é intensa, principalmente em hospitais com alto fluxo de pacientes, o que exige preparo físico e emocional para lidar com os casos. Há ainda a possibilidade de exposição à radiação ionizante, cujo risco deve ser mitigado com o uso de equipamentos de segurança. Não à toa, as normas de radioproteção são bastante rígidas, como ele bem aponta.

Contudo, de todos os obstáculos possíveis, o principal desafio continua sendo a valorização profissional. "Muitas vezes, o papel do técnico não recebe o reconhecimento devido, embora seja essencial para a realização de exames de qualidade", reflete o técnico, que acumula 10 anos de experiência, sendo três só no campo da Radiologia Veterinária. A fala dele expõe uma realidade comum a várias profissões: a necessidade de melhores condições de trabalho, formação continuada e salários compatíveis com a relevância da função.

Apesar dessas questões, as perspectivas seguem positivas. Para o especialista, como a Radiologia é indispensável para o avanço da Medicina, sua demanda não cessará. A dica para se destacar, segundo ele, é investir no conhecimento técnico e desenvolver habilidades interpessoais, como empatia e boa comunicação. Noções de informática e gestão também fazem a diferença. "É preciso estar preparado para acompanhar as mudanças da área e contribuir de forma ativa para o diagnóstico", finaliza.

Concurso na Paraíba

No Cariri paraibano, a Radiologia também está no radar dos concursos públicos. No edital da Prefeitura de Boqueirão, há uma vaga para técnico em Radiologia, exigindo Ensino Médio e curso técnico na área de Radiologia, além de registro no respectivo conselho profissional. A jornada é de 24 horas semanais, com salário de R$ 1,5 mil.

O papel do técnico é essencial para a realização de exames de qualidade

Elivelton Alcântara

EDIÇÃO: Thais Cirino
EDITORAÇÃO: Matheus dos Reis

Foto: Carlos Moura/Agência Senado

PEC dos Precatórios foi aprovada pelo plenário do Senado, em segundo turno, e abre espaço no Orçamento para outras despesas

LIMITE A PRECATÓRIOS

Emenda alivia a situação de estados e municípios

Regra ajudará a prever despesas decorrentes de pagamentos de ações judiciais

Agência Senado

Promulgada na útima semana, a Emenda Constitucional nº 136 altera as regras sobre o pagamento de precatórios para aliviar a situação fiscal dos entes federados. A emenda é decorrente da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 66/2023, apresentada pelo senador Jader Barbalho (MDB-PA), que havia sido aprovada pelo Senado, em segundo turno, no início do mês.

Os precatórios são dívidas da União, dos estados e dos municípios decorrentes de ações judiciais com sentença definitiva. A PEC nº 66/2023 tira os precatórios, inclusive as requisições de pequeno valor (RPVs), do limite de despesas primárias da União a partir de 2026. Também limita o pagamento dessas dívidas por parte de estados e municípios, além de refinanciar débitos previdenciários desses entes com a União em até 300 parcelas.

Um dos argumentos do governo ao defender a proposta é o de que a emenda ajudará na previsibilidade das despesas (ao colocar um limite para os pagamentos decorrentes de decisões judiciais).

Na prática, a medida alivia a situação de estados e municípios ao permitir que paguem dívidas judiciais em parcelas menores e com prazo mais longo. Além disso, ajuda o Governo Federal a cumprir a meta fiscal (ao retirar parte desses gastos do teto de despesas).

Licença-maternidade

O texto também abre espaço no Orçamento para o aumento de R$ 12 bilhões nas despesas com licença-maternidade, em razão de uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF).

Em 2024, a Suprema Corte declarou inconstitucional a exigência de carência mínima de 10 contribuições ao INSS para que trabalhadoras autônomas e seguradas especiais possam receber o salário-maternidade. Agora, com apenas uma contribuição, elas podem ter acesso ao benefício, seguindo o mesmo critério das trabalhadoras formais.

Meta fiscal

Embora retire os precatórios das despesas primárias em 2026, a PEC nº 66/2023 acrescenta, a cada ano, a partir de 2027, 10% do estoque de precatórios dentro das metas fiscais previstas pela Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), em razão do arcabouço fiscal (Lei Complementar nº 200, de 2023).

Na prática, a retirada dos precatórios do limite ajuda o governo a cumprir a meta fiscal do próximo ano (R$ 34 bilhões ou 0,25% do PIB projetado de 2026). O total de precatórios inscritos para 2026 é de cerca de R$ 70 bilhões.

O último Relatório de Acompanhamento Fiscal (RAF), divulgado em agosto pela Instituição Fiscal Independente (IFI), trazia a avaliação de que a PEC nº 66/2023 — agora transformada na Emenda Constitucional nº 136 — também terá um impacto relevante em 2027, ao permitir a exclusão de cerca de R$ 10 bilhões do cálculo da meta de resultado primário (valor que corresponde a, aproximadamente, 90% dos pagamentos do estoque de precatórios). Esse movimento dá margem ao Poder Executivo para alcançar a meta fiscal daquele ano.

Linha de crédito

Outra medida determinada pela Emenda Constitucional nº 136 é a mudança da data-limite de apresentação dos precatórios transitados em julgado (sem possibilidade de recurso) para que eles sejam incluídos no Orçamento e pagos até o término do ano seguinte. Atualmente, essa data é 2 de abril. A emenda a antecipa para 1º de fevereiro, reduzindo em dois meses o prazo.

Os precatórios apresentados depois dessa data devem ser incluídos no Orçamento para pagamento somente no segundo exercício seguinte. De 1º de fevereiro até 31 de dezembro do ano seguinte, não haverá juros de mora sobre os precatórios.

■ Na prática, a retirada dos precatórios do limite ajuda o governo a cumprir a meta fiscal do próximo ano, equivalente a 0,25% do PIB

Saiba Mais

Demais alterações da PEC dos Precatórios

■ Correção — Passa a ser pelo IPCA, com juros simples de 2% ao ano. Se ultrapassar a Selic, vale a Selic. Para precatórios e requisições de pequeno valor (RPVs) em todas as esferas, exceto tributários federais.

■ Estados e municípios — Pagamento fica limitado ao estoque em atraso: de 1% da Receita Corrente Líquida (RCL) se a dívida for até 15%, subindo até 5% quando passar de 85%. O cálculo considera correção e juros.

■ Adicional — A partir de 2036, se ainda houver atraso, os percentuais de pagamento sobem 0,5 ponto a cada 10 anos, elevando o mínimo de 1% para 1,5% da Receita Corrente Líquida (RCL), e assim por diante.

■ Estoque — Redução por estados e municípios conta para o plano anual, mas precatórios usados em acordos entre entes ou com credores ficam fora dos limites de pagamento.

■ Atraso — Se houver, o tribunal pode sequestrar contas do ente; ele fica sem transferências voluntárias e o gestor responde por improbidade. Pagamento acima do limite continua permitido.

■ Negociação — Credores podem receber precatórios via acordo direto com estados ou municípios, em parcela única até o ano seguinte, sem juros ou correção, e o valor sai do estoque da dívida imediatamente.

■ Regras — A partir da promulgação, a regra atual de 1/12 da Receita Corrente Líquida (RCL) para pagamento de precatórios deixa de valer, e as novas normas passam a valer para os precatórios inscritos até essa data.

■ Desvinculação — Até 2026, desvinculação de receitas municipais sobe de 30% para 50%; volta a 30% de 2027 a 2032. Superávits só podem ser usados em saúde, educação e clima. A CFEM (Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais) fica de fora.

■ Clima — De 2025 a 2030, União pode usar até 25% do superávit de fundos públicos para ações climáticas e projetos estratégicos; não usados, os recursos retornam aos fundos a partir de 2031.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (9)

Conto rápido: o homem sobe na amurada de ponte, olha o abismo e se prepara para o suicídio. O policial consegue chegar próximo, conversam durante dois minutos. Depois, os dois se jogam no precipício. Isso sim, é poder de persuasão!

"Os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína" (Timóteo 8:16).

"Sem ter raiz, a tropa suicida se veste de excremento e cheira cola". Este é um dos versos do poema "Pátria armada", de Fábio Mozart, do livro com o mesmo título, publicado em 2000, que serve como base do roteiro de vídeo produzido e dirigido por Marcos Veloso, videasta paraibano. O vídeo está em fase de pré-produção.

Da parede do sanitário do Espaço Cultural, anotei uma frase: "Pela volta dos ideais perigosos!"

Poesia provoca uma revolução silenciosa dentro do leitor, acredita Sérgio de Castro Pinto. A poesia deveria ser alimentação básica das crianças. "Poesia é infância amadurecida". Na dinâmica máquina do capitalismo alienante, poesia quase não entra no cardápio.

Compadre meu enviou um exemplar do livro "Manual da Poesia Fajuta", de Sérgio Cortêz. Não sei porque, senti a cutucada de uma certa indireta.

"É proibido dançar agarrado, mas se quiser pode" (Placa de gafieira. Somos um povo condescendente).

Quando um dia (isso acontecerá logo) todo homem acordar escritor, terá chegado o tempo da surdez e da incompreensão universais" (Milan Kundera).

Descobri que o suplemento que eu tô tomando pra artrose é "colágeno tipo ll extraído do tecido da cartilagem de quilha (esterno) de aves."

Paguei 60 contos numa cartelinha de comprimidos de caldo de osso de peito de frango.

"Minha irmã tá grávida. Não se sabe se é menino ou menina. Mal posso esperar pra saber se vou ser tio ou tia" (Sonsinho).

"O escritor que escreve às cegas pode ser um iluminado", acredita o poeta itabaianense André Ricardo Aguiar. E quem lê às cegas, corre o risco de penetrar aleatoriamente no mistério das coisas, até quem sabe, chegar a um grau de maravilhamento a ponto de viajar no pavão misterioso sem maiores perplexidades.

O cordel é uma arte que tem receitas. Sem o domínio de certas regras, não funciona. Como em toda forma artística, tem muita empulhação e produto ordinário por aí, mas, na forma, precisa seguir os preceitos da métrica e rima.

Ele casou duas vezes e foi infeliz em ambas. No primeiro, a mulher fugiu de casa. No segundo, ela ficou (Do blog de Tião Lucena).

Eu não acredito em Deus, mais ou menos. Creio que tem alguém em algum lugar me observando. Pode até ser você, que está agora lendo minhas microcrônicas. Ou a ABIN, Serviço de Inteligência Governamental.

"O homem criou Deus que criou o mundo e inventou o outro mundo" (Mário Quintana).

"A ilusão religiosa é a mais implacável e a mais tenaz. Ela vincula uma pulsão e está próxima aos delírios psiquiátricos" (Freud, 1927).

Quando uma pessoa delira, é chamada de maluca. Quando milhões de pessoas deliram, isso é religião. Pode ser uma facção política. Tem gente adorando chefes políticos como santos.

"A poesia salva" (Ministra Carmen Lúcia).

Colunista colaborador

Selic	Sálário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 30 de julho de 2025	R$ 1.518	-0,71%	-0,72%	-0,74%
15%		R$ 5,354	R$ 6,283	R$ 7,266

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2025	-0,11
Julho/2025	0,26
Junho/2025	0,24
Maio/2025	0,26
Abril/2025	0,43

Ibovespa
142.271 pts
-0,61%

NEGÓCIOS

Contêineres viram opção como pontos comerciais

Rapidez na instalação, baixo custo e mobilidade tornam modelo atrativo

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Combinando modernidade, sustentabilidade e economia, a escolha pelo contêiner para estruturas comerciais, outrora uma novidade, já é consolidada como uma alternativa prática, flexível e de rápida implantação para quem deseja começar um negócio com um ponto comercial físico. As vantagens deste modelo incluem a agilidade na montagem, a mobilidade, o menor impacto ambiental, além do apelo visual, que pode atrair o público consumidor.

André Coutinho, proprietário do *coworking* Clubjob, também é sócio do Container 932, bar que nasceu durante a negociação do espaço da calçada da primeira empresa. A estrutura em contêiner mostrou-se a opção mais adequada para ocupar a área com o novo negócio. "O local já possui uma excelente visibilidade e conta com o público gerado pelo próprio Clubjob, que também dispõe de um auditório, garantindo um fluxo constante de pessoas e favorecendo ainda mais o negócio".

Para o empresário, a principal vantagem foi o aspecto financeiro. "Em qualquer outro ponto escolhido, seria necessário investir em reformas ou adaptações mais complexas. Já com o contêiner, além de reduzir esses custos, existe a flexibilidade de, em caso de mudança, transportá-lo facilmente em um caminhão ou até mesmo vendê-lo, se for preciso".

O fator sustentabilidade é um outro ponto importante, já que o novo uso dado à estrutura metálica de 20 pés escolhida, promove o reaproveitamento de materiais, algo cada vez mais valorizado pelo consumidor pessoense. "É uma escolha moderna e descolada, que desperta o interesse dos clientes", argumenta.

Fotos: Carlos Rodrigo

Visual moderno e apelo sustentável conquistam a curiosidade e preferência dos clientes

Franquias

Há cerca de um ano, Fernanda Cartaxo abriu uma franquia da Cacau Show em um contêiner, atraída pela praticidade do formato. "Ele já veio pronto, só foi preciso ligar a energia e o espaço já estava apto a receber clientes. A flexibilidade e a rápida montagem foram fatores decisivos. O custo reduzido de instalação em comparação a um imóvel tradicional também motivou a decisão".

O negócio de Fernanda funciona na entrada do supermercado Atacadão, e ela reforça a importância de escolher pontos estratégicos, que unam espaço de convivência e grande circulação de pessoas. "O contêiner se destaca visualmente, criando curiosidade. E estar em um espaço ao ar livre proporciona um ambiente convidativo, ideal para socializar", opina a empresária.

As vantagens desse modelo de negócio incluem a redução de custos de instalação e manutenção, a possibilidade de personalização do espaço e a mobilidade. "Além de poder mudar de local, se necessário, o formato inovador nos diferencia da concorrência. Em termos de vantagens econômicas, estimo que a instalação em contêiner custou cerca de 30% a menos em comparação com uma construção convencional". A empresária também ressalta que os custos recorrentes são menores, já que o modelo demanda menos gastos com manutenção, o que favorece uma gestão financeira mais eficiente.

Estrutura

Proprietária da Pé de Sertão, especializada em produtos alimentícios e artesanais do interior do Nordeste, Samira Melo explica que comprou a loja em julho do ano passado. "Quando fiz a aquisição, o contêiner já estava aqui. Sou proprietária da estrutura, mas não do terreno, então, se um dia eu quiser sair daqui, seria possível eu levar o contêiner todo, a loja em si, para um outro local. Exige um pouco, porque não é uma coisa que a gente coloca embaixo do braço e vai embora. Mas, com certeza, é muito mais fácil do que outras estruturas".

Para fazer com que o espaço começasse a funcionar, Samira conta que precisou fazer algumas adaptações. "É uma estrutura totalmente metálica, bem robusta, então, para fazer recortes, furar ou fazer qualquer coisa nele, você tem que ter equipamentos e mão de obra adequados", comenta.

Por isso, ela recomenda ter planejamento para fazer todos os serviços de uma vez. "Para que fosse possível ter uma pia aqui, por exemplo, tivemos que abrir espaço para que passasse toda a tubulação de encanamento de água e esgoto e, ainda, toda a fiação elétrica que fica aparente, inclusive", exemplifica.

Medidas para garantia do conforto térmico são fundamentais, por isso a estrutura recebeu um revestimento interno em MDF. "Como é metálico, é preciso ter um ar-condicionado, ainda existe uma telha, justamente para escoar a água melhor, e para não aquecer tanto", constata.

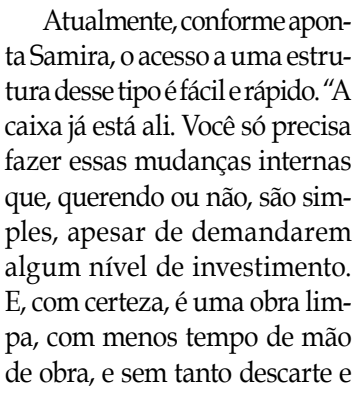
Samira conta que já trabalhou com contêiners em outras situações, e que eles têm prazos de validade e passam por inspeções periódicas, para que estejam aptos a transportar cargas de importação e exportação. "Esses contêineres que seriam descartados quando não têm mais utilidade para o transporte marítimo, são destinados a outros tipos de uso, então foi sendo estabelecida uma demanda por eles em outros setores".

Atualmente, conforme aponta Samira, o acesso a uma estrutura desse tipo é fácil e rápido. "A caixa já está ali. Você só precisa fazer essas mudanças internas que, querendo ou não, são simples, apesar de demandarem algum nível de investimento. E, com certeza, é uma obra limpa, com menos tempo de mão de obra, e sem tanto descarte e entulho".

A robustez da estrutura garante longevidade e pouco investimento a longo prazo. "Como se trata de uma espécie de caixa metálica, que é feita para ficar recebendo maresia o tempo todo, a gente não vai ter problemas de descascar a pintura de uma parede, dar mofo, por exemplo, não tem problema com goteira, ou infiltração. De fato, a praticidade é o grande destaque, e isso eleva muito a relação custo-benefício do investimento", conclui Samira.

■ Estrutura oferece a conveniência de poder ser deslocada para um novo endereço sempre que necessário

Adaptações internas demandam mão de obra qualificada



De fato, a praticidade é o grande destaque, e isso eleva muito a relação custo-benefício do investimento

Samira Melo

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Consultor e Mestre em Economia UFPB

Economia brasileira perde fôlego em 2025

A análise do desempenho econômico, quando olhamos cada trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior, ou seja, considerando a sazonalidade que tende a se repetir, revela um quadro de crescimento positivo, mas em trajetória de desaceleração. Vejamos.

No 1º trimestre de 2025, o PIB brasileiro cresceu 2,9% frente ao 1º trimestre de 2024. O resultado foi puxado pelo forte desempenho da Agropecuária (+10,2%), beneficiada por safras recordes de soja, milho, arroz e fumo. A Indústria (+2,4%) também avançou, com destaque para a Construção (+3,4%) e a Transformação (+2,8%), enquanto os Serviços (+2,1%) registraram crescimento generalizado, liderados por Informação e comunicação (+6,9%). Do lado da demanda, o consumo das famílias (+2,6%) e os investimentos (+9,1%) ainda mostravam vigor, apoiados no aumento da massa salarial real e na expansão da formação de capital.

Já no 2º trimestre de 2025, a economia perdeu fôlego. O PIB avançou apenas 2,2% em relação ao 2º trimestre de 2024, revelando a perda de intensidade do crescimento. A Agropecuária continuou em patamar elevado (+10,1%), mas a Indústria desacelerou para +1,1%, com expansão restrita às indústrias extrativas, enquanto Transformação e Construção, praticamente, estagnaram. Os Serviços (+2,0%) mantiveram crescimento modesto, mas sem aceleração.

O enfraquecimento fica ainda mais evidente quando analisamos os componentes da demanda.

O crescimento não está sendo sustentado pelos motores internos da economia, mas concentrado no agro e em parte dos serviços

O consumo das famílias, que havia crescido 2,6% no 1T25, desacelerou para 1,8% no 2T25. Isso mostra que o poder de compra está sendo limitado pelo crédito caro e pela cautela das famílias diante do cenário econômico. Já os investimentos (FBCF) caíram de +9,1% para +4,1%, praticamente a metade do ritmo observado no início do ano, sinalizando que as empresas estão menos dispostas a ampliar projetos e a capacidade produtiva. Tudo isso em meio ao tarifaço, guerras e disputados políticas. Essa combinação, que inclui famílias consumindo menos e empresários investindo com mais cautela, evidencia uma fragilidade estrutural: o crescimento não está sendo sustentado pelos motores internos da economia, mas concentrado no agro e em parte dos serviços.

Esse quadro de desaceleração foi recentemente reconhecido pelo próprio governo, revisando a projeção de crescimento do PIB de 2,5% para 2,3% em 2025, atribuindo o ajuste ao desempenho mais fraco do segundo trimestre e aos efeitos cumulativos da política monetária contracionista. Segundo o boletim Macrofiscal, os juros elevados seguem restringindo o crédito e a atividade econômica, especialmente em setores-chave. Ao mesmo tempo, a projeção de inflação, para este ano, foi reduzida de 4,9% para 4,8%, refletindo um real mais apreciado, a queda de preços no atacado agropecuário e industrial e o excesso de oferta de bens no mercado internacional.

Esse conjunto de evidências reforça que, embora o Brasil siga crescendo em 2025, o motor da economia está se apoiando quase, exclusivamente, no setor Agropecuário e em parte dos serviços. Já Indústria, Consumo e investimentos dão sinais claros de enfraquecimento, limitando a capacidade de o país sustentar taxas mais robustas de crescimento.

35 ANOS

CDC é referência para os cidadãos

Legislação nasceu em um contexto de redemocratização e é considerada uma das mais modernas do mundo

Agência Gov

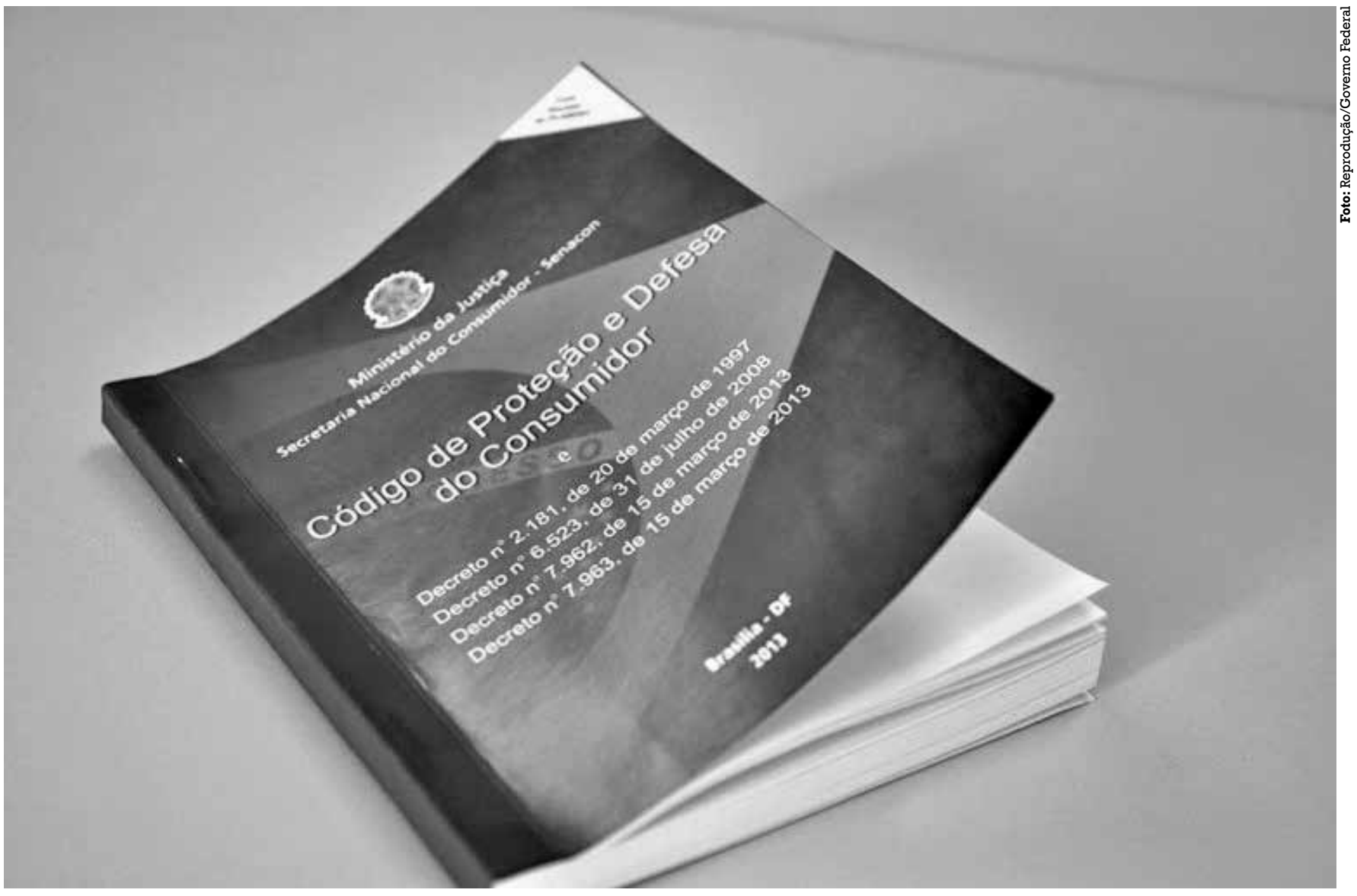


Foto: Reprodução/Governo Federal

Código de Defesa do Consumidor transformou a forma como os brasileiros relacionam-se com o mercado, estabelecendo parâmetros equilibrados

Já pensou como seriam as relações de consumo se não existisse uma lei que defendesse o consumidor? Sem garantias de troca, sem prazo de arrependimento para compras feitas fora das lojas físicas, sem regras claras para a publicidade e para os contratos, os consumidores estariam expostos a abusos e insegurança. Foi para mudar esse cenário que, há 35 anos, o Brasil instituiu o Código de Defesa do Consumidor (CDC), uma das legislações mais modernas e abrangentes do mundo em matéria de consumo.

Ao longo dessas três décadas e meia, o Código consolidou-se como um verdadeiro marco civilizatório. Ele não apenas regulamentou as relações de consumo, mas também mudou a forma como brasileiros e brasileiras relacionam-se com o mercado, estabelecendo novos parâmetros de equilíbrio e confiança.

Sancionado em 11 de setembro de 1990, o CDC nasceu em um contexto de redemocratização do país. Com a Constituição de 1988, os direitos do consumidor passaram a ser reconhecidos como fundamentais. Mais do que um texto jurídico, o CDC tornou-se parte do cotidiano de todo brasileiro. A cada compra feita, a cada contrato assinado e a cada publicidade veiculada, a lei garante que haja respeito, equilíbrio e confiança.

Ministério da Justiça

Por meio da Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon), o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) trabalha para dar efetividade ao CDC, garantindo os direitos da população. Criada em 2012, a Senacon coordena a Política Nacional das Relações de Consumo e integra o Sistema Nacional de Defesa do Consumidor (SNDC), que reúne Procons, Ministérios Públicos, Defensorias e entidades civis em todo o País.

O secretário do Consumidor, Paulo Pereira, acredita que, em seu 35º aniversário, o Código reafirma seu papel como um dos marcos institucionais mais relevantes da nossa história recente. "Foi ele que civilizou as relações de consumo no Brasil, protegeu os cidadãos e estabeleceu um novo patamar de equilíbrio entre consumidores e empresas. Esse avanço, no entanto, não teria sido possível sem a atuação incansável do Sistema Nacional de Defesa do Consumidor na garantia da aplicação e eficácia do Código", completa.

Entre as iniciativas da Senacon, tem destaque a criação da plataforma consumidor.gov.br, serviço público digital que permite a resolução direta de conflitos entre consumidores e empresas, de forma rápida, transparente e gratuita. Hoje, mais de 1.500 empresas participam da plataforma, que registra elevados índices de resolução e satisfação. Qualquer pessoa pode registrar uma reclamação de uma empresa, que se compromete a receber, analisar e responder em até 10 dias.

É importante saber que o consumidor.gov.br não substitui o serviço prestado pelos Órgãos de Defesa do Consumidor, que continuam atendendo os consumidores normalmente por meio de seus canais tradicionais de atendimento.

Há ainda a Escola Nacional de Defesa do Consumidor (ENDC), dedicada à formação e à capacitação de agentes públicos, e o Sistema Nacional de Informações de Defesa do Consumidor (Sindec), que integra dados de atendimento de milhares de consumidores no Brasil.

Pela plataforma *on-line*, eles podem se aprimorar para oferecer assistência de qualidade à população, com cursos ofertados com essa finalidade, tais como em introdução ao Direito do Consumidor, capacitação para utilizar as plataformas consumidor.gov.br e Proconsumidor, além da formação em temas de grande relevância para os cidadãos, como planos de saúde, mercado de combustíveis e relações de consumo no transporte aéreo.

Digital

Senacon criou uma plataforma *on-line* que permite a solução de conflitos de forma rápida, transparente e gratuita. Mais de 1.500 empresas estão cadastradas

Código cumpre papel ao garantir direitos em momentos críticos

A normativa também mostrou sua força em situações difíceis. Durante a pandemia de Covid-19, consumidores enfrentaram dificuldades com o cancelamento em massa de viagens, shows, pacotes turísticos e passagens aéreas. Foi o Código de Defesa do Concumidor que serviu de referência para orientar soluções equilibradas, garantindo direitos básicos dos cidadãos e, ao mesmo tempo, preservando a viabilidade das empresas.

O mundo digital, a proteção de dados pessoais e o uso da inteligência artificial colocam novos desafios à proteção do consumidor. Há debates sobre a necessidade de ajustes e atualizações específicas, mas especialistas são unânimes: o núcleo do Código de Defesa do Consumidor permanece sólido e eficaz.

Seja no balcão de uma loja, em um aplicativo de compras internacionais ou em plataformas que utilizam algoritmos para recomendar produtos, os princípios estabelecidos, em 1990, continuam sendo bússola para a defesa da cidadania.

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Na pandemia da Covid-19, consumidores sofreram com o cancelamento em massa de viagens e encontraram no CDC soluções amparadas pela lei

■ Brasil foi pioneiro na América Latina em consolidar regras para clientes e fornecedores

Reconhecimento

O Código de Defesa do Consumidor brasileiro não é apenas um marco interno: ele também ganhou reconhecimento fora do país. Desde sua criação, em 1990, especialistas internacionais apontam o CDC como uma das legislações mais completas do mundo em matéria de consumo.

O Brasil foi pioneiro na América Latina ao consolidar, em um único diploma legal, regras claras para proteger o consumidor e responsabilizar fornecedores. Esse protagonismo fez com que o CDC servisse de inspiração para outros países da região, que passaram a adotar legislações semelhantes ao longo dos anos 1990 e 2000.

Além disso, os princípios do Código brasileiro dialogam, diretamente, com as Diretrizes das Nações Unidas para a Proteção do Consumidor, aprovadas em 1985 e revisadas posteriormente, que estabelecem padrões globais de respeito e equilíbrio nas relações de consumo.

Esse reconhecimento fortalece a posição do Brasil em fóruns internacionais e mostra que a defesa do consumidor, no país, é tratada como um direito de cidadania em sintonia com as melhores práticas mundiais.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINARIA

PRESIDENTE DO CLUBE DE FUTEBOL E REGATAS TIRADENTES, ENTIDADE FILIADA À FEDERAÇÃO PARAIBANA DE FUTEBOL, AMPARADA EM SEUS PODERES ESTATUTÁRIOS, CONVOCA TODOS OS MEMBROS DA DIRETORIA, CONSELHEIROS E SOCIOS DA ENTIDADE, COM DIREITO A VOTO E A SEREM VOTADOS, A PARTICIPAREM NO DIA 15 DE OUTUBRO DO CORRENTE ANO, QUARTA FEIRA, AS 19 HORAS EM ÚNICA CONVOCAÇÃO COM QUALQUER NUMERO DE SOCIOS, DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINARIA, CONFORME DETERMINA O PARAGRÁFO PRIMEIRO DO ARTIGO OITAVO, QUE OCORRERÁ NA SEDE DO CLUBE SITO A RUA CANOA QUEBRADA NUMERO VINTE E SEIS, BAIRRO DE MANGABEIRA OITO CIDADE DE JOÃO PESSOA PARA DELIBERAR SOBRE A SEGUINTE PAUTA:

A) LEITURA DO RELATÓRIO FINANCEIRO, APRECIAÇÃO E VOTAÇÃO DA PRESTAÇÃO DE CONTAS DA ENTIDADE;

B) VOTAÇÃO E ELEIÇÃO PARA A NOVA DIRETORIA EXECUTIVA E CONSELHO FISCAL PARA O PROXIMO QUADRIÊNIO 2025 A 2029.

João Pessoa, PB, 12 de setembro de 2025.

Rafaella Maria Santos de Lima Braz
Presidente

ITR 2025

PB alcança três pódios em competição internacional

Equipes do estado são formadas por jovens do programa Limite do Visível

Foto: Divulgação/Secties

Resultados revelam histórias de superação; todos são egressos da rede pública de ensino

Três equipes formadas por jovens do programa Limite do Visível fizeram história no International Tournament of Robots (ITR 2025), realizado em Santiago, no Chile, ao conquistarem pódios nas três principais modalidades da competição mundial. Mais do que troféus, os resultados revelam histórias de superação, dedicação e transformação de vidas pela ciência e pela tecnologia. Esse resultado demonstra os frutos da atual política pública estadual da Paraíba em ciência, tecnologia e inovação, feita por meio de ações e programas executados por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties).

Lançado em 2022, o projeto é pioneiro no incentivo à formação tecnológica de jovens egressos da rede pública estadual. Durante os cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) e Ciência de Dados, os alunos receberam bolsas de R$ 1 mil mensais.

O secretário da Secties, Claudio Furtado, ressaltou que esse tipo de investimento é uma prioridade para o Governo do Estado. "Com isso, estamos primeiro promovendo a questão do letramento em robótica e, com essas competições, você estimula não só a rede pública, mas a rede privada também, ou seja, esse conjunto de escolas pensando na robótica como uma ferramenta fundamental para a questão do ensino", disse.

As equipes competiram contra representantes de diversos países em provas que desafiavam habilidades de programação, engenharia, raciocínio lógico e estratégia. O desempenho da Paraíba trouxe grandes resultados: primeiro lugar para a Equipe Olimpo-RP, na modalidade Resgate de Alto Risco; segundo lugar para a Equipe GDA, também na modalidade Resgate de Alto Risco; e terceiro lugar para a Equipe Bumblebee, na modalidade Carros Autônomos.

A delegação, composta por 12 estudantes divididos em três grupos e três professores, é formada por alunos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e integrantes do Projeto Limite do Visível. As equipes já tinham conquistado o título de campeã brasileira em 2024, além de outras vitórias internacionais no mesmo ano.

Claudio explicou que a robótica é uma ferramenta multidisciplinar. "Com isso, nós estamos pensando em física, matemática, química, nas áreas de ciências, mas até nas áreas de cultura, que hoje tem dança, na área de história. Ou seja, pensamos na robótica como uma ferramenta de desenvolvimento da cognição do estudante que vai fazer com que ele possa abordar e resolver problemas de maneira muito mais eficaz, porque ele vai ser treinado a fazer aquilo", comentou.

As equipes receberam o apoio do Governo da Paraíba para o custeio da viagem e estadia. Para Luan Carlos, líder da Equipe Olimpo-RP, que ficou em primeiro lugar na modalidade Resgate de Alto Risco, o apoio financeiro é essencial para que ele se dedique inteiramente aos estudos. "Minha primeira experiência foi no ano de 2022, enquanto ainda estava no Ensino Médio. Sempre admirei o mundo da tecnologia, porém, por condições financeiras da minha família, nunca tinha tido a oportunidade de praticar", disse.

Estudante de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS), na UEPB, por meio do projeto Limite do Visível, ele conta que o estudo em robótica foi um divisor de águas. "Eu não tinha noção do que a robótica era capaz de fazer, principalmente no quesito de resolver problemas e desafios, e do quanto ela pode melhorar a qualidade de vida das pessoas. Também desconhecia seu uso pedagógico para desenvolver o raciocínio de vários alunos, que foi exatamente o que aconteceu comigo".

Já Davi Luiz Cândido, líder da Equipe GDA, que ficou em segundo lugar na modalidade Resgate de Alto Risco, contou sobre a alegria do resultado. "Sem a presença de Deus, nada disso teria sido possível. Foram tantas coisas boas que a robótica trouxe que me emociono só de pensar. Além de me dar uma carreira profissional e o amor pela programação, ela me trouxe grandes amizades, amigos mais chegados que irmãos, pessoas únicas que ajudaram aquele menino tímido a se tornar o campeão que sou hoje".

Davi estuda e compete em robótica desde os 13 anos. De lá para cá, ele venceu em diversas modalidades e conquistou resultados importantes: segundo lugar na etapa regional da Olimpíada Brasileira de Robótica e terceiro lugar na Latin American Robotic Competition, na modalidade Soccer. Além disso, vieram os títulos regionais e municipais no Torneio Juvenil de Robótica (TJR), Expotec, MNR, entre outras disputas. "Dos 16 aos 23 anos, tive o prazer de participar de várias modalidades, agora participo como aluno mais velho. Minha missão era ajudar os mais novos, enquanto me preparava para minhas próprias competições. Nesse período, conquistei dois títulos no ITR, na modalidade Resgate de Alto Risco, além de um segundo lugar na RoboCup Júnior, na modalidade Challenger, de longe, o maior desafio da minha vida", contou.

Enquanto isso, Miguel Lucas Luna, líder da Equipe Bumblebee, que ficou em terceiro lugar na modalidade Carros Autônomos, contou que a robótica despertou muito interesse por unir tecnologia, criatividade e trabalho em equipe. "A robótica tem transformado minha vida, me proporcionando aprendizados técnicos, crescimento pessoal e a chance de viver experiências que jamais imaginei. Hoje, sigo motivado a continuar firme nessa caminhada, pesquisando e levando o nome do estado da Paraíba cada vez mais longe através da ciência e da tecnologia".

Programa Limite do Visível

Na última quarta-feira (10), 50 estudantes dos cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) e Ciência de Dados se formaram e mais 50 estarão com seus diplomas em mãos até o fim do ano. Um dos diferenciais da iniciativa foi a construção de Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) inovadores, elaborados em parceria com especialistas e empresas do setor. Essa integração assegurou que o currículo formativo atendesse às demandas contemporâneas do mundo do trabalho, unindo competências técnicas, visão crítica e habilidades socioemocionais.

Sobre o campeonato

O ITR é ligado ao TJR e à RoboLeague, plataforma internacional de *ranking* de robôs, e se posiciona como um evento integrador e de consolidação de *rankings* mundiais, diferente da RoboCup, focada em pesquisa de ponta, e do FIRST, voltado à formação educacional global. Ele fortalece a ideia de uma liga internacional de robótica competitiva, criando uma ponte entre educação, ciência aplicada e reconhecimento mundial, com o objetivo de criar um circuito global estruturado, conectando eventos nacionais e continentais, TJR e Torneio de Robótica Juvenil/da Juventude (YTRo), em um *ranking* oficial.

Foto: Divulgação/Secties

Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia, Claudio Furtado, esteve presente ao evento

Ecos do Universo

Carlos Alberto P. da Silva
radioastronomia.educacional@gmail.com | Colaborador

Pulsares, relógios cósmicos

Em 1967, um sinal periódico vindo do espaço intrigou a jovem pesquisadora Jocelyn Bell. Era um pulso de rádio, regular como o tique-taque de um relógio, vindo de um ponto fixo no céu. A princípio, suspeitou-se de uma possível civilização alienígena e, com humor, o sinal foi apelidado de "LGM" — little green men ("pequenos homenzinhos verdes"). Mas logo se percebeu que a natureza do fenômeno era ainda mais fascinante: tratava-se de uma estrela morta, comprimida até os limites da matéria, girando vertiginosamente e emitindo feixes de radiação como o facho de um farol. Assim nasceram os pulsares.

Pulsares são um tipo de estrela de nêutrons — o núcleo colapsado de uma estrela massiva que explodiu como supernova. Durante essa explosão, as camadas externas da estrela são arremessadas ao espaço, enquanto o núcleo implode sob sua própria gravidade. Os prótons e elétrons se fundem, formando nêutrons — partículas neutras que se empacotam de forma absurdamente densa. Para se ter uma ideia, uma simples colher de chá da matéria de uma estrela de nêutrons pesaria bilhões de toneladas na Terra. O objeto resultante tem cerca de 20 quilômetros de diâmetro, mas contém mais massa que o Sol.

> **Alguns pulsares chegam a girar centenas de vezes por segundo, com uma precisão temporal**

O que torna os pulsares únicos é sua rotação frenética e seu poderoso campo magnético. Conforme giram, feixes de radiação eletromagnética emergem de seus polos magnéticos. Se esses feixes cruzam a Terra, detectamos pulsos regulares de ondas de rádio, raios X ou até raios gama. É como observar o facho de um farol girando no oceano cósmico: vemos um brilho breve a cada rotação. Alguns pulsares chegam a girar centenas de vezes por segundo, com uma precisão temporal que rivaliza com a de relógios atômicos.

Esses relógios do espaço são ferramentas valiosas para a ciência. Ao estudar o ritmo de seus pulsos, os astrônomos podem testar as leis da gravidade, mapear o espaço interestelar e até procurar ondulações no tecido do espaço-tempo — as chamadas ondas gravitacionais. Pulsares em sistemas binários, por exemplo, permitem medir com precisão como a gravidade curva o tempo e o espaço, fornecendo evidências impressionantes para a teoria da relatividade de Einstein.

Há também um fascínio poético nos pulsares. São remanescentes de estrelas que um dia brilharam intensamente e depois morreram de forma cataclísmica, mas que continuam a marcar presença no cosmos — não com luz constante, mas com batidas regulares, como corações fantasmagóricos. Cada pulso é um lembrete de que o universo guarda memórias de seu passado violento, transformando a morte estelar em ritmo e sinal, em um eco que atravessa o tempo e o espaço.

Em nosso curta-metragem premiado "Pulsares", exploramos essas possibilidades, mostrando a conexão entre ciência e arte. Sons reais de pulsares são mesclados com temas da vida cotidiana. Já o cordel "Pulsares: Relógios Cósmicos" é uma oportunidade de unir cultura popular e ciência da Radioastronomia. O assunto é apresentado como recurso didático interessante para promover a interdisciplinaridade — por exemplo, entre disciplinas como física e literatura. Mais recentemente, em dezembro último, o poema "Faróis Estelares" integrou uma edição do Correio das Artes, explorando novamente o tema, agora em uma rima mais tradicional.

Carlos Alberto P. Silva, Coord. BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group), atua na pesquisa e divulgação de temas voltados para a radioastronomia educacional.

Colunista colaborador

Fotos: Divulgação/Associação Guajiru

O auxílio de biólogos e estagiários na proteção, coleta dos ovos e a ajuda aos filhotes, no primeiro caminho do mar, aumentam as chances de sobrevivência

GUAJIRU

ONG protege tartarugas marinhas

De novembro a junho, são realizados monitoramentos nos trechos de praia com maior quantidade de ninhos

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Criada em 2002, a Associação Guajiru é uma organização não governamental que tem o objetivo de proteger a vida marinha, em especial as tartarugas, do Litoral paraibano. Entre os seus principais projetos está o Tartarugas Urbanas, focado em proteger as áreas de desova desses animais.

De acordo com a bióloga e atual presidente da Associação, Danielle Siqueira, há registro científico de quatro espécies no estado — tartaruga-de-pente, tartaruga-verde, tartaruga-oliva e tartaruga-cabeçuda. "Também existem relatos informais, em áreas mais afastadas da costa, da tartaruga de couro", contou.

Todas essas espécies são ameaçadas de extinção a nível mundial. "No Brasil, apenas a tartaruga verde está classificada como não ameaçada de extinção, mas isso é recente e o grupo ainda está sob as leis de proteção ambiental", afirmou Danielle.

Os voluntários da associação, que atualmente são 108, cercam e sinalizam os ninhos, para evitar que banhistas ou mesmo equipes de limpeza acabem quebrando os ovos. Além disso, eles ajudam a guiar as tartaruguinhas para o mar quando elas nascem. Devido à iluminação artificial, os filhotes, que deveriam se orientar através do brilho da espuma das ondas e da lua para chegar ao oceano, desorientam-se em direção contrária ao mar e, em consequência disso, podem acabar morrendo desidratados, predados ou atropelados. Daí a necessidade de ajuda humana.

"Não estamos no período reprodutivo agora, mas temos uma média de 250 ninhos por período reprodutivo. Os nascimentos, geralmente, começam em janeiro e têm o ápice em abril", explicou Danielle.

Na Paraíba, há registros científicos de quatro espécies diferentes

De novembro a junho, são realizados monitoramentos nos trechos de praia com maior quantidade de ninhos, procurando pelos rastros que a tartaruga deixa na areia, para identificar e proteger os ninhos. "Esse monitoramento é realizado às 5h30 da manhã e os voluntários fazem uma escala de revezamento para que todos os dias durante o período reprodutivo, as áreas sejam monitoradas", contou.

A atuação da ONG abrange os municípios de João Pessoa, nos bairros do Bessa, Jardim Oceania, Manaíra, Jacarapé e Cabo Branco; Cabedelo, nos bairros de Intermares, Ponta de Campina e, mais recentemente, Ponta de Matos; Lucena, em Costinha e no Centro de Lucena, por informações da comunidade; Rio Tinto, em Barra de Mamanguape, por informações da comunidade; e Baía da Traição, no Akajutibiró.

Danielle destacou que, em alguns locais, o monitoramento é feito com base no atendimento às demandas. "Quando alguém nos informa ou pede assistência, nós prestamos apoio. Neste ano, inclusive, isso aconteceu no município de Pitimbu", lebrou.

Resgates

Além de ajudar os filhotes, a associação também atua, pontualmente, em alguns casos de resgate de tartarugas adultas que encalham na praia ou são encontradas doentes. Um caso que chamou a atenção ocorreu no último mês de maio, quando o resgate de uma tartaruga-cabeçuda de 110 kg mobilizou voluntários e o Corpo de Bombeiros no mar de Intermares, em Cabedelo, após perceberem que ela não conseguia afundar.

O animal foi encaminhado para o Aquário Paraíba, onde passou por exames que detectaram a presença de plástico no seu trato intestinal. O veterinário Thiago Nery esclareceu que o tratamento é voltado para eliminação gradativa desses plásticos sem agredir o intestino do animal e a tartaruga está sendo medicada diariamente para fazer essa eliminação.

Ninhos naturais têm até 80% de aproveitamento dos ovos

"Quando esse animal eliminar totalmente esse plástico, ele está apto à soltura. Atualmente, a gente já está fazendo a adaptação dele numa piscina maior, para ele conseguir ficar afundando. Uma das partes da reabilitação é o animal voltar à capacidade de ficar, além de boiando, afundando quando ele quer. Eu acredito que agora, no mês de setembro, esse animal vai estar apto para a soltura", disse.

Para ele, a Guajiru exerce um trabalho fundamental, não só do ponto de vista da reabilitação e resgate das tartarugas, como também da educação ambiental e conscientização da população. "Esse trabalho que eles fazem de monitoramento de ninho, acompanhamento diário daquele ninho até o momento da eclosão e o nascimento dessas tartarugas, tem, com certeza, um peso muito grande na taxa de natalidade. Então, a gente tem, em ninhos normais, que ficam soltos na natureza, um aproveitamento que vai de 70% a 80% dos filhotes eclodidos. E quando a gente tem a ação humana benéfica, como é o caso da ONG, a gente tem uma taxa de natalidade maior, com melhor aproveitamento de ovos fecundados", comentou.

Ele destacou, ainda, que a associação também aproveita esses momentos de nascimento para a educação ambiental, "que é fundamental, que não é só o pessoense que acaba passando por isso, mas todos os turistas que chegam por ali".

Entidade envolve sociedade e projetos com ações ecológicas

Além do projeto Tartarugas Urbanas, a associação também realiza o projeto Limpamar, que faz mutirões de limpeza nas praias, separando e analisando o material coletado. "Trazemos exposições de diversos projetos, ONGs e instituições para divulgação científica", contou Danielle.

A Guajiru também realiza atividades com escolas, seja recebendo visitas na sede ou indo fazer palestras. "Neste ano, por exemplo, já atendemos mais de 1.600 estudantes. E durante os processos em que as tartarugas caminham para o mar, nós aproveitamos para fazer palestras educativas", disse ela, acrescentando que a ONG está criando uma equipe, exclusivamente, voltada para educação ambiental. "Desenvolvemos jogos, ações, eventos e palestras dinâmicas relacionada aos projetos".

Outra atividade da ONG é a Semana Oceânica, com o propósito de criar um espaço de diálogo colaborativo entre municípios, setor privado, sociedade civil organizada e academia em torno da conservação e utilização sustentável dos recursos marinhos.

Todo os anos, próximo ao Dia Mundial dos Oceanos, celebrado em 8 de junho, realiza-se na Paraíba a Semana Oceânica, que conta com diversas atividades, como rodas de conversa, oficinas, prática de esportes náuticos e outras ações que promovem a conservação marinha.

Desafios

Sobre as dificuldades enfrentadas na conservação, Danielle Siqueira explicou que para as tartarugas em áreas urbanizadas, um dos grandes problemas é a foto-poluição, ou seja, o excesso de luzes artificiais, mesmo com equipamentos de iluminação pública mais modernos.

Há ainda a questão das mudanças climáticas que, conforme explicou a bióloga, têm interferido no sucesso reprodutivo, ocasionando a inundação de ninhos, entre outros contratempos.

"O plástico é outro problema reconhecido de forma global. E a pressão urbana na zona costeira também impacta esses animais".

Já os desafios enfrentados pela própria ONG para realizar o trabalho de conservação são, principalmente, a quantidade de voluntários, que fica aquém da demanda e, especialmente, a captação de recursos.

Projeto Limpamar faz mutirões de limpeza separando e analisando o material coletado

"Em relação aos recursos, na verdade muitas empresas nos procuram, mas acabam não dando segmento às parcerias e financiamento de projetos. Aqui, poucos têm a preservação ambiental como política de empresa. Hoje nos mantemos ainda principalmente de doações", afirmou Danielle.

Como ajudar: Para se cadastrar como voluntário ou fazer doações para a Associação Guajiru basta acessar o *site* https://associacaoguajiru.com.br/ no qual também é possível encontrar as informações de contato da ONG.

Foto: Estefanho Francelino/Campinense

ELEIÇÕES NO CAMPINENSE

Novo presidente será conhecido hoje

Flávio Torreão e Mércio Franklin disputam o pleito com propostas de recuperar a credibilidade do clube e recolocá-lo nas competições nacionais a partir da temporada de 2027

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Os sócios do Campinense elegem, hoje, o próximo presidente da Diretoria Executiva da agremiação de Campina Grande. O novo dirigente comandará um Conselho Diretivo que conta com vice-presidente, diretor de Administração e Finanças, diretor de Futebol e diretor de Patrimônio. O pleito, que ocorre durante todo dia, das 8h às 18h, no Estádio Renatão, tem um colégio eleitoral composto por pouco mais de 160 sócios, que estão adimplentes com o clube social. As eleições também definirão os membros dos Conselhos Deliberativo e Fiscal da Raposa para o biênio 2026-2027.

Para o Conselho Diretor, duas chapas homologaram inscrição para as eleições. Uma encabeçada pelo atual presidente Flávio Torreão, e a outra de oposição, liderada pelo sócio patrimonial Mércio Franklin. Na composição dos dois grupos políticos, aparecem nomes conhecidos do torcedor raposeiro.

O grupo de Torreão tem William Simões, ex-presidente e multicampeão pelo clube, como vice-presidente. Além disso, tem Marcone Rocha na diretoria de futebol, Nelson Gomes na diretoria de patrimônio e Wellington Monteiro na diretoria financeira. O atual presidente passará pelo crivo do sócio pela primeira vez, já que está no principal cargo diretivo do Campinense por conta de uma liminar judicial.

Com o apoio de ex-presidentes como Saulo Miná, Graça Melo, Paulo Gervany, Roberto Almeida e Rômulo Leal, Mércio Franklin tem uma chapa formada por Audy Nunes como vice-presidente, Carlos Gonzaga como diretor de futebol, Vladimir Aciole como diretor administrativo e financeiro, e Benedita Gondim como diretora de patrimônio.

Para o Conselho Deliberativo, serão eleitos 33 membros titulares e 11 suplentes. Ao todo, 53 sócios pleitearam candidatura para os cargos. Para o Conselho Fiscal, serão escolhidos cinco membros titulares e quatro suplentes, houve oito candidaturas.

Foco na presidência

O jornal **A União** buscou conversar com os membros das duas chapas inscritas para o Conselho Diretivo. Em contato com a reportagem, o candidato de oposição à presidência, Mércio Franklin, falou sobre algumas de suas propostas para o clube associativo e também para o futebol raposeiro. Segundo ele, sua candidatura e o grupo de trabalho montado respondem aos anseios das arquibancadas.

"Eu sou um torcedor assíduo da Raposa e sempre fiquei nas arquibancadas torcendo pelo clube. Mas, diante do cenário administrativo e futebolístico negativo dos últimos anos, resolvi sair da minha zona de conforto e adentrar na política. Coloquei-me à disposição para contribuir e reerguer esse gigante adormecido que se chama Campinense Clube", disse.

"O Campinense é um clube social que, ao longo dos anos, foi deixado de lado. Então, dentro do nosso rol de propostas, temos a ideia de fortalecer o clube social. Para isso, nós temos um projeto já minutado que visa requalificar o Ginásio Cezar Ribeiro, para usá-lo como um espaço multiuso; e a construção de uma área de recreação infantil", ressaltou Mércio.

Para o futebol, o candidato pensa em realizar um trabalho "pé no chão", mas sem deixar de pensar grande. "Nós vamos profissionalizar todo o Departamento de Futebol. Já estamos em contato com um executivo de Futebol. Além do Executivo, teremos um gerente, um analista e um supervisor. Não aceitarei que esses profissionais não tenham as licenças dadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF)", alertou o candidato de oposição.

"[...] O Paraibano de 2026 terá apenas 11 datas, é um campeonato de tiro curto. Então, a gente tem que ter muita responsabilidade, a nossa meta principal é buscar, com todos os nossos esforços, o título e, por consequência, um calendário nacional", completou.

Representando a situação, o candidato à vice-presidência, William Simões, falou sobre o trabalho que os atuais gestores do clube pretendem fazer para melhorar as condições dentro do clube. Ele destacou que os problemas dos últimos anos precisam ser corrigidos para que o Campinense volte para o seu lugar no cenário do futebol da Paraíba.

"O Campinense, infelizmente, não tem conquistado o que é de praxe, de acordo com sua história. Foram dois anos em que a gente tinha expectativa de ser campeão e conseguir uma vaga na Série D, até mesmo na Copa do Brasil e Copa do Nordeste. Isso não veio. [...] O que rege um clube de futebol são, na verdade, as conquistas. Nós formamos uma chapa com pessoas experientes. Se formos eleitos, o primeiro objetivo é se reunir para poder implementar o planejamento para os próximos dois anos. Não se pode prometer para a torcida coisas mirabolantes. Então, vamos fazer o que está ao nosso alcance", afirmou Simões.

"Queremos fazer um planejamento para montar um time competitivo, um time em plenas condições de disputar o Campeonato Paraibano. Primeiro, é montar um time para ganhar o Estadual, consequentemente, a ideia é ter uma vaga na Copa do Nordeste, na Copa do Brasil, vaga no Brasileiro. Com o planejamento, também olharemos para o patrimônio do clube, que precisa ser valorizado", completou o candidato à vice-presidência da chapa liderada por Flávio Torreão.

SAF

A formalização de uma Sociedade Anônima do Futebol (SAF) é tema de discussão tanto da situação como da oposição. O modelo de gestão é a principal ferramenta para muitos clubes brasileiros voltarem ao cenário competitivo no futebol nacional. Com uma dívida de cerca de R$ 20 milhões, conforme informaram os dirigentes ouvidos pelo jornal **A União**, o Campinense busca ajustar seu estatuto social para iniciar conversas com investidores.

"Em relação a SAF, o modelo é uma realidade no futebol brasileiro e internacional. Mas nem sempre é uma solução viável. Tem que ser feito um estudo para a implementação. Eu defendo, sim, a SAF no Campinense, mas não a SAF com imediata venda. O modelo que nós defendemos e que haveremos de implantar é um modelo no qual o clube seja o detentor de todo o capital", explicou Mércio Franklin.

"A gente vai levar para o Conselho Deliberativo referendar a constituição de uma Pessoa Jurídica (PJ). A partir da constituição da PJ, começaremos a pensar em SAF. Quando isso acontecer, temos que ter cuidado e critério. É preciso saber se os investidores são idôneos. Eu vejo muitos clubes de futebol se endividando ainda mais. Então, a gente tem que ter esse lado de *expertise* para que no futuro não possa prejudicar a instituição", destacou Simões.

Dentro de campo

A última participação do Campinense em competições nacionais ocorreu em 2023, quando disputou a Série D do Campeonato Brasileiro. Desde então, o clube não conseguiu fazer boas campanhas no Estadual, ficando sem calendário no segundo semestre de 2024, 2025 e 2026.

O cenário complicado tem o calendário para o próximo ano com apenas os meses de janeiro e fevereiro preenchidos. O longo tempo de inatividade é um dos principais problemas do clube. Sem futebol, não tem receitas para quitar dívidas e montar elencos competitivos.

Foto: Reprodução/Instagram @merciofranklin

Mércio diz que sua candidatura alcança os anseios das arquibancadas

Foto: João da Paz/PBEsportes

Flávio Torreão (C) conta com apoio dos ex-presidentes para o Campinense voltar a brilhar

MUNDIAL NA ÍNDIA

Petrúcio e Jerusa são os destaques

Velocistas têm boas chances de medalhas na competição a ser disputada entre 26 de setembro e 5 de outubro

Foto: Alessandra Cabral/CPB

Foto: Douglas Magno/CPB

O paraibano Petrúcio Ferreira segue como o atleta paralímpico mais rápido do mundo e a acreana Jerusa Geber também tem resultados expressivos

Os velocistas Petrúcio Ferreira, da classe T47 (amputados de braço), e Jerusa Geber, da T11 (deficiência visual), disputarão o Mundial de atletismo em Nova Déli, na Índia, de 26 de setembro e 5 de outubro, como os principais medalhistas da Seleção Brasileira na competição.

A competição na Índia será o primeiro Mundial de atletismo após a realização dos Jogos Paralímpicos de Paris 2024. Na capital francesa, a modalidade rendeu 36 pódios ao país, sendo 10 ouros, 11 pratas e 15 bronzes. As provas serão realizadas no estádio Jawaharlal Nehru e a delegação brasileira contará com 50 atletas e nove atletas-guia. Esta é a 12ª participação brasileira em um Mundial da modalidade.

Dentre os convocados para Nova Déli, o velocista paraibano é o maior vencedor na história da competição, com seis ouros: venceu os 100 m nos Mundiais Paris 2023 e em Kobe 2024; os 100 m e os 400 m em Dubai 2019; e os 100 m e 200 m em Londres 2017.

Na capital indiana, Petrúcio vai em busca do quinto título mundial nos 100 m. "Isso é muito gratificante na minha carreira. É a realização de muitos sonhos. Depois de um 2024 vitorioso, iniciei essa temporada atual com bons resultados. Estou melhor fisicamente e mentalmente para buscar essas novas marcas no Mundial", afirmou o atleta recordista mundial dos 100 m com 10s29 e tricampeão paralímpico.

Já a velocista acreana é a atleta da atual Seleção Brasileira que conta com mais pódios em Mundiais da modalidade. Foram 11 até agora. Somente na edição de Paris 2023, Jerusa conquistou duas medalhas de ouro: nos 100 m e 200 m T11.

Já em Christchurch 2011, na Nova Zelândia, ela subiu ao pódio três vezes naquela edição, com a prata nos 100 m e 200 m, além de um ouro no revezamento 4x100 m. A atleta, que nasceu totalmente cega, também é a atual recordista mundial da disputa que exige mais velocidade: fez 11s80 nos 100 m.

Em Nova Déli, ela pode atingir a marca de ser a maior medalhista do Brasil na história dos Mundiais de atletismo. Até hoje, a dona do recorde é a mineira Terezinha Guilhermina, com 12 pódios no total. São oito ouros e quatro pratas entre os Mundiais de Assen 2006 e Doha 2015. Entre os homens, o maior medalhista é o alagoano Yohansson Nascimento, atual vice-presidente do CPB, com 11 medalhas.

"Estamos com muita vontade de chegar nesse Mundial e trazer mais essas duas medalhas para o país, independentemente da cor de cada uma. Queremos colocar o nosso nome mais uma vez na história do esporte paralímpico do Brasil", completou Jerusa.

A potiguar Thalita Simplício é outra atleta da Seleção que também está entre os principais medalhistas em relação à quantidade. A velocista da classe T11 (deficiência visual) soma oito pódios na história dos Mundiais, sendo três ouros, duas pratas e três bronzes.

Thalita tem a mesma quantidade (porém, com um ouro a mais) que o fluminense Felipe Gomes, que conquistou dois ouros, três pratas e três bronzes. O medalhista de bronze nos 400 m no Mundial de Kobe 2024, no entanto, não está entre os convocados para a disputa na Índia.

O lançador mineiro Claudiney Batista, da classe F56 (que competem sentados), com sete pódios, sendo três ouros, duas pratas e dois bronzes, e a paulista Beth Gomes (F53), com seis medalhas, sendo quatro ouros, uma prata e um bronze, completam a relação dos atletas com mais conquistas pelo país na história da competição.

Ao todo, o Brasil já conquistou 304 medalhas na história dos Mundiais de atletismo — sem considerar a participação do país na edição de Birmingham 1998, por falta de dados do Comitê Paralímpico Internacional (IPC, em inglês). Foram 107 ouros, 90 pratas e 107 bronzes.

PARALÍMPICO

Segunda edição do Festival acontece no dia 20 de setembro

Foto: Divulgação/CPB

Atividades lúdicas e inclusivas são a marca do Festival Paralímpico, que vai acontecer em mais de 100 sedes pelo Brasil

A segunda edição do Festival Paralímpico Loterias Caixa de 2025 será realizada no dia 20 de setembro, às vésperas do Dia Nacional da Luta das Pessoas com Deficiência, com atividades marcadas para o Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo, e 104 outras sedes em todo país.

O Festival Paralímpico, ação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), promove a experimentação de modalidades esportivas de forma lúdica e inclusiva para crianças com e sem deficiência. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas até o dia 19 de setembro.

No Centro de Treinamento Paralímpico, os inscritos poderão vivenciar o atletismo, o *badminton* e o vôlei sentado. Além da capital paulistana, outros 116 endereços participam da ação, com a oferta de três modalidades por localidade.

Nesta edição, cinco cidades receberão a iniciativa pela primeira vez: Barbacena (MG), Cabici (RO), Campo Mourão (PR), Itapajé (CE) e Ivaiporã (PR). João Pessoa e Campina Grande seguem participando do Festival.

A última edição do Festival Paralímpico, realizada em junho, recebeu 27.478 inscrições, o maior número já registrado em uma edição do evento. As crianças e jovens de até 23 anos participaram de atividades simultaneamente realizadas em 124 cidades distribuídas pelas 27 unidades federativas do Brasil.

BEACH SOCCER

Seleção Brasileira definida para a Copa na Praia de Tambaú

A técnica Rose Andrade anunciou a convocação das 12 atletas que representarão o Brasil na Copa de Seleções de Beach Soccer Feminino, que será disputada de 2 a 5 de outubro, na Praia de Tambaú, em João Pessoa (PB).

Essa será a segunda vez que a Seleção Brasileira Feminina de Beach Soccer joga em solo brasileiro. A primeira foi em janeiro de 2024, quando o Brasil venceu o Paraguai em dois jogos no Desafio Internacional realizado em São Paulo. Agora, será a vez dos torcedores paraibanos acompanharem de perto a habilidade das nossas atletas.

A competição faz parte da programação oficial do Paraíba World Beach Games e contará com seis seleções divididas em dois grupos regionais. Os jogos da fase de grupos serão disputados em sistema de turno único. As duas primeiras colocadas de cada grupo avançam para a final e disputa do terceiro lugar.

Programação de Jogos

Quinta-feira – 02/10
Grupo A: Brasil x Pernambuco
Grupo B: Paraíba x Alagoas

Sexta-feira – 03/10
Grupo A: Ceará x Pernambuco
Grupo B: Rio Grande do Norte x Alagoas

Sábado – 04/10
Grupo A: Brasil x Ceará
Grupo B: Paraíba x Rio Grande do Norte

Domingo – 05/10
Decisão do 3º Lugar: 2º Grupo A x 2º Grupo B
Final: 1º Grupo A x 1º Grupo B

Foto: Célio Júnior/CPB

A arena montada na Praia de Tambaú será palco da Copa de Seleções, em outubro

ELIMINATÓRIAS

Destaques e as decepções da Seleção

Alguns jogadores agradaram a Carlo Ancelotti, outros ficaramn devendo, nos jogos contra Chile e Bolívia

Agência Estado

A Seleção Brasileira encerrou, no último dia 10, sua campanha nas Eliminatórias Sul-Americanas. Mesmo com a vaga garantida à Copa do Mundo de 2026, que será disputada no Canadá, EUA e México, Carlo Ancelotti usou os dois últimos confrontos, com Bolívia e Chile, para testar formações e novos jogadores entre os titulares do Brasil. Entre um jogo e o outro, o time teve nove mudanças entre os 11 iniciais.

Nessa Data Fifa, o técnico italiano utilizou 22 jogadores, somando titulares e reservas, e pôde realizar algumas observações — apesar das condições adversas do confronto com a Bolívia na altitude superior a 4 mil metros em El Alto. O Estadão pontua a seguir três destaques e três decepções da Seleção Brasileira na vitória por 3 a 0 sobre o Chile e na derrota para a Bolívia.

Fotos: Rafael Ribeiro/CBF

Estêvão se saiu muito bem no jogo contra o Chile, mas nem tanto contra a Bolívia

Menções honrosas

A vitória da Seleção Brasileira sobre o Chile, no Maracanã, foi a melhor atuação desde que Ancelotti assumiu o comando da equipe, para as partidas das Eliminatórias em junho. Apesar de o Brasil ter registrado sua pior campanha desde que a fase classificatória da Conmebol passou a adotar o formato atual, por pontos corridos, o técnico teve mais avaliações positivas do que negativas nos dois últimos confrontos.

Apesar do pênalti cometido contra a Bolívia, e que resultou na primeira derrota à frente da Seleção Brasileira, Bruno Guimarães foi exaltado pelo treinador após a vitória sobre o Chile e antes de viajar para a altitude da Bolívia. Além da atuação sólida, ele marcou o gol que selou o triunfo no Maracanã.

O mesmo vale para Luiz Henrique. De volta à Seleção Brasileira pela primeira vez desde sua ida ao Zenit, o atacante entrou no segundo tempo da partida contra o Chile e empolgou o torcedor no Maracanã, tendo participado diretamente dos gols de Lucas Paquetá e de Bruno Guimarães na segunda etapa.

Tanto que, após essa atuação, ele ganhou oportunidade como titular na Bolívia. Ficou abaixo, assim como o restante do elenco, mas ganha pontos positivos junto à comissão técnica.

Três destaques

Se na partida contra o Chile, Alisson pouco foi exigido, o goleiro teve trabalho para segurar o ataque da Bolívia na última rodada das Eliminatórias. Até acertou o canto, mas não conseguiu defender a cobrança de Miguel Terceros, já nos acréscimos da primeira etapa, mas impediu a Seleção Brasileira de sofrer uma derrota ainda maior na altitude de El Alto.

A Bolívia explorou os chutes de longa distância, contando com a velocidade da bola na altitude, mas o goleiro brasileiro conseguiu se manter seguro nos lances com a bola rolando. Além disso, já na reta final do segundo, fez importante defesa para impedir o gol de Algarañaz, de cabeça.

Contra o Chile, além dos já citados nas menções honrosas, Estêvão e Raphinha se destacam. Primeiro, o atacante do Chelsea, ex-Palmeiras. Responsável por abrir o placar no Maracanã — gol que o transformou no segundo jogador mais jovem a marcar com a Amarelinha, atrás apenas de Pelé -, teve uma grande atuação no primeiro tempo do Maracanã.

Conseguiu trabalhar bem a bola com Wesley e encantou Ancelotti, colocando-se como um dos selecionáveis para a Copa do Mundo. "Está muito bem, trabalhando bem, tranquilo, humilde. Eu vejo ele sem pressa de progredir. Vai ser um jogador importante para a equipe nacional no futuro", afirmou Ancelotti, sobre Estêvão, antes da viagem para a Bolívia.

No segundo jogo, Estêvão não começou entre os titulares. Em pouco mais de 30 minutos em campo, substituindo Luiz Henrique, conseguiu criar algumas jogadas pela ponta, mas foi prejudicado pela inefetividade do ataque e da equipe brasileira como um todo

As mesmas premissas valem para Raphinha. O atacante do Barcelona liderou o Brasil em campo contra o Chile, sendo responsável pela finalização que resultou no rebote para o gol de Estêvão. Com intensidade, como já havia demonstrado em outras partidas da seleção nestas Eliminatórias, deixa a Data Fifa com uma visão positiva sobre si.

Na altitude, o atacante canhoto entrou no segundo tempo e, junto com Estêvão, ajudou a dar mais fôlego para a equipe, mas foi incapaz de levar a seleção brasileira ao gol.

Pontos negativos

Vale ressaltar que a partida contra a Bolívia surge como uma exceção na análise da Seleção Brasileira. No geral, além de Alisson, nenhum jogador obteve grande destaque na altitude de El Alto. Considerando as duas partidas, Richarlison, Samuel Lino e Vitinho, todos titulares contra a Bolívia, ficaram abaixo dos demais no elenco.

O atacante do Tottenham é um homem de confiança de Ancelotti, desde o período em que trabalharam juntos no Everton. Entrou no segundo tempo no Maracanã e pouco criou; na Bolívia, ainda nos 45 minutos iniciais, sofreu com os efeitos da altitude e, em diversos momentos, foi prejudicado pelo ar rarefeito.

Por isso, pouco conseguiu mostrar ao treinador nesta Data Fifa. Deixou o campo para a entrada de João Pedro, nas primeiras mexidas de Ancelotti. Ainda não conseguiu marcar com a camisa da Seleção Brasileira desde a Copa do Mundo do Catar, em 2022.

A estreia de Samuel Lino foi motivo de celebração no Flamengo. O atacante ganhou a chance de ser convocado depois do corte de Matheus Cunha, lesionado. Contra a Bolívia, no entanto, sofreu junto aos demais jogadores do elenco na altitude e não conseguiu mostrar suas credenciais para provar que deve voltar a ser convocado pelo italiano.

As condições extremas na Bolívia, no entanto, devem ser julgadas de acordo pela comissão técnica de Ancelotti para continuar monitorando o atacante do Flamengo ao longo desta e da próxima temporada, até o Mundial de 2026. O mesmo vale para Vitinho, que teve a responsabilidade de substituir o lesionado Wesley entre os titulares, mas não se destacou ofensivamente.

Seja pelos fatores externos à organização da equipe em campo ou pelo nervosismo de sua estreia, o lateral do Botafogo teve uma atuação contida em campo, sem conseguir explorar seu principal ponto forte, que é o apoio ofensivo pela lateral do campo. Foi substituído no início do segundo tempo, junto com Richarlison.

Ancelotti fez diversas observações nas duas partidas

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Muito trabalho pela frente e pouco tempo

Passada a pompa e a alegria contagiante com a notável e novelesca contratação de um treinador estrangeiro após décadas, o novo comandante da Seleção Brasileira, Carlo Ancelotti, enfim, iniciou a sua árdua e inglória missão de devolver uma taça da Copa do Mundo para o país do futebol.

Foram quatro partidas nas Eliminatórias. Pouco para um trabalho que terá de ser muito para a conquista do grande objetivo, ainda distante, visto que o ciclo para a Copa do Mundo que vai ser sediada por México, Canadá e Estados Unidos, foi uma completa esculhambação.

Ancelotti chega à Seleção inevitavelmente para conhecer, ambientar-se e testar, como um cientista num laboratório novo, em um novo país, com novas químicas. Por conta das novas condições de temperaturas e pressão, tipicamente brasileiras, não teve condições apenas disso. Precisou de resultado para afastar qualquer tipo de fantasma, outrora comum, de não conseguir avançar para o Mundial, coisa que nunca acontecera, apesar de alguns medos de últimas rodadas que a Seleção passou em outros ciclos. Salve Romário!

Algo que em termos de 2025, convenhamos, não iria acontecer, afinal, pela primeira vez, dos 10 países que disputam as Eliminatórias da Copa do Mundo na América do Sul, seis avançam para a fase de grupos da Copa diretamente e o sétimo colocado ainda vai para a repescagem. Ouro de mina!

A estreia foi um empate, fora de casa, diante do Equador. Depois vieram as vitórias sobre Chile e Paraguai, garantindo a presença brasileira em mais uma Copa do Mundo. Por fim, a primeira derrota do Carletto, naquele que foi um dos principais apertos de mão de apresentação do futebol sul-americano com o técnico italiano. Em El Alto, numa altitude de mais de quatro mil metros, o Brasil sucumbiu à Bolívia na última terça-feira (9), que, com times historicamente devagar na técnica, mas acompanhados umbilicalmente de uma esfera rápida na medida em que a montanha é maior, conseguiu achar um gol de pênalti e neutralizar um Brasil sem criatividade, sofrendo com a altitude e a pelota mais viva do que o normal. Até que haja um consenso médico de proibição por conta da saúde dos atletas, impedindo jogos em determinada altitude, está tudo certo e se joga onde sua população vive. Para mim, é do jogo... embora bom jogo não haja.

Em quatro jogos, resultados razoáveis e muitos testes. Observações muitas, corretas na quantidade, penso eu. Não teria como ser diferente. Sou entusiasta da necessidade de um treinador de ponta e, por conseguinte, em tempos atuais, estrangeiros, de modo que a constatação de que o início de trabalho de Ancelotti na Seleção Brasileira não empolga é mero observar dos fatos, ainda não chega a ser crítica. Normais e necessários os tantos testes, mexidas de um jogo para o outro. E as performances, enquanto conjunto, ainda erráticas faz parte do momento.

O problema foi o ciclo, que ele pega do final, e dificilmente vai conseguir fazer milagre para entrar na Copa do Mundo, que já é no ano que vem, com um time maduro e empolgando o país a partir da bola jogada em busca da sexta estrela. Carlo Michelangelo Ancelotti talvez tenha que colocar seu nome do meio para jogo e construir uma obra histórica para fazer da Seleção Brasileira, em tão pouco tempo, e com poucos futuros jogos, algo inesquecível. Torço para estar errado ou, pelo menos, para que a ele seja dado um novo ciclo, completo, pensando em 2030. Mas pensar longe não é muito com o futebol brasileiro.

Colunista colaborador

SÃO PAULO X BOTAFOGO

Alvinegro não perde há 10 partidas

Tricolor busca se aproximar do G4 diante de um adversário que vem de uma eliminação pela Copa do Brasil

Da Redação

Foto: Rubens Chiri/São Paulo FC

O São Paulo vem de uma derrota de 1 a 0 para o Cruzeiro e busca a reabilitação diante do Botafogo, atuando em casa, pela 23ª rodada do Brasileirão

O São Paulo encara o Botafogo hoje, no retorno do Brasileirão, após a Data Fifa. O duelo é válido pela 23ª rodada da Série A e terá transmissão da TV Globo para todo país, a partir das 17h30, direto do MorumBis. O Tricolor busca os três pontos para se aproximar do G4, enquanto o Alvinegro do Rio, eliminado da Copa do Brasil pelo Vasco, precisa dar uma resposta ao seu torcedor, que já questiona o trabalho de Davide Ancelotti.

No recorte dos últimos 10 jogos, considerando todas as competições, o Botafogo não perdeu para o São Paulo. A equipe carioca acumula, no período, cinco vitórias e cinco empates. Atuando diante do seu torcedor, o Tricolor espera mudar o cenário recente do confronto, apostando na força de sua casa.

O Botafogo chega para a partida contra o São Paulo com foco total no Campeonato Brasileiro. A equipe já havia sido eliminada da Libertadores e, na última quinta-feira (11), despediu-se da Copa do Brasil. Com 35 pontos, colocado no G4, agora o time carioca corre atrás da classificação direta para o maior torneio de clubes do continente.

"A gente tem que mostrar um bom jogo. Tem um objetivo claro que é assegurar Libertadores e Copa do Brasil para o próximo ano. O torcedor vai voltar a acreditar se o time jogar bem. Temos que recuperar a confiança porque [a eliminação na Copa do Brasil] foi um golpe duro para a gente. É seguir trabalhando, não pensar muito longe. Pensar jogo a jogo, fazer bem na competição que temos, que é o Brasileiro", destacou Ancelotti.

Do lado são-paulino, Hernán Crespo quer manter a boa fase dos últimos jogos como mandante. Desde sua chegada, o clube venceu os quatro jogos que fez no MorumBis, valendo pelo Brasileirão. A expectativa é que o treinador possa contar com os três reforços que chegaram durante a janela de meio de ano (Mailton, Rafael Tolói e Rigoni). O atacante argentino, inclusive, retorna ao clube após uma passagem pelo Tricolor em 2021 e 2022, período que ele definiu como o melhor de sua carreira. Foram 13 gols e nove assistências em 70 partidas.

Para o duelo contra o Botafogo, Crespo não poderá contar com Bobadilla e Luciano, que estão suspensos. No entanto, ele terá reforços importantes no setor defensivo. O zagueiro Arboleda e o volante Marcos Antônio, que se recuperaram recentemente de lesões musculares, devem iniciar a partida.

Juventude x Flamengo

O Rubro-Negro visita o clube jaconeiro (com transmissão do Prime Video) querendo aumentar sua vantagem na liderança do Campeonato Brasileirão. Além disso, joga para quebrar um tabu que dura 28 anos. A partida acontece às 16h, no Estádio Alfredo Jaconi, em Caxias (RS), local que a equipe carioca não vence desde o dia 1º de outubro de 1997. Com 47 pontos, o Flamengo faz uma grande campanha no torneio de pontos corridos, acumulando o melhor ataque (45) e a melhor defesa (10).

Foto: Adriano Fontes/Flamengo

Pedro e Luiz Araújo em treino descontraído no Flamengo

Com parte dos jogadores do elenco voltando da Data Fifa, Filipe Luís só deve definir o time titular momentos antes da partida desta tarde. Durante a semana, o treinador não contou com peças importantes do seu esquema tático. Plata ficou fora de alguns treinamentos. Além dele, Varela, Alex Sandro e Jorginho foram poupados para controle de carga. O Flamengo joga a ida das quartas de final da Libertadores no meio da semana, contra o Estudiantes, da Argentina.

O Juventude é o 18º na tabela de classificação, com 21 pontos. Com o treinador Thiago Carpini, em cinco partidas, o time gaúcho igualou o número de vitórias (3) das primeiras 16 rodadas. Com o técnico, a equipe alcançou seu primeiro triunfo fora de casa, na última rodada (1 a 0, contra o Ceará, na Arena Castelão). É no bom momento que o torcedor se apoia para acreditar na manutenção do tabu de quase três décadas. São 13 jogos sem perder para os cariocas como mandante, acumulando sete vitórias e seis empates.

Outros jogos

A rodada do domingo inicia às 11h, quando Bragantino e Sport (Premiere) jogam no Cícero de Souza Marques, em Bragança Paulista. Às 16h, na Arena MRV, em Belo Horizonte, o Atlético-MG recebe o Santos (Premiere). Em São Januário, no Rio, às 20h30, o Vasco enfrenta o Ceará (SporTV e Premiere). Amanhã, a rodada será finalizada com Bahia e Cruzeiro na Arena Fonte Nova (Premiere), em Salvador, às 20h.

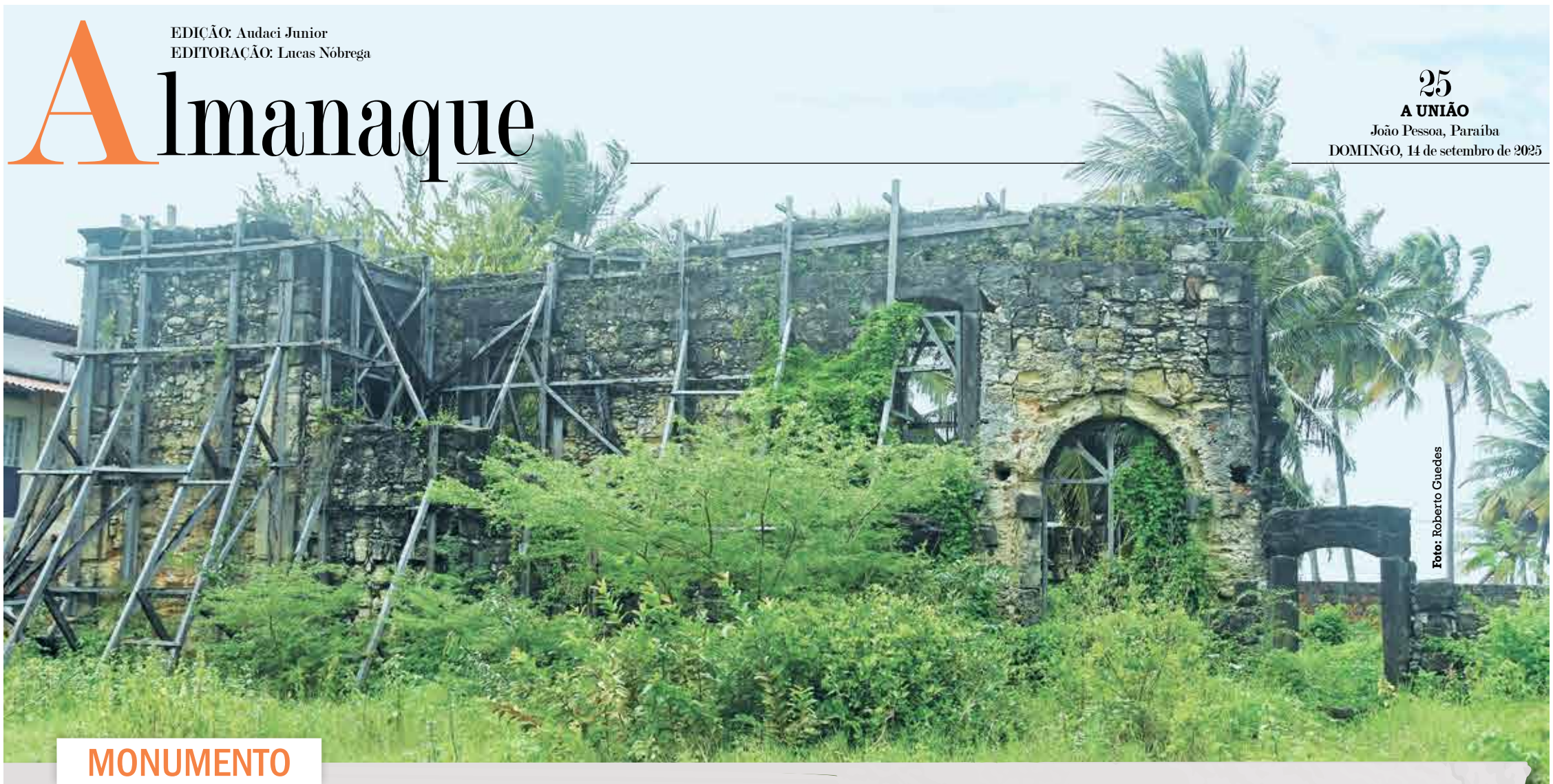


Foto: Roberto Guedes

MONUMENTO

Ruínas tombadas

Em Cabedelo, Igreja do Almagre é um local para o entendimento do passado colonial paraibano

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A vegetação cobre o que restou das pedras calcárias que, há mais de três séculos, sustentaram a Igreja Nossa Senhora de Nazaré do Almagre, no município de Cabedelo. Situadas à beira-mar, espremidas entre casas de veraneio localizadas nos limites da Praia do Poço e da Ponta de Campina, as ruínas do templo, que contam parte da história da colonização portuguesa na Paraíba, resistem escoradas por madeira que amparam algumas paredes que ainda se mantêm de pé.

"Quando eu era rapazinho, ia lá com a minha turma, e a gente gravava de canivete ou com uma faquinha o nome das namoradas nas pedras, fazendo corações. O charme era isso. A igreja já era abandonada e assim ficou, até que, aos poucos, foram levando tudo", confessa o médico aposentado de 88 anos, José Juvêncio de Almeida Filho, que também se denomina um veranista histórico da Praia do Poço. A ele foi confiada, há cinco anos, pelo pároco da área, a tarefa de recuperar, por meio de documentos, fotografias e relatos orais de antigos moradores, um pouco da história do local.

O livro *Desde os tempos de Almagre* foi encomendado como parte das comemorações pelo centenário da Capela de Nazaré, construída em 1920, pelos fiéis da Praia do Poço, quando a Igreja do Almagre já se encontrava em ruínas. Daquela época, o médico aposentado relembra uma procissão de pedras para construir um pedestal que abrigaria a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, retirada pelos católicos com receio de que ela desaparecesse da antiga igreja.

"Essa procissão consistia em cada um, de acordo com a sua capacidade de suportar peso, trazer uma pedra da Igreja até o local onde seria erguido o pedestal. Quando houve a inauguração da Capelinha do Poço, a santa foi colocada lá", conta. Os relatos sobre a primitiva imagem envolvem muitas reviravoltas, até que, segundo Juvêncio, mais recentemente, alguns antigos moradores conseguiram identificá-la como parte do acervo do Centro Cultural São Francisco, no Centro de João Pessoa.

Para narrar essas e outras histórias em torno da Igreja Velha, como era chamado pelos moradores do Poço o templo que hoje está em ruínas, o médico contou com o auxílio de Antonio Smith, um defensor do local que tentou organizar, sem sucesso, uma associação de amigos para lutar pela revitalização das Ruínas do Almagre. O acesso ao local continua limitado à população, restrito a quem se desafia a enfrentar o matagal ao lado da placa indicativa do monumento histórico, na Via Litorânea de Cabedelo.

Segundo pesquisa da historiadora Carla Mary, a Igreja do Almagre já constava em representações cartográficas do século 17, pois sua posição geográfica era estratégica para observação militar, de onde se podia divisar parte do acesso à foz do Rio Paraíba até a ponta do Cabo Branco. O nome "almagre", segundo a pesquisadora, é de origem árabe e significa "argila avermelhada", mas, no contexto colonial brasileiro, refere-se aos arrecifes avermelhados encontrados pelos portugueses na costa nordestina.

"A posição privilegiada de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre, numa praia da qual se podia perceber qualquer aproximação marítima a partir do Litoral Sul e, mais ainda, que estava resguardada de um eventual desembarque inimigo em suas proximidades, por ser protegida pelos arrecifes avermelhados que acompanham a linha costeira, só reforça o entendimento de que havia uma ligação intrínseca entre a "máquina" de conquista lusitana e o poderio eclesiástico", argumenta a historiadora.

Mesmo em ruínas, ainda é possível identificar elementos arquitetônicos que remetem à riqueza da construção, a exemplo da vieira, símbolo recorrentemente utilizado pelo cristianismo para representar a peregrinação rumo ao céu. Não é possível reconhecer a fachada do templo, mas, a partir de algumas fotos do início do século passado, Carla Mary sugere que seus traços remetem à sobriedade dos primeiros projetos do barroco italiano.

Ao longo dos séculos, a Igreja de Nossa Senhora do Almagre teria estado sob a coordenação de, pelo menos, três ordens religiosas: primeiro os jesuítas, depois os franciscanos e, finalmente, os beneditinos. Apesar das discordâncias dos historiadores sobre as datas, as referências apontam que a presença religiosa no local buscou a catequese dos indígenas até a invasão holandesa, quando se tem um silenciamento de mais de 100 anos nas documentações sobre o aldeamento. Cartografias e documentos do século 18 que fazem referência à Igreja de Nossa Senhora de Nazaré chamam o local de Utinga.

A historiadora Anna Pontes pesquisou sobre as Ruínas do Almagre tanto na graduação quanto no mestrado, e destaca o valor patrimonial do local onde, possivelmente, já em 1589, existia uma igreja de taipa. "É um local imprescindível para o estudo e para o entendimento do passado colonial paraibano. Além disso, é também um monumento importante para a história do Bairro do Poço, um espaço de sociabilidades e de memórias para a população, o que pode ser percebido em iniciativas locais para a preservação das ruínas", esclarece a pesquisadora.

Ruínas patrimoniais

Apesar de constar numa das primeiras listas de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1938, as Ruínas do Almagre ainda esperam por algum tipo de intervenção que tornem a memória do lugar acessível a toda a população. Na leva de monumentos tombados naquele ano, havia mais duas ruínas da Paraíba: a Casa da Pólvora, em João Pessoa, e o Forte Velho, também em Cabedelo.

Mas por que tombar algo que já está em ruínas? O que ainda pode ser feito daquilo que restou de monumentos históricos importantes, como a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre? No senso comum, ruínas estão associadas a edifícios que se encontram em avançado estado de degradação e destruição, portanto faz supor que a preservação seja diferente de bens conservados. A designação de tombamento, no entanto, representa o reconhecimento e a exigência de algum tipo de ação, como defende a historiadora Anna Pontes.

"As Ruínas do Almagre, enquanto ruínas patrimoniais — monumentos sem a forma e sem o uso originais, que aludem à construção original e ao próprio processo de arruinamento, tombadas e valorizadas na condição fragmentada em que se encontram —, precisam de ações de conservação urgentes e contínuas. Nesse sentido, a estabilização e a consolidação das estruturas são essenciais para que a ruína mantenha-se conservada como está, sem novos arruinamentos, e para que a sua visitação seja segura, sem riscos de acidente. A valorização do entorno da ruína é outro fator indispensável para a sua compreensão contextualizada", sugere a pesquisadora.

Uma ação civil pública proposta pelo Ministério Público Federal (MPF), em 2011, para recuperar, prevenir e resguardar a integridade física e cultural das Ruínas do Almagre, depois de 13 anos, concluiu pela condenação dos réus (proprietários particulares da área, município de Cabedelo e Iphan) a adotar medidas para conservação total das Ruínas do Almagre e garantir o franco acesso público ao bem e à praia. Na sentença proferida pela juíza da 3ª Vara Federal da Paraíba, Cristina Garcez, o Iphan foi obrigado a apresentar projeto de ações emergenciais capaz de garantir a estabilidade do edifício e a preservação dos seus aspectos culturais e arquitetônicos, bem como a adotar as medidas necessárias para executá-las.

Em 2016, o órgão realizou serviços de escoramento, limpeza, cercamento, drenagem e iluminação da área. O projeto previa a estabilização definitiva das ruínas e uma análise criteriosa das condições da estrutura e dos elementos remanescentes, de modo a permitir a reconstrução parcial do templo. Também estava prevista uma consulta pública para definir a destinação mais adequada para o local, seja como espaço religioso ou para visitação turística. Até o fechamento desta reportagem, a Superintendência do Iphan da Paraíba não respondeu aos nossos contatos para esclarecer sobre a continuidade ou o início de novos projetos.

Fotos: Roberto Guedes

Condição atual da fachada escorada do templo (foto acima); com a vegetação tomando os elementos arquitetônicos, como a vieira (à esq.), símbolo utilizado pelo cristianismo; registros do lugar nos anos 1920 (à dir.), feita pelo pesquisador e cineasta Walfredo Rodriguez (1893–1973)

Fotos: Walfredo Rodriguez/Arquivo Iphan

Alice de Azevedo Monteiro

Grande representante da imprensa educacional

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O jornalismo na educação enquanto forma de especialização pode ser considerado recente se comparado a outras segmentações, como de política, de economia e de esportes, por exemplo, mas essa temática já ocupava considerável espaço nos órgãos de imprensa da primeira metade do século 20. Na Paraíba, um dos nomes lembrados dessa época é o da professora Alice de Azevedo Monteiro, que levou a Educação Infantil para as páginas dos jornais e revistas, assim como para a imprensa ducacional que surgia nacionalmente com o objetivo de fazer circular informações sobre práticas de ensino e experiências pedagógicas.

Os pesquisadores ainda não conseguem precisar uma data para o nascimento da educadora. Sabe-se, no entanto, que a filha do primeiro-tenente do Exército, Norbertino Pereira de Azevedo, casou-se em 4 de janeiro de 1918, com o farmacêutico Alfredo da Costa Monteiro. Em junho daquele mesmo ano, ela foi nomeada professora da Escola Noturna da Capital, modalidade de ensino dedicada a ensinar as primeiras letras aos adultos. Apesar do reconhecimento nessa função, na qual esteve ao menos até 1931, sua trajetória docente ganhou destaque como fundadora e diretora dos primeiros jardins de infância da capital paraibana.

Para se especializar nessa modalidade, Alice Monteiro teria ido, em 1922, ao Rio de Janeiro, a fim de conhecer e estudar a organização dos jardins de infância instalados na capital federal. Na então Parahyba do Norte, as primeiras informações acerca do funcionamento de um grupo escolar para atender crianças a partir dos três anos de idade só apareceriam 10 anos depois. No jornal **A União**, além do anúncio do Curso Modelo, que incluía o jardim de infância e o curso primário, uma nota detalhava as experiências das educadoras responsáveis, Alice de Azevedo e Nayde Ribeiro, "ambas com práticas de ensino primário em São Paulo e nesta cidade, e nos estabelecimentos oficiais do Distrito Federal", bem como as metodologias adotadas e os preços.

Paralelamente à iniciativa particular, localizada nas proximidades do ponto final do bonde de Tambiá e posteriormente transferida para o prédio onde funcionava a Ordem dos Advogados da Paraíba, Alice dirigiu o primeiro jardim de infância público paraibano, em 1934. Uma imagem da professora, publicada na página dedicada à Paraíba da revista *Vida Doméstica*, destaca-lhe como única mulher de um grupo de importantes nomes do estado, revelando um pouco de sua influência nos círculos intelectuais. Na qualidade de secretária da diretoria regional da Cruzada Nacional de Educação, ela foi, naquele mesmo ano, indicada para compor a comissão de estudos responsável por reunir dados e recolher sugestões para a elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE).

A educadora não apenas foi referenciada pela imprensa local e nacional. Ela colaborou significativamente com seus escritos (artigos, crônicas e poesias) para veículos que formavam a chamada imprensa educacional, isto é, iniciativas de grupos de professores que tinham o objetivo de difundir informações de cunho pedagógico para auxiliar os docentes no aperfeiçoamento de suas práticas. No contexto em que a presença de temas educacionais na imprensa cabia, sobretudo, às professoras, Alice Monteiro apresentava-se como uma das precursoras do jornalismo em educação na Paraíba.

No jornal **A União**, por exemplo, encontramos sua assinatura em diversos comunicados na *Página Feminina*, espaço sob responsabilidade da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (APPF), da qual foi secretária. Ela também escreve resenhas de obras no mesmo periódico, como a do livro *Seca de 32*, de autoria de seu ex-aluno e então editor do órgão de imprensa, Orris Barbosa. Nota-se, na escrita, seu estilo minucioso e pessoal: "O ilustre jornalista, perfeito *gentleman*, ofereceu-me um exemplar de seu livro… Estava ansiosa por ver-me só com aquele volume. Queria ver se descobriria nele, naquele livro sério, o menino doutros tempos. É possível que o tenha encontrado, tão verdadeiras, humanas, comoventes e cheias de amor pelo torrão e pela pobre e varonil gente do norte são aquelas 198 páginas".

Noutra colaboração mais técnica, apresenta o texto construído a partir do tema da prova de História do Brasil, no Curso de Férias da Associação Brasileira de Educação: a arte colonial e o interesse que apresenta para o ensino primário. Alice Monteiro argumenta que "fazer a criança memorizar trechos de História é incorrer no risco de fazê-la repetir um desagradável exercício, porque os trechos serão em pouco tempo esquecidos. A atenção da criança prende-se facilmente em qualidades sensoriais… o que dará força a memória é o concurso das sensações…". Em razão disso, defende que "o ensino da História do Brasil deve ser feito, o mais possível, com o concurso dos monumentos coloniais conservados em quase todas as cidades do Brasil e nas antigas igrejas, onde se concentravam as mais belas e mais puras expressões de arte".

O discurso da imprensa na primeira metade do século 20 procurava atender às diversas demandas da vida urbana, como prensa oficial e editada pela Diretoria de Ensino Primário, cumpriu esse papel, publicando matérias sobre métodos e processos pedagógicos, bem como dados sobre a educação no estado. A assinatura do magazine era obrigatória a todos os funcionários do magistério primário e normal, ao custo anual de seis mil réis.

Alice Monteiro estreia no primeiro número do periódico com o artigo *Jardins de Infância*, defendendo a escola maternal como necessária para a preparação do aprendizado das crianças, concebidas enquanto "uma planta mimosa e gentil, frágil e encantadora, pedindo carinhosos e inteligentes cuidados" da jardineira, isto é, da professora que assume o papel mais de mãe que de mestra. "O Jardim de Infância é a escola do afeto. É aí que a criança começa a amar os seus mestres e, amando-os, a atendê-los, imitá-los, aprendendo com boa vontade o que lhe ensinem", argumentou.

No ciclo intelectual paraibano

A educadora escreveu, nos anos de 1932 a 1937, uma dezena de artigos para a revista, abordando questões sobre a infância, educação e o papel dos professores. Segundo Maíra Espindola, autora do verbete sobre a professora para o *Dicionário de Mulheres Paraibanas*, "podemos perceber que Alice de Azevedo Monteiro possuiu inserção no ciclo intelectual paraibano e, assim como outros sujeitos da época, defendeu a educação como um processo central para a formação da nação. Junta-se a essas questões as pertinentes ao momento histórico vivido por ela, ou seja, a imprensa, a educação/instrução da mulher, a exigência de reformulação das práticas pedagógicas para as escolas, a preocupação com a formação dos professores, a Escola Nova, o voto feminino, entre outras".

Alice expressa suas ideias acerca do voto feminino numa reportagem para o *Diário de Pernambuco,* onde ela é considerada "intérprete dos sentimentos da mulher paraibana". À pergunta-título da matéria, "A quem deve caber a representação da mulher paraibana na futura Constituinte?", a "senhora Alfredo Monteiro" argumenta que "o direito do voto conferido à mulher é apenas a prova de que o homem não pode mais apreciar a vida através das lentes invertidas do egoísmo e da maldade com que por muitos séculos acorrentou a companheira". Considera o voto uma "alta conquista de ética político-social", recorda que a mulher brasileira deixou de ser a mesma da época do Brasil Colônia, "da qual apenas se exigia graça e beleza", e sugere que "na Paraíba não são poucas as mulheres que poderiam, com brilhantismo, tomar parte na Assembleia [Constituinte] a reunir-se em breve".

Apesar de ressaltar as mudanças da mulher no campo profissional, Alice se mantinha atrelada a uma perspectiva nacionalista que prevalecia nos círculos sociais da época, defendendo o trabalho fora do ambiente doméstico sem dispensar a mulher de ser uma boa mãe, dona de casa e manter seus encantos femininos. Numa série de textos para o *Almanaque do Estado da Paraíba,* de 1934, a professora aproveita a abordagem do progresso econômico, urbano e social da capital paraibana para expor, estrategicamente, suas opiniões acerca da mulher e do feminismo.

Segundo a pedagoga Shirley Targino, que estudou o discurso de mulheres educadoras na imprensa paraibana, não se pode circunscrever a professora Alice Monteiro a um feminismo tradicional, que avançava para fora e, ao mesmo tempo, recuava para dentro do lar. "É possível que, em suas frases sobre a moralidade, o cuidado com lar e meiguice feminina como padrão, fossem táticas de mobilidade para não ser comparada a uma sufragista ou uma mulher ardilosa que passaria a influenciar suas ouvintes e leitoras", defende a pesquisadora.

Como católica e defensora do lar, Alice se revela como uma mulher de seu tempo capaz de vislumbrar novos horizontes, especialmente por meio dos meios de comunicação impressos e radiofônicos. Por ocasião da instalação da Rádio Tabajara, inaugurada com o nome Rádio Difusora, a professora elogiou a iniciativa governamental e sugeriu que o veículo pudesse ser utilizado para a "aproximação dos corações femininos do estado, levando aos mais longínquos rincões onde palpite uma alma feminina a palavra da mulher pessoense". A professora escreveu também para o jornal *A Imprensa* e para a *Revista Ilustração*, mostrando desenvoltura em crônicas, passeando por memórias e situações do cotidiano, explorando um lirismo com frases curtas, quase telegráficas, que dão à sua prosa uma aura poética.

Alice Monteiro inseriu-se como parte da elite intelectual da Paraíba participando de organizações como o Instituto de História e Geografia da Paraíba (IHGP), a Sociedade dos Professores Primários da Paraíba e a Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra da Paraíba, sendo diretora de 1936 a 1940 neste último. Nesse período, trabalhou na construção do Preventório Eunice Weaver, estabelecimento voltado às crianças filhos das pessoas com hanseníase.

Numa das edições de 1923 da revista *Era Nova*, uma entrevista feita por Analice Caldas ao estilo "pingue-pongue", de perguntas e respostas rápidas, permite-nos conhecer um pouco mais dos traços da personalidade de Alice: cumprir o dever e fazer o bem era seu emblema; a retidão, o traço predominante do seu caráter; ser esposa, mãe e educadora, o seu desejo; o magistério, a sua vocação; a má educação e a grosseria, aquilo que mais detestava; o teatro e a boa música, divertimentos e passatempos favoritos; Eça de Queiroz, Júlia Lopes, Zola e Flaubert e Olavo Bilac, seus escritores preferidos.

Alice de Azevedo Monteiro faleceu na madrugada de 29 de novembro de 1940. "O seu desaparecimento prematuro repercutiu em todos os círculos da nossa sociedade, tendo se verificado, logo que o acontecimento foi conhecido, um constante fluxo de pessoas à casa onde ocorreu o desenlace, testemunhando, assim, a extensão da estima que lhe era dedicada", noticiou a edição do dia seguinte de **A União.**

Ilustração: Pânio

Fundadora dos primeiros Jardins de Infância da capital paraibana, Alice Monteiro também foi uma das precursoras do jornalismo em educação no estado

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Ecossistema de comunicação: 92% ouvem algum formato de áudio no Brasil

Nove em cada 10 pessoas consomem algum formato de áudio, em rádio, músicas, *streamings* ou *podcasts*. Tal informação, resultado do 48º Data Stories — Inside Audio 2025 (da Kantar Ibope Media), mostra que esse tipo de conteúdo tem muita força no ecossistema de comunicação. Conforme a pesquisa, 92% das pessoas ouvem algum formato de áudio no Brasil.

Nesse cenário, o rádio tem um impacto impressionante com alcance massivo e atenção diária da audiência. Não é para menos, o rádio é um dos meios mais presentes e influentes na rotina dos brasileiros, atingindo 79% de alcance nas principais regiões metropolitanas e quase quatro horas de escuta por dia. Em média, os ouvintes escutam rádio por três horas e 47 minutos.

Para o estudo, foram pesquisadas 13 Regiões Metropolitanas: Grande Goiânia (84%) e Distrito Federal (73%), no Centro Oeste; Grande Porto Alegre (84%), Grande Florianópolis (82%) e Grande Curitiba (80%); Grande Belo Horizonte (87%), Grande Rio de Janeiro (80%), Campinas (79%), Grande Vitória (78%) e Grande São Paulo (77%), no Sudeste; Grande Fortaleza (81%), Grande Salvador (74%) e Grande Recife (73%), no Nordeste.

O 48º Data Stories também aponta que o rádio está em todo lugar e vive em múltiplas plataformas: do tradicional AM/FM ao YouTube e *streaming*. Detalhe: 70% da audiência está no dial, mas há uma presença crescente no digital, divididos em YouTube (33%), serviços *streaming* de rádio (16%), *app* da emissora (13%) e redes sociais da emissora (12%).

Foto: Leonardo Ariel

Redação da Tabajara: rádio é um dos meios mais presentes e influentes na rotina dos brasileiros

A pesquisa revela que "na era da personalização e da mobilidade, o áudio *online* se destaca por oferecer muito mais do que som: ele entrega conveniência, curadoria e conexão". E qual seria o motivo para os ouvintes escolherem o áudio *online*? Na verdade, não há um motivo apenas, mas vários e cinco se destacam: acesso sob demanda (54%); variedade de conteúdo disponível (52%); facilidade de acesso em diferentes dispositivos e locais (37%); personalização de recomendação com base no gosto do ouvinte (37%); e controle total da reprodução, como pausar, voltar, pular faixas (34%).

Dados sobre publicidade também constam do Data Stories — Inside Audio 2025. A pesquisa revela que ela cria conexões autênticas que envolvem os ouvintes, pois "informa, emociona e influencia de forma natural e poderosa".

Destacam-se, entre as características marcantes da publicidade em áudio: atualização sobre novidades/promoções de produtos/marcas (47%); humor e leveza na comunicação (28%); criatividade na forma de contar histórias (28%); anúncios que fazem sentido para mim (25%); sensação de proximidade ou conversa direta com o locutor (19%). Além disso, quando o assunto é publicidade para gerar ação e conversão, o áudio conquista cada vez mais espaço e atenção. Detalhe: 56% dos ouvintes gostam do formato das propagandas; e 43% já compraram ou pesquisaram algum produto/serviço em função de um anúncio que ouviu em áudio.

Apesar de eu ter pouca experiência nas redações de rádio, estou entre os milhões de apreciadores dessa plataforma em todo o Brasil. Ao longo da semana, dou preferência às rádios que priorizam noticiário. Já aos sábados e domingos, dedico parte do meu tempo a ouvir música em três emissoras: Rádio Senado; Rádio Tabajara e Parahyba FM (as duas últimas integrantes da Empresa Paraíba de Comunicação — EPC). Se você é amante das ondas do rádio, ou atua nesse universo midiático, manda um "alô" para mim.

Tocando em Frente

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O *pop rock* na MPB — III

Embora muitos o julguem brasileiro, Richard David Court (Beckenham, Condado de Kent, no sul da Inglaterra, 1952) — o Ritche — é inglês, filho de um pai militar, motivo pelo qual, já bastante viajado, aportou no Brasil (1970), depois de viver em Londres, no Quênia, no Iêmen, na Escócia, na Dinamarca, na Itália e na Alemanha, países onde deu início às atividades ligadas à música, como cantor, compositor e instrumentista (direcionado à flauta), tendo transitado por vários pequenos grupos ingleses, como a banda londrina Everyone Involved. Ao lado das atividades ligadas à música, chegou a ingressar no curso de Literatura Inglesa, na Universidade de Oxford. Em Londres, circulando pelo universo musical, no início dos anos 1970, foi apresentado pelo guitarrista Mike Klein a Rita Lee, Lucinha Turnbull e Liminha, que transitavam por lá em busca de adquirir novos instrumentos, sendo convidado a conhecer o nosso país e, somente por acaso, não participou de uma das formações de Os Mutantes.

Em 1972, após desembarcar em São Paulo, com a intenção de passar apenas três meses em gozo de férias, resolveu ficar em definitivo no Brasil, onde chegou a integrar vários grupos de *pop rock*, como Scaladácida, formado por ele (flauta e vocal), Azael Rodrigues (bateria), Fábio Gasparini (guitarra) e Sérgio Kafka (baixo). O grupo ainda foi sondado para assinar contrato com a gravadora Continental, o que não aconteceu pelo fato de que Ritche ainda não havia recebido o "visto de permanência" no país.

Em 1973, com o fim do Scaladácida, Ritchie, então com 21 anos, muda-se para o Rio, onde se casa com a estilista e arquiteta Leda Zuccarelli. Ali integra o grupo de *jazz-rock* Soma, juntamente com Bruce Henry (baixo), Alírio Lima (bateria e percussão), Tomás Improta (piano e teclados) e ele (flautista e *backing vocal*).

Em 1975, como flautista e vocal, passa a integrar um novo grupo — A Barca do Sol — de que também fizeram parte Nando Carneiro (violão, guitarra e vocal), Muri Costa (violão, viola e vocal) Jacques Morelenbaum (celo, violino e vocal), Beto Rezende (viola e percussão) e Alain Pierre (baixo e percussão). Naquele mesmo ano, juntou-se à segunda formação da banda mais importante do *rock* progressivo nacional, o Vimana, quando ele assume de vez a função de vocalista, inclusive com algumas incursões na língua inglesa. A banda era formada por ele, Lulu Santos (guitarra), Lobão (bateria), Fernando Gama (contrabaixo) e Luiz Paulo Simas (teclado).

Devido ao sucesso individual, em 1977, Ritchie acompanhou, por certo tempo, Patrick Moraez, ex-tecladista do grupo de *rock* progressivo britânico Yes (1968).

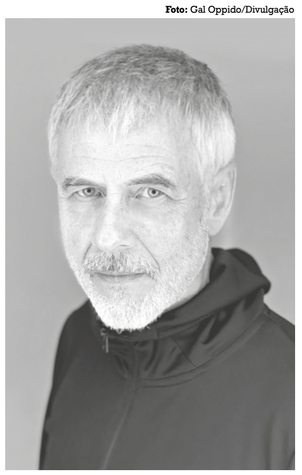
Em 1980, Ritchie é levado a Londres por Jim Capaldi a fim de participar, como arranjador vocal, da gravação do álbum deste — *Let the Thunder Cry* —, do qual também participaram Mel Collins (saxofonista), Reebop Kwaku-Baah (percursionista do Traffic), Andy Newmark (baterista de John Lennon) e Simon Kirk (do Bad Company). Boas companhias não lhe faltaram!

Quando regressou ao Brasil, em 1982, induzido por Bernardo Vilhena, letrista do Vimana, Ritche passou a compor em português, momento em que pensava em dedicar-se ao estilo *synth-pop*, algo semelhante ao que vinham fazendo algumas bandas, como Depeche Mode e The Human League; ou semelhante ao *new-romatic*, de Duran Duran, Culture Club e Spandau Ballet. Por essa época, Liminha, então produtor da Warner, levou à gravadora alguns *tapes* de Ritche, inclusive alguns em que este era acompanhado por Steve Hackett (ex-Genesis), pedido rejeitado por André Midani, então o todo-poderoso da gravadora, que, mais tarde, viria a arrepender-se por não o haver contratado.

O material rejeitado por Midani foi bem recebido pela CBS, cujo diretor, Cláudio Conde, avaliou o sucesso que dali poderia advir. Nasciam assim *hits* (1982-83) como "Voo do Coração", "Menina Veneno", "Pelo Interfone" e "A Vida tem dessas coisas", todas essas e outras mais em parceria com Bernardo Vilhena.

A título de ilustração: o álbum *Voo de Coração* (Epic/CBS), lançado em junho de 1983, somente quando do lançamento vendeu 1,2 milhão de cópias, desparecendo das lojas especializadas. As vendagens do disco proporcionaram-lhe a realização de cerda de 140 shows, pelo Brasil, Peru, Paraguai e outras praças. Outros sucessos ainda vieram, como "A Mulher Invisível" e "Sopra o Vento", esta, inclusive, utilizada na novela global *A gata comeu*.

Foto: Gal Oppido/Divulgação



Ritche, artista inglês naturalizado brasileiro

Notícias de jornais da época dão conta de que a CBS teria "escanteado" Ritchie, por exigências de "influências" internas, como, noutros tempos, teria acontecido com Sérgio Murilo (início dos anos 1960). Outro fator que teria causado o afastamento de Ritchie da poderosa TV Globo seria o condicionamento de "Velho Guerreiro" em exigir, em seu programa, a apresentação do cantor com a utilização de *playbacks*, o que não foi aceito por ele.

Mesmo assim, a vida artística dele ainda continuou estrelada: em 1986, com a música "Transas", que se tornou trilha da novela *Roda de Fogo*, ele foi agraciado com o Troféu Villa-Lobos e com o Troféu Imprensa.

De forma resumida, Ritchie continuou em atividade com o lançamento de álbuns, como vemos: *Loucura & Mágica* (1987), *Pra ficar contigo* (1988) e outros mais, pouco citados.

A partir da virada do milênio, ele passou a dedicar-se a computadores, tornando-se *websound designer*, passando a trabalhar também com a criação e implementação de *softwares* de áudio, sonorização de *websites* (Yahoo, Digital e Beatnik). Nos anos 2000, ele ainda participou de muitos outros projetos: em 2002, o álbum *Auto-fidelidade*, com parcerias com Erasmo Carlos, Nelson Motta, Ronaldo Bastos; em 2008, fundou o seu próprio selo, o PopSong, com regravações de seus sucessos; ao completar 60 anos de idade e 30 de carreira, lançou um DVD, apenas como intérprete, com canções da década de 1960, pouco conhecidas do grande público. Um fato marcante: em 2016, lançou um CD dedicado ao artista norte-americano Paul Simon: *Old Friends: the Songs of Paul Simon*; repetiu a dose, gravando, em 2019, o álbum *Wild World — The Songs of Cat Stevens*, dois álbuns muito bem recebidos pela crítica e pelos fãs.

Para comemorar quatro décadas do lançamento do seu primeiro álbum, realizou, em 2023 e 2024, uma grande turnê musical pelo Brasil, com o nome de *A vida tem dessas coisas. Feliz de quem viu!*.

Somente naturalizado em 2022, continua casado com Leda Zuccarelli, com quem tem duas filhas (Lynn e Mary) e um neto (Pedro).

TECNOLOGIA

ChatGPT é embutido em planos de internet

Parceria visa alavancar os modelos de negócios das empresas no Brasil

Circe Bonatelli
Agência Estado

A Claro e a OpenAI anunciaram uma parceria para alavancar os seus modelos de negócios no Brasil. As empresas decidiram embutir a ferramenta de inteligência artificial (AI), ChatGPT Plus (versão paga do aplicativo), nos combos de internet da operadora.

Assim, o ChatGPT Plus ficará disponível para o cliente da Claro pelo período de quatro meses, sem custo adicional. O benefício valerá para os planos da categoria "Claro Multi", que combinam banda larga, plano móvel e TV por assinatura. Os usuários poderão resgatar um *voucher* que cobre a mensalidade do aplicativo pelo período.

O objetivo da Claro é aumentar a atratividade dos seus planos por meio da oferta de mais serviços digitais. O ChatGPT foi escolhido porque a operadora entendeu que a inteligência artificial tem caído no gosto dos brasileiros e representa um grande chamariz. Para a OpenAI, a medida amplia ainda mais a visibilidade da ferramenta no Brasil, que já é o seu terceiro maior mercado do mundo, com mais de 50 milhões de usuários.

"É o início de um processo que vai avançar nos próximos anos com a oferta de serviços para uma vida mais produtiva e mais divertida para nossos clientes em cima da nossa conectividade", disse o presidente da Claro Brasil, Rodrigo Marques, durante entrevista coletiva à imprensa.

Marques afirmou também que vislumbra uma expansão gradual da parceria entre a Claro e OpenAI nos próximos anos, com a possibilidade de chegar a processos internos da operadora e serviços ofertados a clientes empresariais. "Começa com a oferta comercial e depois, tende a evoluir para dentro da Claro, no longo prazo", explicou Marques.

O diretor da OpenAI na América Latina, Nicolas Andrade, ressaltou o potencial da parceria em ampliar a visibilidade da ferramenta no Brasil. "Tenho certeza de que essa colaboração vai incentivar ainda mais pessoas a adotar essa tecnologia no dia a dia", declarou.

No fim de agosto, a OpenAI anunciou a abertura oficial de um escritório no Brasil, que ficará em São Paulo. Até aqui, a presença no país dava-se por meio da atuação de dois funcionários. Segundo a companhia, o espaço será um local para encontros e treinamentos em inteligência artificial a públicos diversos.

Mesmo questionada, a Claro e a OpenAI não deram detalhes sobre o modelo de negócio e como será o faturamento de cada parte. Foi dito apenas que a Claro vai se encarregar do valor da mensalidade do ChatGPT Plus por quatro meses. Depois disso, o cliente que quiser manter o serviço terá que fazer a contratação e o pagamento direto à OpenAI.

A parceria entre a tele e a *big tech* terá caráter de exclusividade por um período predeterminado, mas que também não foi revelado. Nesse período, a Claro não embutirá outro aplicativo de IA nos seus planos, nem o ChatGPT poderá ser oferecido em algum plano de outra operadora de telefonia.

Uso de dados

Nesta etapa, a Claro decidiu oferecer dados extras nos planos pré e pós-pagos para evitar que os usuários fiquem sem franquia pelo uso do aplicativo de inteligência artificial. Isso representa uma mudança na estratégia em relação aos anos anteriores, quando as operadoras deixaram de cobrar a franquia de dados para atrair clientes que visam os aplicativos de redes sociais e *streaming* de áudio e vídeo por exemplo.

Essa política era chamada de "ser *rating*". No entanto, ela tornou-se um problema diante da quantidade de dados consumidos por esses aplicativos, e as operadoras começaram a cortar esses benefícios. "Desta vez, com o ChatGPT, não é 'zero *rating*', porque nós sabemos onde começa o consumo de dados, mas não sabemos onde termina", frisou Marcio Carvalho, Diretor de Marketing da Claro, ao explicar a opção por oferta de dados extras e limitados.

No pré-pago, haverá um pacote adicional de dados: ao recarregar R$ 30, o cliente recebe 15 GB de internet, sendo 12 GB para uso geral e 3GB de Extraplay, exclusivos para ChatGPT e YouTube. Nos planos Controle, haverá uma franquia extra de 5GB, dedicada a redes sociais e ChatGPT.

O ChatGPT Plus (versão paga), que tem os motores mais avançados, resposta mais rápida, acesso ao agente, personalização nas tarefas, acesso ilimitado ao Sora para geração de vídeos, e teste de novos recursos em fase de lançamentos.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Aqui (1) = cá + pedras fragmentadas (2) = brita. **Solução:** garota espevitada (3) = cabrita.

Charada de hoje: Junto a um altar de pedra (2), próximo de uma fogueira (2) bem aqui (1), fica situada a cidade alagoana.

Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

Eita!!!!

Foto: Reprodução/Tomatina.org

Tomatina: 80 anos

Famosa batalha de tomates da Espanha completou oito décadas neste ano. Durante uma hora, milhares de pessoas utilizam 120 toneladas de tomates maduros para tingir de vermelho, além de elas mesmas, as ruas de Buñol, uma cidade distante cerca de 13 km de Valência. Realizado sempre na última quarta de agosto, o festival foi inspirado numa batalha de comida entre crianças locais, que atiraram tomates entre elas, em 1945.

Proibição e reconhecimento

Após tornar-se uma tradição anual, a Tomatina foi brevemente proibida na década de 1950, pelo ditador espanhol Francisco Franco, decisão que gerou protestos entre os moradores. A atenção da mídia televisiva, nos anos 1980, acabou levando a batalha a ser transformada em um evento nacional, atraindo uma multidão de turistas de vários países. Em 2002, a Espanha reconheceu, oficialmente, o evento como uma atração turística internacional. Desde então, só foi suspenso duas vezes, em 2020 e 2021, por causa da pandemia da Covid-19.

Não comestível

As frutas usadas na guerra, nas ruas de Buñol, não são cultivadas como as destinadas à alimentação. Isso porque elas são plantadas exclusivamente para o festival, alegou o vice-prefeito de Buñol, Sergio Galarza. "Se a Tomatina não existisse, esses tomates não seriam cultivados porque não haveria necessidade", disse para a *Associated Press*. O fornecimento de 2025 sai de Don Benito, cidade a aproximadamente 5h de distância.

Regras na batalha de tomates?

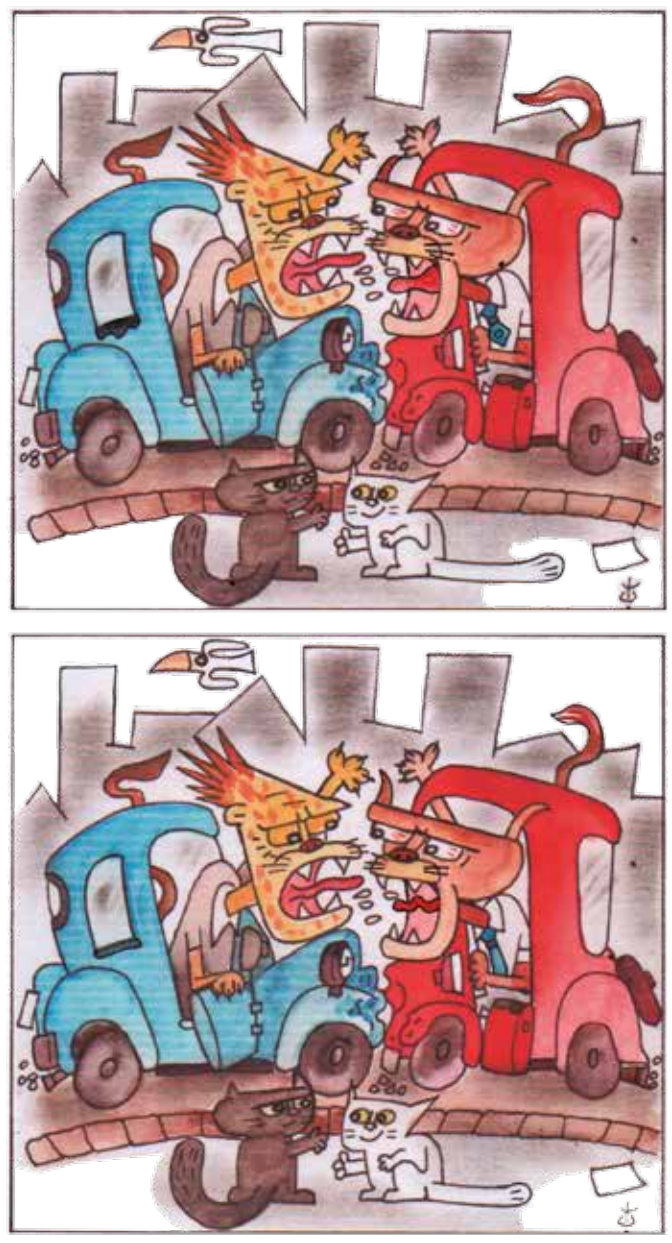
Não há equipes, pontos ou árbitros no evento, mas há uma diretriz: para evitar lesões, os participantes são incentivados a esmagar os tomates antes de atirá-los. Mesmo assim, muitas pessoas usam óculos de natação e tampões de ouvido para proteção. Quando o festival termina, fim marcado pelo som de um tiro de canhão, a multidão se move para lavar-se em chuveiros comunitários próximos, enquanto as ruas de Buñol são lavadas com uma mangueira. Embora as manchas nas roupas sejam provavelmente irreversíveis, o ácido cítrico nos tomates atua como um agente de limpeza eficaz no pavimento. Três a quatro horas depois, as ruas da cidade, às vezes, estão mais limpas do que antes do festival.

Outros eventos

Festivais semelhantes com batalhas de tomates já foram realizados na Flórida (EUA), em Londres (Inglaterra), em Amsterdã (Holanda), na cidade de Sutamarchán (Colômbia) e, mais recentemente, em Hyderabad (Índia).

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – cauda da onça; 2 – cauda do gato; 3 – prédio; 4 – pássaro; 5 – gravata; 6 – língua; 7 – orelha; 8 – janela do carro; e 9 – bigode do motorista.